ALEXANDRE SOLIENITSYNE ENTREVISTADO NO «SUPLEMENTO LITERÁRIO»

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 633 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA

Negociações com o Leste

é um dos temas da reunião da NATO que hoje começa em Washington

WASHINGTON, 10 — (F. P.) — O conselho de ministros da N. A. T. O. que hoje inicia a sua sessão da Primavera tem na sua frente um volumoso relatório preparado pelo conselho dos permanentes e relativo à maneira de abrir negociações com a U. R. S. S. e melhorar as relações entre o Leste e o Oeste.

O Conselho dos Permanentes submete aos ministros dos Negócios Estrangeiros dos quinze países da Aliança uma série de recomendações acerca das medidas que devem ser tomadas individualmente pelos Governos e colectivamente pela N.A.T.O. e segundo todas as indicações é a decisão dos ministros quanto àquelas recomendações que constituirá o ponto mais importante da presente sessão. Por outro lado, os ministros deverão dar o seu parecer quanto á proposta de conferência pan-europeia apresentada pelos países do Pacto de Varsóvia. A este propósito o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, falando ontem no «National Press Club», disse que «não tinha soado a hora» de ir para uma conferência europeia, e o secretário-geral da N. A.T.O., Manlio Brosio, afirmou que a conferência proposta não era o método mais apropriado para solucionar os problemas de segurança na Europa. Os norte-americanos entendem que conferência tão vasta, e da qual se veriam provàvelmente excluídos, não será o melhor meio de estabelecer a paz no velho mundo. Porém consideram que a proposta dos países do Pacto de Varsóvia merece ser «explorada». Uma fonte oficial americana definiu do seguinte modo a sessão da N.A.T.O. que hoje abre em Washington: «Sublinhar-se-á menos os vinte anos de êxito da N.A. T.O. do que as linhas políticas que vão guiar a Aliança no terceiro decénio da sua existência».

● Proposta russa (p. 14)

O senador norte-americano Mike Mansfield, que disse esperar para breve um cessar-fogo tácito no Vietnam. (Ler na pág. 15)

Dois mortos e mais de 150 feridos nos incidentes em Itália

(Ler na pág. 14)

O rei Hussein, da Jordânia, passando revista á guarda de honra á sua chegada a Washington. O jovem soberano, que efectua uma visita de três dias aos E. U. A., conferenciou já com o presidente Nixon e com o secretário de Estado Melvin Laird

A JORDÂNIA PRETENDE RECONSTRUIR A SUA FORÇA AÉREA

WASHINGTON, 10 — (R.) — O rei Hussein da Jordânia discutiu a noite passada as necessidades militares do seu país com o secretário da Defesa norte-americano, Melvin Laird.

Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha têm sido os maiores fornecedores de armas á Jordânia que se tem abstido, até agora, de seguir o exemplo de outros países árabes que obtêm armas da União Soviética.

Funcionários jordanos e do Pentágono recusaram-se a revelar os pormenores da conferência de 55 minutos, limitando-se a dizer, numa lacónica comunicação, que «discutiram, entre outras coisas, a situação no Médio Oriente e as necessidades militares da Jordânia».

Anunciou-se que a Jordânia tem insistido no sentido de que lhe sejam fornecidos mais aviões para reconstruir a sua Força Aérea, virtualmente destruída durante a guerra de 1967 com Israel. Os Estados Unidos concordaram em vender á Jordânia «Starfighters F-104», mas os jactos não foram entregues.

HOJE 32 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

ESTE PAVILHÃO DO HOSPITAL DE S. JOSÉ AO FIM DE NOVE MESES JÁ PRECISA DE OBRAS

Esta é a fachada do Pavilhão de Traumatizados Crânio-Encefálicos, do Hospital de S. José, que foi construído há nove meses e está a ser evacuado por ameaçar ruína. (Ler na última página)

A C. N. N. VAI ADQUIRIR MAIS TRÊS NAVIOS DE CARGA

— foi anunciado na assembleia geral

— *Actividade próspera ou ruinosa, a Marinha de Comércio terá de acettar-se, pela força inelutável da actual conjuntura, como uma constante da vida da Nação: um atributo indeclinável da defesa do território* — afirmou na assembleia geral da Companhia Nacional de Navegação o presidente cessante do conselho de administração, sr. eng.º José Rodrigues dos Santos.

Segundo o orador, «não há evasão possível a esta evidência. Por isso a promoção do progresso técnico e económico da frota mercante, servindo no campo específico do apoio logístico a estratégia da defesa, e acrescentando no domínio da economia novos valores ao potencial de reservas com que o País enfrenta o desgaste implacável, imposto pela subversão aos seus limitados recursos, é a única via que nos é permitida. Multiplicando-se em meios de acção; procurando em outras rotas maior desafogo económico, a C. N. N. integra-se, sem desvios, nos mais altos e nobres desígnios do interesse nacional.»

Passando a apreciar os resultados apresentados pela empresa em relação a 1968, referiu o sr. eng.º Rodrigues dos Santos o condicionalismo que durante muitos anos dificultou a elevação do capital social da empresa para o nível compatível com a sua dimensão e, ao mesmo tempo, limitou, por via legislativa, a distribuição de dividendos.

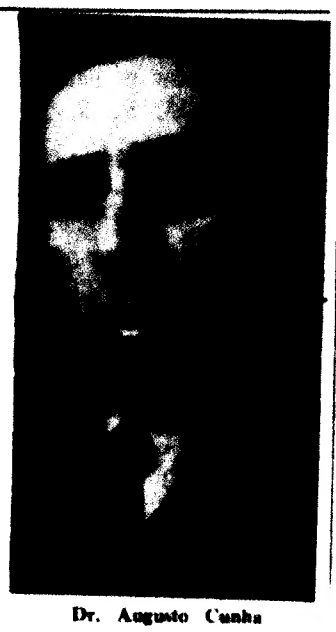
— *Daqui resultou* — como disse — *que a Marinha de Comércio, travada por disposições dràsticas, deixou de ser uma actividade apta a aliciar novos capitais, perdendo progressivamente o carácter de actividade autónoma, pela permanência de um conceito que fora justo e fizera época, mas não evoluíra no tempo. A Marinha de Comércio transformou-se num caso àparte, regido por normas peculiares: vivia em circuito fechado. Todas estas razões, e o nosso intenso desejo de polarizar as atenções do capital português numa actividade tradicional, apta a remunerar razoàvelmente futuros investimentos, nos levaram, este ano, a encarar de frente o problema.*

A factores favoráveis decorrentes da actividade normal da empresa, ajudados por uma utilização racional e intensiva do seu equipamento, juntaram-se alguns factores extraordinários — como lucros resultantes de desinvestimentos —, dando origem ao resultado final de 65 173 contos. Uma mais elevada rentabilidade ainda teria sido possível, prosseguiu o orador, não fôra o congestionamento verificado em muitos portos e as deficientes condições de trabalho verificadas em alguns outros.

Referiu ainda o sr. eng.º Rodrigues dos Santos as perspectivas no futuro imediato de uma queda no transporte de passageiros, como consequência da concorrência aérea, anunciando a seguir a aquisição, no decorrer de 1969, de mais três navios de carga.

Por fim procedeu-se á eleição dos novos corpos gerentes, cujo conselho de administração (com excepção do presidente, que entendeu não dever candidatar-se de novo) foi reconduzido. Presidirá aos destinos da C. N. N., no triénio 1969-1971, o sr. comandante Albano de Oliveira.

Evocação de Augusto Cunha no 75.º aniversário do seu nascimento



Dr. Augusto Cunha

Se fosse vivo, completaria hoje 75 anos o escritor dr. Augusto Cunha, que foi durante muitos anos colaborador efectivo do «Diário de Lisboa».

Formado em Direito, foi episòdicamente juiz e durante muitos anos funcionário de serviços públicos ligados ao Ultramar, tendo-lhe cabido dirigir, durante vinte anos, a revista «O Mundo Português», a cuja iniciativa se ficou devendo o «1.º Cruzeiro de Férias às Colónias», em que tomaram parte, como estudantes, algumas dezenas de pessoas, muitas das quais vieram a assumir posições de vulto na vida portuguesa.

Na qualidade de director daquela publicação editada pela, então, Agência Geral das Colónias, Augusto Cunha recebeu a incumbência de assumir a direcção do Cruzeiro, cuja parte cultural foi dirigida pelo então jovem catedrático de Direito doutor Marcello Caetano, cujos adjuntos eram dois outros jovens professores, o dr. Norberto Cardigos, professor liceal muitos anos depois fixado em Lourenço Marques, e o dr. Orlando Ribeiro, hoje catedrático da Faculdade de Letras, todos contando então menos de trinta anos. O «veterano» director, Augusto Cunha, tinha por essa data 41 anos.

Poeta e escritor, cronista muito espirituoso e satírico, deixou na colecção do «Diário de Lisboa» a colaboração literária dos seus últimos anos de vida sob o título de «Espelho Côncavo», que se publicava regularmente e onde focava, sob o ângulo do humorismo, pitorescos quadros da vida de que era arguto contemplador.

DE ONTEM PARA HOJE

ATRAVÉS DE ANGOLA

Foi um dos grandes empreendimentos do começo deste século o atravessamento de Angola pelo caminho-de-ferro. De Benguela á fronteira do Congo, á povoação que seria baptizada com o nome de Teixeira de Sousa, e de estadista que assinou a concessão e estabeleceu os contratos, o Caminho-de-Ferro de Benguela foi um arrojo e um elemento civilizador para regiões enormes e factor de desenvolvimento económico para toda a África Central. E houve partes difíceis, chegando-se a construir em cremalheira, e cheia de curvas e contra-curvas. Mas o caminho-de-ferro de Benguela fez-se. Mas modernamente desenvolveram-se os meios de transportes e também a forma de construção. E não deixa de ser empreendimento grande e cheio de confiança no futuro e que anuncia agora a empresa, de capital sobretudo estrangeiro, para a melhoria do sistema de comunicações. Vão ser despendidos 700 mil contos na construção da variante de Lobito ao Cubal, em caminho mais fácil e suave do que o da actual via. Terá ela a extensão de 147 quilómetros, encurtando em trinta e cinco quilómetros o percurso de Lobito até ao Cubal. Terá menos duzentas e quarenta curvas do que a linha existente e as que vai ter serão de raio não inferior a 310 metros, comparado com o de 100 metros de muitas curvas de antigo traçado. Além disso, reduzirá de 2,5 por cento para 1,25 por cento os declives mais acentuados. No novo traçado será aplicado carril mais pesado para comportar locomotivas de maior potência. Eliminado, pela forma que fica indicada, o estrangulamento da secção do litoral, a nova linha aumentará para mais do dobro a capacidade de todo o caminho-de-ferro. O alargamento das curvas e a redução dos declives oferecerão melhores condições para o emprego da tracção «diesel», e contribuirão para o aceleramento do tráfego e a maior economia da exploração. A obra será executada por administração directa da companhia, empregando os seus próprios serviços, pessoal e equipamento. Empreendimento grande nos começos do século, o Caminho-de-Ferro de Benguela continua actualizado e a ser factor de civilização e desenvolvimento económico de África.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. dr. Silva Cunha, ministro do Ultramar; dr. Francisco do Vale Guimarães, governador civil do distrito de Aveiro; António de Medeiros e Almeida, presidente da comissão organizadora da Fundação Presidente Salazar; e eng.º Armando Telo da Gama.

A BOIAR NO TEJO

Junto á muralha do estaleiro da Lisnave, na Margueira, apareceu a boiar na água o corpo do sr. Francisco Manuel Guia, de 42 anos, pedreiro, morador em Cacilhas. Deve ter caído á água na noite, quando passava junto da muralha. Ficam dois filhos menores.

«SÓ UMA COISA ESPIRITUAL...»

Casaram ontem na 7.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa o sr. Mário José da Costa e a sr.ª D. Elisa Costa. Ele de 73 anos, a noiva de 77. Apadrinhou o acto a popular artista Hermínia Silva que conheceu a noiva quando esta frequentava os teatros e casas típicas. E no final, muito enternecido o noivo: «Estou muito contente. Mas bem vê: este casamento é só uma coisa espiritual...

O PROBLEMA DAS RENDAS

Na Associação Lisbonense de Proprietários reuniu-se a comissão de Iniciativas e Planeamentos para estudar os problemas das rendas baixas e dos efeitos dos danos do sismo de 28 de Fevereiro último. Lamentaram que sejam unicamente eles a arcar com a obrigação das reparações, não se tendo em conta as rendas recebidas, as quais, em centenas de casos, não chegam a atingir o mais modesto preço de aluguer de um simples quarto sem mobília.

AS FARINHAS

No Instituto Nacional do Pão realizou-se ontem mais um colóquio promovido por aquele organismo de coordenação e integrado na série de encontros de carácter técnico dedicado á apreciação de assuntos interessando o ciclo económico edstrito ás suas actividades. O tema, desenvolvido pelo eng.º agrónomo SEilvestre Brilhante, foi sobre «Melhoramentos de Farinhas—resultedos obtidos». Falou de diversas experiências feitas e dos seus efeitos.

Registaram-se em 1968 dificuldades de cobrança na venda de automóveis

— diz o relatório da Auto-Industrial

Dificuldades de cobrança e quebra nas vendas de unidades comerciais pesadas são mencionadas pelo relatório de 1968 da Auto-Industrial, S.A.R.L., como reflexos mais evidentes da «instabilidade internacional e outros factores» sobre a actividade económica portuguesa, e nomeadamente no ramo automóvel.

No entanto a empresa, mercê de uma política de consolidação e expansão apoiada em cuidadosa descentralização, fechou o exercício com um lucro líquido superior a 5 mil e 500 contos, distribuindo 2 mil aos accionistas e retendo outro tanto para fundo de reserva legal.

Segundo o relatório, em 1968 acentuaram-se as tendências verificadas no ano anterior: expansão do mercado automóvel devido ás unidades de menor cilindrada e quebra nas viaturas comerciais pesadas. Para um total metropolitano de vendas á roda das 52 mil unidades (mais 4700 que em 1967), a General Motors contribuiu com 8809 (mais 1421) e a Auto-Industrial com 1488 (mais 248). «Este aumento de vendas, proporcionalmente muito superior ao do mercado», sublinha o documento, «foi possível dada a boa aceitação das viaturas Vauxhall, Bedford e Opel, montadas pela General Motors na Azambuja».

Artes plásticas

Exposição de Mily Possoz na Galeria Divulgação

Fica hoje patente na Galeria Divulgação a exposição da artista Mily Possoz, recentemente falecida.

A exposição de Mily Possoz que compreende obras inéditas deixadas pela pintora, manter-se-á aberta até o dia 10 de Maio.

Maria Emília Barbosa Viana na S. N. B. A.

Maria Emília Barbosa Viana, paisagista de boa escola, daquela escola de Mestre António Saude, volta a expor na S.N.B.A. Ali abre a exposição amanhã.

Além de paisagens, Maria Emília Barbosa Viana apresenta, como é já tradicional, as suas flores e as miniaturas em que tem sobressaído a sua arte.

A exposição é inaugurada ás 16 horas.

A exposição de Bertino

Na Galeria Interforma tem sido muito visitada a exposição do artista Bertino antigo bolseiro da Fundação Gulbenkian e que desde há anos se encontra fixado em Paris.

As obras de Bertino tem suscitado grande interesse.

Exposição de aquisições da Fundação Gulbenian em Paris

Mercê de diversas aquisições feitas em Paris, a Fundação Calouste Gulbenkian enriqueceu, recentemente, as suas colecções com a incorporação de várias obras de Columbano, Sousa Lopes, Francisco Smith, Souza-Cardoso e Maria Helena Vieira da Silva.

Nestas obras assim reunidas no estrangeiro, em distintas oportunidades, e que constituem contribuição de relevo para o património artístico nacional, vão agora ser apresentadas na Galeria da Fundação, com acesso pela Rua Marquês de Sá da Bandeira, em exposição cuja abertura está marcada para o próximo dia 14, pelas 18 e 30 horas.

VIDA SOCIAL

ENG.º CANTO MONIZ

O eng.º Canto Moniz, acompanhado por sua mulher, partiu hoje para o estrangeiro, em viagem de carácter particular que demorará alguns dias.

NAUTICAMPO III
(De 11 a 20 de Abril)
INAUGURA-SE AMANHÃ
Novidades em equipamentos de recreio náutico, desporto e de campismo
HORÁRIO
Sexta-feira — Das 17 às 24 horas
Sábado — Das 15 às 24 horas
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Cofres de aluguer
Av. República 3
BANCO DO ALENTEJO

CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO

A TURQUIA E OS AMERICANOS

ANKARA. — Por detrás do predominante antiamericanismo dos círculos turcos intelectuais e profissionais, encontra-se a convicção, imprecisa mas intensa, de que a Turquia se tornou um títere nas mãos dos americanos. Esta crença assenta dificilmente a um povo que é muito orgulhoso, tradicionalmente xenófobo, e recentemente exposto à corrente mundial do pensamento esquerdista.

Por ALFRED FRIENDLY

Exclusivo «Washington Post»-«Diário de Lisboa»

A convicção é diligentemente alimentada pela União Soviética, mais ou menos directamente através da «Bizin Radyo» (Nossa Rádio), uma emissora balcânica que pretensamente opera clandestinamente em território turco — e pelo Partido Trabalhista turco, uma entidade política criptocomunista cuja importância é consideràvelmente maior do que poderia indicar a sua votação de 2,7 por cento nas eleições do ano passado.

A propaganda antiamericana é a normal. Diz que o auxílio e os investimentos norte-americanos são motivados unicamente pelo imperialismo económico, que os E. U. A. estão aumentando constantemente o seu domínio nos negócios e na indústria, que a presença militar americana é só para proteger os interesses financeiros americanos, e que o Governo turco e as classes dirigentes se tornaram subservientes para com os pedidos estadunidenses.

Ora isto não é verdade. Os investimentos americanos privados diminuiram constantemente nos ultimos anos e eram de menos de 1 por cento do total em 1968. Outros 7 por cento são provenientes de outras nações. A Turquia, com as suas próprias poupanças, preenche os restantes 92 por cento, um espantoso e admirável «record» a creditar num país em desenvolvimento.

O mesmo acontece em relação ao Governo, como testemunham os diplomatas que com ele tratam, com certa veemência, que é independente como um raiano, para não dizer abstinado. E os generais turcos, os almirantes e comandantes do ar nada têm a dever aos seus correspondentes noutros países do Mundo na determinação de seguir uma política própria e de executá-la a seu modo.

Porém o mito derrubou a realidade. Além disso, o Governo do primeiro-ministro Suleiman Demirel é deplorávelmente ineficaz na destruição deste mito. A respeito da sua feição conservadora, o Governo trouxe o mais progressivo regime de que a Turquia gozou durante muitos anos, mas a sua habilidade, ou maneira de conseguir para si próprio boas relações publicas, raia pela inépcia.

O pensamento de Demirel parece ser que paciência e tempo acabarão por curar o problema esquerdista, e com ele as atitudes antiamericanas. Acima de tudo está decidido a não ser tomado de pânico pelos excessos da oposição assim como pelas desordens e demonstrações estudantis de modo a ser obrigado a tomar medidas repressivas, como a ala direita do seu partido constantemente lhe exige. Foi justamente semelhante solução dos problemas internos nos anos 1950 que levaram o Exército a derrubar o primeiro-ministro Adnam Menderes e a executá-lo.

Enquanto Demirel se encontra certamente dentro da razão ao não querer ser tomado de pânico suprimindo os direitos democráticos, o que acabaria com o tempo por se tornar uma dádiva para os esquerdistas, talvez seja demasiado confiante na acção do tempo.

Certamente que a Turquia está a manter uma notável taxa de crescimento anual de 6 a 7 por cento e económicamente construindo melhor do que países mais desenvolvidos, ao tempo que mantém firmemente instituições políticas que podem amadurecer num sistema realmente democrático. Mas isto não passa de possibilidade. Muitos dos ganhos económicos são comidos pela sua terrificante taxa de natalidade — 3,5 por cento — um problema que o Governo terá de encarar muito a sério. Os seus investimentos de capitais são altos em quantidade mas pobres em qualidade.

Certas instituições políticas, como as eleições primárias, esperam uma reforma que não está próximo. E básicamente o Governo não deu um passo para as reformas sociais que acabarão por dar aos intelectuais nacionais um papel apropriado nas classes dirigentes.

Demirel não conseguiu sacudir do seu partido o domínio dos interesses e atitudes camponesas nem se tornou independente das pressões dos grupos de reaccionários e fanáticos religiosos. Deste modo a insatisfação poderá aumentar ainda mais do que até agora. O facto do Partido da Justiça de Demirel ter obtido 55 por cento dos votos nas ultimas eleições e dispor de uma maioria absoluta em ambas as casas do Parlamento poderá não ser tão reconfortante, por estas vantagens serem menos permanentes do que pensa Demirel.

O objectivo dos partidos da oposição nas eleições nacionais futuras é acabar com a maioria absoluta do Partido da Justiça e deste modo forçá-lo a um Governo de coligação. Se bem o negue, o Partido Trabalhista turco pode encontrar-se na expectativa da criação de uma frente popular, rogando aos votantes que não possam dirigir-se aos postos de voto pela sua lista que dêem os votos ao Partido Republicano do Povo, o principal grupo de oposição, que tem deslizado para a esquerda com grande velocidade nos ultimos anos.

Um Governo de coligação poderia ser uma tragédia, porque o seu efeito seria o imobilismo. Nada de consequente poderia sair de um Governo composto de homens de tão profundas divergências sociais e económicas. Compreende-se que nada conviria mais á esquerda comunista.

O problema que se levanta é até que ponto numa situação política em que o antiamericanismo é a primeira base de acordo da oposição, podem ou devem os Estados Unidos fazer alguma coisa a este respeito. A provável resposta não é muito animadora.

O embaixador americano Robert W. Komer, actualmente «bode espiatório» e alvo das mais virulentas formas do antiamericanismo ambiente, fez o que podia fazer. Para apresentar o mais baixo perfil militar possível, reduziu o numero das tropas americanas estacionadas na Turquia para 10 por cento. A despeito do muito barulho no movimento das pedras de xadrez dos almirantes, decidiu uma política de acabar por algum tempo com as visitas da 6.ª Esquadra, afastando deste modo um pretexto para as desordens e demonstrações antiamericanas.

Os Estados Unidos devem igualmente tirar uma folha do livro russo ao que parece ter sido escrita na Avenida Madison, ao cultivar os dirigentes turcos de importancia. A embaixada soviética em Ankara, por exemplo, faz com que todos os membros dos 600 homens que compõem o Parlamento sejam convidados para as luxuosas recepções na Embaixada. Inunda o país com traduções de literatura comunista. Quase sem excepção o enorme pessoal da Embaixada russa — umas 100 pessoas — fala excelente turco, e o actual embaixador anunciou que será o ultimo chefe de missão que o seu país envia a não falar turco.

Mas na melhor das hipóteses, estes assuntos são marginais, se bem que, como parece incansàvelmente fazer, seja fácil para a U.R.S.S. complicar os problemas turcos. Nenhuma nação no exterior pode fazer muito para os facilitar.

Em especial esforçando-se com os seus próprios meios, a Turquia está a fazer notáveis progressos ao erguer-se do século XV para o século XX. Juntamente com o Irão, o Líbano e Israel, parece ser um dos poucos países do Médio Oriente em ascensão. Mas os próximos anos serão penosos. Caracterizar-se-ão certamente por uma continuação ou mesmo intensificação da propaganda contra os Estados Unidos, que poderia ser fatal se uma reacção americana seguisse o caminho da loucura.

ECOS

VAN den Berg escreveu: «A criança não foi sempre criança, tornou-se criança». Aparentemente obscura e paradoxal, esta frase encerra um sentido profundo. Outrora o problema da formação das crianças não se formulava como hoje. Contactando intensamente com os pais, que lhes ensinavam o essencial da vida, as crianças cresciam regularmente até ao momento em que, plenamente responsáveis, se tornavam adultas como os seus antecessores. A própria puberdade, modificação qualitativa do organismo, surgia como uma crise sem gravidade no quadro das ocupações familiares. No entender de Jean Baby, essa uniformidade na vida das gerações garantia ao filho, como garantira ao pai, uma continuidade e consequentemente uma transferência do passado para o presente que no seio de tal continuidade livremente se realizava. «Hoje — afirma Baby — a situação é muito diferente. O divórcio entre o adulto e a criança acentuou-se, precisamente porque o movimento da sociedade se tornou muito complexo, acarretando perpétuas transformações. Os adultos, desencantados ou feridos por esforços que não desejam para os filhos, ou ameaçados por mudanças inesperadas de situação, não conseguem orientar o futuro dos filhos. Assim o mundo dos adultos se tornou impermeável ao das crianças, pois lhes dissimularem duras realidades, entravando-lhes o desenvolvimento». A criança deve, pelo contrário, estar sempre misturada na vida dos adultos.

★

NUM brilhante artigo do Nouvel Observateur, **Lucien Rioux analisa varias questões concernentes a esse «assunto de interesse nacional» transformado em «questão de confiança», a consulta ao país sobre a reforma regional e a renovação do Senado e opina:** «Não, de Gaulle não consulta; pede um mandato. Ao mesmo tempo que fala aos franceses em **participação**, mostra claramente que não negoceia com eles: reclama-lhes a confirmação da sua missão. Sob de Gaulle não pode verdadeiramente haver referendo: só há plebiscitos». Mas não parece ser isso, já mais ou menos percebido por toda a gente esclarecida, o essencial do momento presente, senão a suspeita sobre um outro problema que já põe em causa, desta vez, a certeza sobre o resultado do plebiscito, a saber, se o general se retiraria efectivamente em caso de vitória dos «não» ao referendo. As discussões em torno dessa hipótese é que são novas. Acreditamos que o sentido da honra pessoal que de Gaulle tem, apesar de tudo e através de tudo sabido manter, o levaria, em tal emergência, a renunciar às suas funções.

RECTÂNGULOS DA VIDA

«VOCÊ É MESMO FEIO?»

Ah, as beldades de alguns anúncios, aquelas delgadas mulheres sem sorriso, de longos lisos cabelos, de olhar superior ao mundo, de gesto superior ao olhar. Elas emprestam (enfim, é um modo de dizer) o seu rosto fabuloso, o seu corpo-liana, a um fotógrafo especializado, e depois correm mundo anunciando o requintado verniz para unhas X, as malhas Y, o «bâton» Z. Há também, claro, os Adónis deste quase século XXI, anjos exterminadores de beleza perfeita e implacável. Vêem como sou belo? Parecem dizer ao comum dos mortais de nariz um pouco comprido, de queixo um pouco curto (ou vice-versa), de estatura menos que média, os pobres. Vêem como esta camisa, como este casaco me ficam bem? Mas a frase assim está errada. Talvez fosse melhor dizer: «Vêem como eu fico bem a esta camisa, a este casaco? Vêem como eu empresto bem (é um modo de dizer, repito) a minha face a este creme, a esta loção? Vêem?»

E nós, comum dos mortais, ultracomum dos mortais, pensamos, acontece-nos pensar (embora nos deixemos arrastar depois, embora lancemos depois — quase sempre — a pergunta às urtigas): «A ela (a ele) fica bem... Mas a mim? A mim que não sou mulher-liana nem Adónis deste século?»

Pois é.

À primeira vista parece-nos que foi por isso mesmo que nasceu em Inglaterra uma nova agência de publicidade chamada «Ugly» (horrendo). A «Ugly» começou as suas actividades com um anúncio publicado no *Times*, e a que logo responderam 1000 pessoas: «Você é mesmo feio (ou feia)? Então apresente-se na «Ugly», e uma nova vida abrir-se-á para si.» Enfim, qualquer coisa à volta disto.

Das 1000 pessoas que logo responderam ao anúncio, 150 foram imediatamente contratadas para posarem, fazendo a publicidade de uma série de artigos. Porque os directores da «Ugly» sabem-na toda e resolveram lançar seus artigos, não através de beldades de ambos os sexos, mas de gente verdadeiramente feia.

E não terão eles razão? É que as pessoas talvez pensem: «Se a este homem ou a esta mulher tão feios este fato ou este verniz ou esta camisola não ficam mal de todo, a mim, que sou uma pessoa vulgar, eles ficarão decerto muitíssimo bem. Deve ser esta, parece-nos, a filosofia da «Ugly»

E depois, a Veruchka leva 25 contos por cada dia de pose. O que é, na verdade, muitíssimo caro.

por **MARIA JUDITE DE CARVALHO**

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

HOTEL RIOMAR
CENTRO DE LAGOS (5 minutos das praias)
Passe as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços acessíveis. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com ar condicionado. Marcações pelo telef. 490.

A América Latina teme a Wall Street

2

BUENOS AIRES, MARÇO — Desde os tempos de Cortez e seus conquistadores sedentos de ouro que nada tem causado maiores ressentimentos entre os latino-americanos que a «exploração económica».

Hoje esses ressentimentos recaem sobre aquele grupo que muitos latino-americanos consideram o equivalente moderno dos flibusteiros do tipo de Cortez: os capitalistas estrangeiros que se têm destacado desde as guerras de libertação do século XIX.

Para financiar essas guerras, muitos dirigentes da independência fizeram concessões a estrangeiros para a exploração das riquezas mineiras da região. Depois da independência, as novas nações, falhas de capital e de conhecimentos técnicos, continuaram a confiar o desenvolvimento dessas riquezas a capitais investidos por estrangeiros.

Ao fim de 150 anos, os latino-americanos, vendo os seus patrimónios comprometidos, começaram a sentir uma crescente frustração. Como era inevitável, estas emoções convergem para os vastos investimentos de negócios norte-americanos; uns dez milhões de dólares que constituem, pouco mais ou menos, a terça parte de todo o capital estrangeiro da região.

por John M. Groshko

EXCLUSIVO DO «WASHINGTON POST» E DO «DIÁRIO DE LISBOA»

David Rockefeller, Presidente do Conselho da Direcção do Chase Manhattan Bank e do Conselho para a América Latina, patrocinado por capitalistas norte-americanos, sintetizou as acusações que os seus inimigos da América Latina fazem aos interesses privados norte-americanos:

— Dizem que os capitalistas norte-americanos só pretendem explorar as riquezas e os mercados em detrimento da maioria das nações: os capitalistas querem manter o povo na pobreza, para poderem tirar-lhe os minérios e os metais; estão obcecados pela obtenção de grandes lucros com menosprezo da terra e de seus habitantes.

Rockfeller qualifica essas acusações de «sem grande fundamento». Contudo, não há dúvida de que a alegação da exploração económica é a base de todas as queixas que os latino-americanos têm dos norte-americanos.

Até o economista brasileiro Roberto Campos — homem tão decididamente pró-norte-americano que os seus compatriotas lhe chamam «Bobby Fields» (tradução inglesa do seu nome) — cita a «opressora influência que os interesses privados norte-americanos exercem» como causa principal das «tensões relactivas» na América Latina. A História mostra-nos a evidência de que há, pelo menos, uma certa verdade nas acusações latino-americanas.

Nos velhos dias da «diplomacia do dólar», os E. U. A. enviavam frequentemente tropas para proteger os investimentos norte-americanos. Mais recentemente certas pressões exercidas por esses mesmos interesses levaram a Casa Branca e o Departamento de Estado a apoiar Governos reaccionários com receio que as reformas sociais prejudicassem os seus investimentos.

Contudo, aceitando embora as razões destas queixas justificáveis, o certo é que os negócios norte-americanos na América Latina não são nem tão exploradores nem tão monolíticos como os seus críticos os apresentam.

Têm sido frequentemente patrões generosos, contribuintes honestos e bons cidadãos em geral. Até começaram a aprender a viver com a nova estirpe de reformadores sociais e planificadores centrais que figuram em muitos Governos latino-americanos, embora os olhem com reservas e se sintam mais tranquilos com regimes tradicionais de direitas, como os da Argentina e Brasil.

Têm também preenchido muitas lacunas económicas criadas pela escassez continua de capitais e tecnologia nacionais. Importaram métodos modernos, estimularam as indústrias locais, deram trabalho a milhares de pessoas, contribuindo para a criação de uma classe de técnicos e administradores, melhorando as condições de vida do pequeno consumidor e contribuindo para o início de uma moderna estrutura industrial.

Não têm sabido fazer com que estas coisas sejam entendidas ou apreciadas pelas grandes massas latino-americanas. Tal como David Rokfelier e outros dirigentes industriais o admitem, a comunidade capitalista americana sofre do problema da imagem que os excessos do passado criaram.

Estes excessos são parte de uma história que começou há um século com aventureiros tão irredutíveis como Henry Meiggs, «O Pizarro yankee», que converteu a sua habilidade para construir vias férreas através dos Andes num império financeiro baseado na corrupção e no espírito de intrigas. No seu tempo, Meiggs foi praticamente senhor de todos os principais dirigentes políticos do Peru, começando pelo Presidente e indo por aí fora, e manteve uma espécie de harém de esposas e filhas das melhores famílias de Lima.

Meiggs morreu praticamente pobre e desacreditado, mas outros houve que construiram monumentos mais duradouros de ambição e artimanhas financeiras.

Nesse tempo, viveu também no Peru um jovem imigrante irlandês, abastecedor de navios, chamado William Russell Grace, que logo se deu conta das possibilidades contidas no fretamento e serviço dos barcos destinados ao tráfego do guano fertilizante. A partir dos seus modestos começos transferiu as operações para Nova York, e com o tempo a empresa converteu-se na **W. R. Grace and Co.**, com múltiplas actividades pelo mundo inteiro.

Houve também um sobrinho de Henry Meiggs, Minor Cooper Keith, que, na Costa Rica, construiu a primeira via férrea através do Istmo da América Central. Dando-se conta de que o caminho-de-ferro não podia prosperar sem carga, Keith começou a controlar o «Império Verde e Ouro» do comércio nascente das bananas.

Adquirindo terras do tamanho do estado norte-americano de Rhode Island, Keith travou uma guerra sem quartel com os seus concorrentes, guerra que durou 30 anos. Em 1899 a maioria dos concorrentes mostraram-se dispostos à união. O resultado foi a United Fruit Company, organização, que, mais do que nenhuma, iria simbolizar a presença dos negócios norte-americanos na América Latina, nas primeiras décadas deste século.

Nas salas de conferência em Boston, Keith, os seus associados e depois os seus sucessores como Andrew Preston e Samuel Zemurry («O homem das bananas»), exerceram uma hegemonia maior do que a de nenhum governo sobre vastas zonas em torno das Caraíbas. Keith chegou a ser conhe-

(Continua na 8.ª página)

Costa e Silva — o homem que, neste momento preside aos destinos do Brasil, onde os americanos investiram 1320 milhões de dólares

MANTÉM-SE DE PÉ A INDESEJÁVEL RECORDAÇÃO DA UNITED FRUIT CO.

VIDA MUSICAL

Olga Prats no Conservatório Nacional

Promovido pela direcção central da Pró-Arte, decorre amanhã, às 21 e 45, na sala do Conservatório Nacional, um recital pela pianista Olga Prats.

Audições de Musica Gravada

No prosseguimento do ciclo de colóquios acompanhados da audição fonográfica de obras representativas de compositores de várias épocas, em que já se ouviram Râvel e Luis de Freitas Branco, está programada, para os dias 12, 19 e 26 deste mês, a audição integral dos Quartetos de Bela Bartok comentados por Romeu Pinto da Silva.

Como as anteriores, estas sessões decorrem na sede da Academia, Rua Nova da Trindade, 18, 2.º, às 16 horas, com entrada livre.

Concerto de órgão na Sé Patriarcal

Por iniciativa da Embaixada de Espanha, decorre na sexta-feira, às 18 e 30, na Sé Patriarcal, um concerto pelo organista Ramón Gonzáles Amezua. Do programa constam obras de Cabezon, Gaspar dos Reis, Aguilera de Heredia, Cabanilles, Bach e Brahms.

Toiros portugueses na Indonésia

JACARTA, 10 — (A. N. I.) — Chegaram a Jacarta, vindos de Lisboa, 25 toiros de lide e dois cavalos de combate que se destinam à série de corridas a realizar este mês no estádio de desportos de Senajan, que tem 100 mil lugares.

Tomar parte nestas corridas o cavaleiro José Cortes, o matador José Júlio e o novilheiro Ricardo Chibanga.

No ano passado, o anunciado «duelo de morte» entre o toureiro indonésio «Grande Labardo» e toiros locais terminou em grande fiasco, pois os toiros recusavam-se a combater e Lebardo nem chegou a mostrar a sua habilidade.

URBANO TAVARES RODRIGUES
assina na LIVRARIA QUADRANTE
(Avenida Luis Bívar, 85-C)
amanhã ás 18.30 horas
os seus livros agora editados
HORAS PERDIDAS
OS INSUBMISSOS (3.ª edição)
e outras obras publicadas
na COLECÇÃO AUTORES PORTUGUESES
LIVRARIA BERTRAND

FILMES CASTELO LOPES apresenta

O FILME QUE DEU SIGNIFICADO À PALAVRA «SUSPENSE»!

As diabólicas

(Les Diaboliques)

com SIMONE SIGNORET / PAUL MEURISSE
VERA CLOUZOT / CHARLES VANEL

A obra-prima de mestre H. G. CLOUZOT

Adultos

4.ª E ÚLTIMA SEMANA

estúdio 444

TIVOLI

DIA 17 DE ABRIL
ÀS 18.30 HORAS

NUM ÚNICO CONCERTO

A EXTRAORDINÁRIA VIOLONCELISTA SOVIÉTICA

KARINE GEORGIAN

1.º PRÉMIO DO CONCURSO TCHAIKOVSKY

E O GRANDE PIANISTA SOVIÉTICO

VLADIMIR KRAINEV

1.º PRÉMIO DO CONCURSO VIANA DA MOTA

PROGRAMA:

VARIAÇÕES SOBRE TEMAS DA FLAUTA MÁGICA ..... Beethoven
SONATA N.º 2 EM DÓ ..... Brahms
SONATA OP. 10 ..... Rachmaninoff

A BILHETEIRA ABRE DEPOIS DE AMANHÃ
M/ 6 ANOS

Representante dos Artistas em Portugal
SEQUEIRA COSTA

FILMES DA «APOLO 8»

TOMAR, 10 — No sábado, às 18 horas, no Cine-Teatro local, serão projectados filmes sobre a viagem da «Apolo 8», cedidos pela Embaixada dos E. U. A.

Os comentários estarão a cargo do sr. Eurico da Fonseca, que será apresentado pelo eng.º Rocha Prista, professor catedrático do Washington Square College of Arts and Sciences da Universidade de Nova York.

ABC

TEL. 36 67 45

(ADULTOS)

Às 20.45 e 23 horas e aos DOMINGOS às 16 horas

NICOLAU BREYNER

Elas é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natalina José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

---

Teatro Capitólio

TEL. 32 03 79

HOJE ÀS 18.30 (TARDE A PREÇOS REDUZIDOS)

«OS VISIGODOS»

E ÀS 21.45 H.

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

A GRANDIOSA OBRA DE S. MROZEK

TANGO

(Preços reduzidos)
M/ 17 anos

VASCO MORGADO apresenta

TEATRO VILLARET

(ADULTOS)

5.º MÊS DE ÊXITO

UMA COMÉDIA POPULAR

SÓ MAIS 2 SEMANAS

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.

A PREGUIÇA

com Raul Solnado

(o homem da preguiça)

e ainda

FERNANDA BORSATTI
ALINA VAZ
MÁRIO JACQUES
ANTÓNIO MONTEZ
DAVID SILVA

DIRECÇÃO:
M.ª HELENA MATOS

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias do Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Peter Sellers "A FESTA"

(THE PARTY)

ADULTOS

É O MAIS DESCONCERTANTE E ALEGRE ESPECTÁCULO DA ACTUALIDADE!...

«A FESTA...» É FESTA!
E CONTINUA SENSACIONALMENTE EM

2.ª SEMANA

NO SÃO JORGE

PROGRAMAÇÃO RANK

PANAVISION
COLOR DE LUXE

MIRISCH CORPORATION *apresenta*

BLAKE EDWARDS

como Produtor, Realizador e autor de argumento

XIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

LISBOA • 16 DE MAIO A 7 DE JUNHO

• VENDA DE ASSINATURAS

Amanhã e dia 12 — No TIVOLI: a novos assinantes das Séries A e C

Dias 15, 16 e 17 — no COLISEU: a novos assinantes da Série B

• VENDA DE BILHETES AVULSO

Dia 19 — no TIVOLI: aos assinantes das Séries A e B, para os concertos da Sé Catedral e Ruínas do Carmo — no SÃO CARLOS: aos assinantes das Séries B e C, para todas as manifestações que têm lugar neste Teatro.

A partir do dia 21 — no TIVOLI, COLISEU E SÃO CARLOS: para todos os espectáculos.

PROGRAMAS EM DISTRIBUIÇÃO NAS BILHETEIRAS DO COLISEU e TIVOLI

Espectáculos das 16.30 h., 18.30 h. e sábados às 21.30 h.; maiores de 6 anos
Restantes espectáculos m/ de 12 anos

CAMINHOS DE FERRO
Excursões — 1969

A C. P. acaba de editar um folheto descritivo com o plano das «EXCURSÕES» a realizar no corrente ano, que poderá ser solicitado nas Secções de Informações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais e nas Agências de Viagens autorizadas.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

TRINDADE

— T. N. A. T. —

HOJE, às 21.45 o T. N. P. (sub pelo Fundo do Teatro) apresenta a sensacional peça de Samuel Beckett

À ESPERA DE GODOT

SÓ ATÉ DOMINGO

(M/ 17 anos)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

TITULO — «O Último Truque» («Grand Slam»).
REALIZAÇÃO — Guilherme Menzaide (1967).
INTÉRPRETES — Edward G. Robinson, Janet Leigh, Robert Hoffman.

Já vi tudo isto pela não-sei-quantas-ésima vez. O mesmo roubo cientificamente programado, meticulosamente realizado. O mesmo cofre com uma incalculável fortuna. Os mesmos guardas que fazem a ronda nos mesmos tempos regulamentares. A mesma reunião de peritos, especialista em arrombamentos um, especialista em electrotécnica outro, e outro ainda especialista em pensar ou mesmo em não fazer nada. Os mesmos pormenores inesperados que falham e põem por momentos o empreendimento em perigo (uma caixa que está quase a cair, uma saída que se fecha, etc.). O mesmo ambiente de festas para aproveitar a confusão: ora o Carnaval do Rio, ora as festas de Sevilha, ora a feira em Bagdad... O mesmo final em estilo pirueta, com uma surpresa já de barbas. O mesmo sistema de alarme. A mesma inverosimilhança. O mesmo tudo.

Com maior ou menor imaginação, com mais ou menos elegância, a fórmula é descaradamente igual á de muitos outros filmes que já vimos. E uma Janet Leigh desgastada e entristecida não altera em nada os dados da questão.

E. P. C.

Manolo Diaz: «A canção é o meio de intervenção mais importante dos nossos dias»

Tem 26 anos, nasceu em Oviedo, e em 1965 apresentou em Aranda del Duero as suas primeiras composições. De então para cá muita coisa se passou e ele hoje é considerado um nome grande da jovem musica espanhola, nomeadamente após o seu disco «Pós-Guerra». Autor das suas próprias canções (quer da musica, quer da letra), ele declarou ao «Diário de Lisboa»: «Considero-me um intérprete tão mau que só posso cantar as minhas próprias canções». Modéstia excessiva, claro. Ele é de facto, repetimos, um nome grande da jovem musica espanhola: chama-se Manolo Diaz, e dá hoje, pelas 18 e 30, no Teatro Villaret, o seu primeiro recital, que se repetirá amanhã e depois e domingo.

E foi ontem, naquela casa de espectáculos, que o artista espanhol foi apresentado á Imprensa — se assim nos podemos, mal, exprimir — durante um «cocktail» em que estiveram presentes Jaime Mourão Ferreira (a quem se deve a vinda a Portugal de Manolo, depois de ter trazido já outros artistas de nomeada do Brasil e de Espanha), Carlos Perez Alvaro, director-geral da Sonoplay, e Rui Ressurreição, chefe do departamento artístico da mesma etiqueta, que é aquela para que o autor de «Niños» grava, etc.

— A canção — disse-nos Manolo Diaz — é o meio de difusão e intervenção mais importante dos nossos dias, especialmente entre a juventude. E eu creio que de facto algo tenho contribuir para transformar o mundo — e ainda há pouco o senti com uma canção, que considero fraca, mas teve grande êxito: «Bibi».

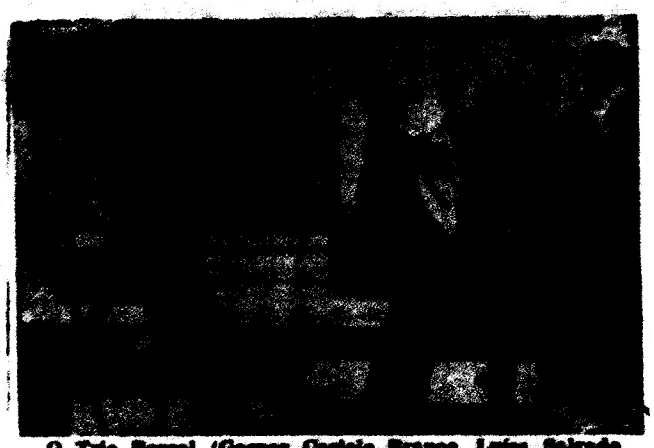
E' assim o jovem autor espanhol, que afirma também:

— Quando escrevo as minhas canções não penso em termos comerciais. Procuro chegar a um amplo sector de publico e difundir uma série de ideias, pontos de vista, situações e personagens.

E' assim Manolo Diaz que hoje, e até domingo, com a sua viola, o publico português terá oportunidade de apreciar no Villaret. Um tipo simples, aberto, interveniente («os problemas da Espanha inquietam-me porque é onde eu vivo, mas igualmente me inquietam os problemas do mundo»), que decerto terá também entre nós o êxito que merece.

Manolo Diaz no Clube dos Publicitários

Manolo Diaz aceitou o convite que lhe foi feito pelo Clube dos Publicitários para participar numa reunião de convívio que está marcada para amanhã, ás 22 horas, na sede do clube.



O Trio Boreal (Gaspar Castelo Branco, Luiza Salgado e José Augusto) continua em terras brasileiras. Depois de São Paulo (onde tem actuado, no Restaurante Típico «O Magriço» e perante as câmaras da TV), o Trio Boreal tem contratos a cumprir no Rio de Janeiro, Recife e Manaus. A foto foi feita na TV Excelsior Canal 9, no decorrer da gravação do programa «Pão de Açúcar»

O segundo espectáculo do Ballet de Bucareste

O Ballet da Ópera Nacional da Roménia depois de conquistar justo prestigio na Bulgária, Polónia, Republica Democrática da Alemanha, Checoslováquia, Russia, Cuba e Jugoslávia, propôs-se «invadir» o Ocidente. As suas actuações na Itália, na França e na Espanha confirmaram, o seu valor, que Lisboa tem agora possibilidade de confirmar, mercê de rasgada iniciativa do Teatro Nacional de S. Carlos.

O Ballet de Bucareste, como abreviadamente é designado, compõe-se de 120 artistas sob a direcção de mestres indiscutíveis: Oleg Danovsky, Tilde Urseanu e Vasile Marcu, que aliam ás fortes tradições e características do «ballet» russo as contribuições das companhias ocidentais. Recheado de juventude e dispondo de solistas excepcionais, o Ballet de Bucareste não se limita a apresentar um repertório clássico. Nos seus 45 ballados figuram obras clássicas e modernas, muitas das quais com coreografia própria e características inspiradas pela musica e danças nacionais. E aí está um mérito suplementar: não se trata apenas de um «ballet» de grande nível, mas de um «ballet» individualizado e com grande percentagem de originalidade.

Ontem, a plateia de S. Carlos, foi capáz de ultrapassar os seus naturais limites de gosto académico e aplaudir, com um entusiasmo inesperado, o segundo programa, constituido pelo 2.º acto de «Giselle», mas com coreografia de Vasile Marcu; «O Aprendiz de Feiticeiro», com musica de Paul Dukas e coreografia de Tilde Ursean; o «pas-de-deux» de «A Bela Adormecida» e «Preludios» de Liszt», também com coreografia de Tilde Ursean.

Os cenários e figurinos de Paula Brincoveau (dos «Preludios» e de «O Aprendiz de Feiticeiro») são, também, notáveis e contribuem para a excepcional categoria do espectáculo.

Artistas, como Magdalena Popa, Cristina Hamei, Sergiu Stephansky, Ileana Iliescu, Rodica Simion e Dan Moise, foram justamente aplaudidos e chamados numerosas vezes.

De qualquer modo, e para além de outras considerações que era justo fazer, merece especial relevo o ballado «Preludios», cuja beleza coreográfica e plástica se transforma num hino ao amor e á juventude, integrando-se, harmónicamente, na musica de Liszt. Só por este ballado, moderno e, simultaneamente, clássico, valia a pena ter visto o segundo espectáculo do Ballet da Roménia. — A.

TEATRO T. 555133

MONUMENTAL

121.ª VASCO MORGADO apresenta HOJE, às 21.45 h.

Representação A forca de CLAUDE MAGNIER

Tradução de Mariana de Morais

QUANDO ELA SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Aldo Pinto, Alice Carlo

Encenação de SANTOS CARVALHO

SABADO 2 sessões, 20.45 e 23 h

VARIEDADES

VASCO MORGADO APRESENTA HOJE às 21.45

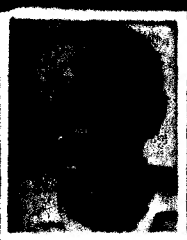
Eunice Muñoz, Paulo Renato, Fernando Gusmão, na peça de BUERO VALLEJO

CARTAS NA MESA

com Fernanda Alves-Morais e Castro — Cenário de JOÃO VIEIRA — Encenação de FERNANDO GUSMÃO

(P.ª Adultos)

Nos 2 teatros, DOMINGO, A TARDE AS 16 H.


SALVADOR

VIANA

MARISMA

BREVEMENTE NO TEATRO

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

A NOVA E ESPECTACULAR REVISTA

• MÃOS À OBRA!... •

• ESCRITA POR ANIBAL NAZARE, SALVADOR e JOSE VIANA, com música de JOAO NOBRE e CARLOS DIAS

• NO TEATRO DOS GRANDES EXITOS, UMA NOVA E ESPECTACULAR REVISTA!

• UM ESPECTACULO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

HOJE · 11 · 12 e 13 de abril

O "fenómeno" de um povo na arte da música actual

MANOLO DIAZ

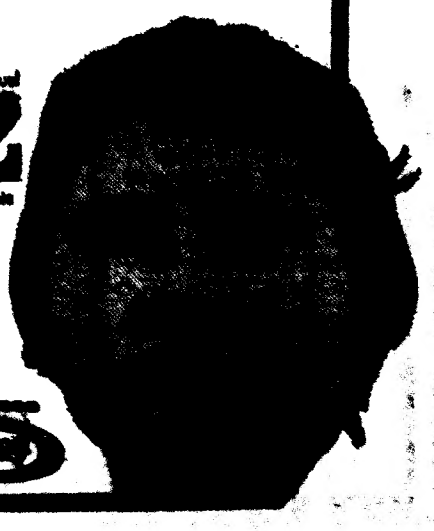
Um tipo de canção [illegible] e diverte

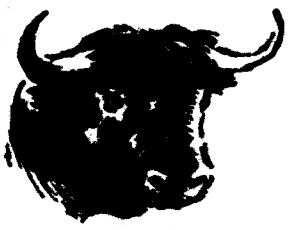
6,30 DA TARDE

½ de desconto para estudantes

TEATRO VILLARET

HOJE RECITAL





CORUCHE

(6 anos)

DOMINGO, 13 DE ABRIL

Às 5 da tarde

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

8 Gordos e Corpulentos Touros da Soc. Agrícola e Pecuária Santo Estêvão

Victor Ribeiro

Fernando A. Salgueiro

José Simões

Raul Garcia «El Moro»

Forcados Amadores do Colégio Nun'Álvares (de Tomar), chefiados por Manuel Faia

Sol, 30$00 — Sombra-Sol, 45$00 — Sombra, 70$00

• MÉRIDA •

DOMINGO, 12, AS 17 HORAS

CORRIDA LUSO-ESPANHOLA

4 CAVALEIROS 4

DAVID R. TELES

ALFREDO CONDE

D. GREGÓRIO PIDAL

CONDE DE S. REMY

que matarão 4 toiros a rejão

FORCADOS AMADORES DE LISBOA

— da —

NUNO SALVAÇÃO BARRETO

— que —

pegarão toiros em pontas

6 — TOIROS DE FLORES TASSARA — 6

de Portugal

«CARTAS NA MESA» NO VARIEDADES

No Teatro Variedades estreou-se ontem o segundo espectáculo da companhia que ali está a actuar. A peça levada à cena, «Cartas na mesa», de Buero Vallejo, é uma obra de indiscutível qualidade apesar da problemática aparentemente ultrapassada e da própria estrutura formal, concebida em moldes convencionais. Essa qualidade foi, aliás, servida com grande brilho pela lúcida encenação de Fernando Gusmão e pelo magnífico nível interpretativo de toda a companhia.

Em «Las cartas boca abajo» pode encontrar-se o mesmo clima dramático e os processos de análise que se observam, por exemplo, num Edward Albee, ou mesmo, em certa medida, num Tenessee Williams. Tal como grande parte do teatro norte-americano, a peça de Buero Vallejo, assentando em formas naturalistas, procura, através da investigação psicológica, ou melhor, da explanação de sentimentos, fixar uma realidade fàcilmente reconhecível. Não estamos, evidentemente, em face de um teatro social, em que as motivações e as consequências dos actos individuais apareçam, com toda a clareza, referidos a situações históricas precisas. Mas é visível que, por trás das relações entre as figuras que constituem os elementos do conflito, por trás do próprio conflito, estão sempre presentes as estruturas de uma organização social que pelos seus resultados a si própria se denuncia. Ou não terá o sentimento de frustração individual, à volta do qual gira toda a peça, implícito em si a condenação de um clima dilacerador que aos poucos vai transformando os seres em criaturas falhadas, sem sentido?

É, de facto, numa problemática da frustração que se desenham as figuras de Adélia e João (Eunice-Renato), um casal ligado por laços que excluem toda a autenticidade, as de «Anita (Fernanda Alves), a mulher voluntàriamente votada ao mutismo, presa com algum prazer e alguma crueldade à sua situação de vítima, ou do topa-a-tudo Mário, a quem um sentido talvez demasiado idealista e poético da vida arrastou para a decadência física e moral. Nesta decadência, que é de todas as personagens, muito embora tentem duas delas desesperadamente agarrar-se à vida, encontram-se, afinal, os estigmas de uma grande razão: as da falta de sentido de um tipo de existência em que os valores entraram completamente em crise e em que a esperança não é mais que um esforço quotidiano de sobrevivência. Como não sentir neste clima (a peça foi escrita em 1957) uma motivação histórica? Como não referir ao próprio Bueno Vallejo, o antigo idealista, combatente da guerra civil, as feridas de um jogo demasiadamente dilacerante para poder ser considerado meramente gratuito, meramente dramático (no sentido burguês do termo)?

De qualquer modo, algum sentido simbólico existe na oposição entre este mundo cansado, vencido, e a juventude de «Vasco» (Morais e Castro), o filho do casal, que intenta libertar-se de problemas que já não são os seus, de causas mortas que deviam estar definitivamente enterradas. Tudo o que nos outros é um sonho sem esperança nele é um anseio legítimo, uma recusa viril. E aqui temos a dose de esperança, e de crença num mundo diferente, sem a qual quase se não justificaria a exposição do conflito.

Fernando Gusmão tem na encenação desta peça de Buero Vallejo um trabalho que se insere na linha das suas realizações anteriores, pela qualidade estética, pela lucidez dos processos utilizados, pelo sentido, raro entre nós, de uma linguagem teatral depurada e amadurecida. Recusando todos os excessos, procurando o rigoroso e o significante, Gusmão encontra um estilo sem o qual a representação de «Cartas na Mesa» nunca poderia ter tido o sentido ideológico e o peso plástico que avultam no espectáculo.

Servindo-se de excelentes intérpretes, Gusmão dirigiu-os com o cuidado de procurar um nivelamento, a inserção de todos no mesmo plano de interpretação, de forma a criar, assim, a unidade de intenções e de soluções sem a qual não existe obra válida em teatro. Eunice Muñoz tem, talvez, uma das maiores interpretações da sua grande carreira; Fernanda Alves compõe, de modo notável, servindo-se apenas de recursos de expressão corporal, uma personagem que não diz uma palavra, mas a quem se exige uma interioridade muito dificilmente traduzível; Paulo Renato consegue dar à sua figura a dimensão humana e psicológica que ela requer, atingindo, especialmente no segundo acto, um plano de grande nível; Morais e Castro, num papel difícil, integra-se no conjunto, à altura dos seus colegas, compondo com sobriedade a figura do jovem; Fernando Gusmão, num papel que faz lembrar as suas interpretações em «João Gabriel Borkman» ou no «Tinteiro», oferece-nos uma bela composição.

O cenário de João Vieira serve o clima da peça.

JOAQUIM BENITE

Marques Gastão delegado em Portugal da Academia do Mediterrâneo

O prof. Giovanni Alliata di Montereale, presidente da Academia do Mediterrâneo, nomeou o jornalista e escritor Marques Gastão, delegado nacional para Portugal daquela Academia, com a missão de organizar a delegação nacional portuguesa, a fim de que seja criado o Instituto Português para o Mediterrâneo, com delegações regionais nas províncias portuguesas, incluindo as do Ultramar.

A Academia do Mediterrâneo, com o título de Instituto Internacional de Alta Cultura, será brevemente reconhecida pela UNESCO.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES

5 3/4 %

para prosseguimento da rede do Metropolitano

200 000 OBRIGAÇÕES DO VALOR NOMINAL DE 1000$00

Decreto-Lei n.º 48 885 de 1 de Março de 1969. Despacho ministerial de 20 de Março de 1969
Deliberação da C. M. L. de 1 de Abril de 1969

Preço de subscrição	1000$00
Vida máxima	12 anos
Vida média	8 anos aproximadamente
Vantagens fiscais	Isenção total do imposto de capitais e do imposto complementar
Juro líquido	5,5 % aproximadamente
Vencimento de juros	15 de Abril e 15 de Outubro
Pagamento do 1.º cupão	15 de Outubro de 1969
Amortizações	Ao par, em 20 sorteios semestrais c/ início em 15 de Outubro de 1971

Estas obrigações estão equiparadas a títulos da Dívida Pública Portuguesa para as Companhias de Seguros e a sua admissão à cotação nas Bolsas de Lisboa e Porto será requerida até à data do pagamento do 1.º cupão.

Subscrição pública, sujeita a rateio, de 7 a 15 de Abril nos seguintes estabelecimentos de crédito que a tomaram firme

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Montepio Geral
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Bank of London & South America, Ltd.
Credit Franco-Portugais
Augustine Reis & C.ª
Pancada, Morais & C.ª
Pinto de Magalhães — Banqueiros

VILA FRANCA DE XIRA

Domingo, 13, às 16 horas

GRANDIOSA GARRAIADA DOS ESTUDANTES DE MEDICINA VETERINÁRIA

esta África e tambem a nossa.

Visite-a!

Inscreva-se nas excursões dos organizadores:

SOC. COMERCIAL ORLANDO, LAMEGO, S.A.R.L.
Rua do Cais do Sodré, 24
Telef. 3 31 91/5 - 32 04 41/5

SOC. COMERCIAL ORET, ANTUNES & C.ª, LDA.
Praça Duque de Terceira, 4
Telef. 32 22 71 - 33 25 5 - 36 93 46

AGÊNCIA DE TURISMO MOÇAMBIQUE
Av. Alf.º Augusto de Aguiar, 9
Telef. 4 71 15/6 - 53 58 13

E. PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Praça Duque de Terceira, 20-26
Telef. 36 15 81 - 36 06 50

TAIT & C.ª, LDA.
Rua Infante D. Henrique, 19
Telef. 2 16 07 - 2 72 98

ORET & BARROS LEITE, LDA.
Rua Infante D. Henrique, 83-1.º
Telef. 2 89 09 - 3 39 50

ora diga-nos...

— Qual deve ser a base da selecção nacional de futebol: novos ou consagrados?

Aproximam-se os jogos derradeiros para a ainda possível (e provável!) qualificação da equipa portuguesa para a fase final do Campeonato do Mundo de Futebol. Por outro lado, no pretérito domingo, contra o México, Portugal teve a representá-lo uma selecção de novos. Daí...

● *Responde-nos o sr. Cunha Marques, redactor do nosso prezado colega «Record»:*

— Penso que a selecção deverá ter uma mistura de jovens e de consagrados: nem muitos antigos, nem muitos novos. Uma equipa feita, pois, com equilíbrio e realismo. Dos antigos há alguns que não estão na curva totalmente descendente, como alguns querem fazer convencer. Por outro lado, como no domingo se viu, há três ou quatro dos novos que merecem, absolutamente, ser chamados. E nem vale a pena estar a citar nomes.

— ...

— Olhe, então, alguns: Joaquim Jorge, Jacinto João, Damas, Conceição, Rolando, Nelson, o próprio Peres, etc. É claro que alguns já não são estreantes. E há outros que nem foram utilizados agora (um Gualter, etc.). Aliás, esta selecção trouxe-nos franco optimismo quanto ao futuro. O que é preciso, é haver a ousadia de o seleccionador os apresentar, esquecendo nomes de clubes. E isto é muito importante.

● *Ouvimos a seguir outro especialista, o sr. Carlos Soares, colaborador desportivo dos jornais:*

— Devem ser dadas oportunidades àqueles novos que o mereçam, que evidenciam qualidades. E eles existem, não há dúvida. E mais: é preciso fazê-lo com certa urgência.

● *Por fim, respondeu-nos o sr. Mário de Oliveira, motorista. É da mesma opinião:*

— Acho que sim, que se deve dar oportunidade aos novos.

— Mas a selecção deve ter, principalmente, jovens ou consagrados?

— Deve ter mais jovens do que antigos, porque eles é que são aqueles com quem poderemos contar para o futuro. Estão a crescer, o futuro pertence-lhes. E repare, o tempo trabalha a favor deles, pois na altura do Campeonato estarão melhor, mais arrodados. E quanto aos outros, passar-se-á o contrário, naturalmente. É claro que há alguns deles com quem se poderá contar e não deixará de contar. Mas o futuro é dos novos.

A AMÉRICA LATINA TEME A WALL STREET

(Continuação da 4.ª página)

cido como «o rei sem coroa da América Central».

A atmosfera criada pela United Fruit foi a de uma loja gigantesca. Milhares de pequenos produtores foram compelidos a vender as bananas exclusivamente à United Fruit, a preços fixados pela Companhia; malfeitores pagos obrigavam as pessoas a cooperar, e os governos de então ou embolsavam «subsídios» e olhavam para outra direcção ou não se mantinham muito tempo no poder.

Nos últimos anos da vida, Zemurry — que admitiu abertamente, em certa ocasião, ter «comprado» com o seu dinheiro um golpe de estado nas Honduras — disse a um entrevistador que tinha feito, nos anos iniciais da Companhia, muitas coisas de que não gostava de se lembrar «nas horas escuras da noite».

Como estas coisas se faziam com o apoio tácito dos sucessivos governos de Washington, cresceu a impressão de que os Estados Unidos favoreciam as ditaduras para proteger as futuras projecções da United Fruit. Estes argumentos continuaram a ser ouvidos até uma época tão recente, como o ano de 1954, quando a CIA incitou certos elementos militares de direitas da Guatemala a derrubar um governo popular, mas de esquerdas.

A verdade é que o incidente de 1954 foi provocado principalmente pelo temor, de que, em plena guerra fria, os comunistas se apoderassem do poder na Guatemala. Contudo, uma das condições de Washington para apoiar o golpe de Estado foi a promessa de eliminar um projecto de reforma agrária que prejudicava a United Fruit. Um antigo dirigente da Companhia actuou como intermediário entre a CIA e os oficiais militares rebeldes.

A United Fruit, que continua a ser uma força importante na economia dos países produtores de bananas, tem procurado demodadamente dar de si agora uma imagem mais progressista. Mas entre os latino-americanos, que têm boa memória, o esforço tem sido vão.

O descobrimento de petróleo na Venezuela colocou imediatamente a economia do país sob o controle de organizações como a Gulf, Royal Dutch Shell (empresa europeia) e, a mais importante de todas, Creole Petroleum Corporation, subsidiária da Standard Oil, de Nova Jersey, companhia que, segundo informações industriais, é a maior e provàvelmente a que mais lucros arrecada entre todas as companhias petrolíferas mundiais.

Kennecott, Anaconda e Cerro de Pasco escavavam cobre e outros minerais para os mandarem para fora do Chile e do Peru. A International and Telegraph Company controlava os serviços de telefone e telégrafo — e no terreno da distribuição da energia eléctrica os nomes dominantes eram de empresas norte-americanas e de outras nacionalidades.

Esta concentração constituiu a base dos actuais ressentimentos patentes na América Latina contra os investimentos norte-americanos. Contudo, só cerca de 60 % do total dos investimentos norte-americanos estão nesses sectores. A orientação principal dos negócios norte-americanos na região está a mudar de rumo.

No decurso das últimas décadas, os investimentos norte-americanos foram passando por uma segunda etapa de desenvolvimento, provocada pela crescente procura de artigos de consumo, à maneira americana, com o aumento de encomendas para os seus produtos. Muitas firmas instalaram fábricas subsidiárias na região.

Os nomes que se introduziram com maior proeminência foram os de General Motors, Ford e Chryaler, no ramo automóvel, Merck e Parke Davis, em produtos farmacêuticos, General Electric e Westinghouse, em electrónica, Goodrich e Firestone em produtos de borracha, Sears Roebuck, em vendas a retalho.

Foi uma expansão que chegou a todas as nações latino-americanas, com excepção das mais pequenas. No México, Brasil e Argentina lançou as bases de uma ampla base industrial nacional.

A magnitude da nova orientação norte-americana evidencia-se pelo facto de, desde o termo da Segunda Guerra Mundial, os investimentos directos norte-americanos terem subido de menos de três mil milhões de dólares para o nível presente de dez mil milhões, quase a quarta parte do total dos investimentos norte-americanos no exterior.

Em fins de 1967 — último ano do qual temos estatísticas completas — a maior proporção de investimentos norte-americanos verificou-se na Venezuela, com dois mil e quinhentos milhões de dólares. Os investimentos norte-americanos na Venezuela acusaram, na verdade, uma descida entre 1966 e 1967. A menos que os actuais investimentos em petróleo se canalizem para outro tipo de investimentos, esta tendência para a descida pode ir-se tornando maior com o correr dos anos futuros.

Em segundo lugar, está o México, onde os investimentos norte-americanos se calculam em vinte mil trezentos e quarenta milhões de dólares, proporção relativamente pequena dos investimentos americanos no termo da II Guerra. Os bens outrora grandes em indústrias básicas foram expropriados ou expatriados durante a década de 1920 a 1930.

Contudo, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, o México foi a nação que mais êxito obteve, entre todas as latino-americanas, na atracção dos capitais norte-americanos para a produção de artigos de consumo. As perspectivas no México são de que as empresas norte-americanas continuem a trazer dinheiro.

O mesmo pode dizer-se dos países em terceiro e quarto lugares: o Brasil, com mil trezentos e vinte milhões de dólares de investimentos norte-americanos e a Argentina com mil milhões. A grande intensificação de investimentos norte-americanos nestas duas nações tem sido fenómeno desta última década e tem-se concentrado quase exclusivamente em indústrias manufactureiras.

Para que continuem em aumento, será preciso que se orientem os investimentos para artigos manufacturados com destino ao exterior para competir nos mercados mundiais, se bem que o mercado latino-americano se tenha alargado — com a criação do largamente atrasado Mercado Comum e com a incorporação das suas populações que ainda hoje estão fora da economia do dinheiro. Isto seria praticamente pressupor uma modificação da base industrial para a fabricação, utilizando matérias-primas que se produzem ou existem na América Latina.

Mas isto supõe uma actividade industrial mais sofisticada que a do tipo actual de indústrias, que actuam, principalmente, como substitutos de importações. Até agora, contudo, os investidores norte-americanos — a única força realmente capaz de orientar a indústria latino-americana para uma tal finalidade — não estão dispostos a investir o dinheiro e a tecnologia necessários.

Uma das razões mais dominantes, do ponto de vista dos investidores, é o crescente estado de opinião hostil aos negócios estrangeiros.

Esta barreira foi erguida pela cobiça e os excessos dos negócios norte-americanos, mas o que a mantém insolúvel e de pé é o facto de os latino-americanos de hoje renunciarem a dar-se conta de que já não são válidos muitos dos velhos preconceitos.

ANTIGOS COMBATENTES CONFRATERNIZAM

No domingo, às 13 horas, e após uma visita ao museu privativo da Liga dos Combatentes, decorre, na cantina da respectiva sede, um almoço de confraternização e camaradagem entre os filiados antigos combatentes, veteranos da guerra de 1914-18, e os mais jovens, das campanhas de África.

Curso sobre decoração do lar

Na segunda-feira, às 17 horas, decorre, na Casa da Imprensa, a palestra inaugural do curso «A necessidade da decoração do lar», pela professora Joana d'Arc Palva Pedrilho.

MOÇO SUECO

com interesses gerais, deseja mediante troca de correspondência em português, entrar em contacto com uma menina na idade de 18 a 25 anos.

Escreva a meu endereço:

Bengt Tore Nyström
Vallvägen 2 B II
S—19400 Upplands—Väsby
SUÉCIA

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE QUELUZ

Largo Mouzinho de Albuquerque — Telef. 95 43 13

3.º SORTEIO REALIZADO NO DIA 8/4/69

1.º PRÉMIO — AUTOMÓVEL FIAT 124	N.º 877 461
2.º PRÉMIO — MÁQUINA DE LAVAR ROUPA	N.º 016 467
3.º PRÉMIO — TELEVISOR	N.º 574 224
4.º PRÉMIO — GRAVADOR	N.º 425 240
5.º PRÉMIO — FRIGORÍFICO	N.º 226 197
6.º PRÉMIO — FRIGORÍFICO	N.º 127 732
7.º PRÉMIO — ENCERADORA	N.º 263 933
8.º PRÉMIO — RÁDIO DE MESA	N.º 317 814
9.º PRÉMIO — ASPIRADOR	N.º 868 330
10.º PRÉMIO — PANELA DE PRESSÃO	N.º 499 929

11.º a 20.º PRÉMIO — 10 MÁQUINAS DE BARBEAR								
N.os	256 205	280 068	407 311	436 459	499 285	619 245	733 525	770 064
	811 335	848 024						
21.º a 30.º PRÉMIO — 10 TORRADEIRAS								
N.os	108 932	149 489	161 974	309 203	463 759	597 523	694 776	772 157
	773 766	909 480						
31.º a 40.º PRÉMIO — 10 FERROS ELÉCTRICOS								
N.os	63 934	65 375	83 891	97 556	244 178	404 007	602 201	727 898
	749 416	901 742						
41.º a 50.º PRÉMIO — 10 RÁDIOS PEQUENOS								
N.os	113 825	214 402	219 159	309 629	432 845	499 343	608 202	690 730
	703 145	744 132						
51.º a 100.º PRÉMIO — 50 ESFEROGRÁFICAS								
N.os	665	29 058	42 060	70 256	119 514	144 865	152 359	176 624
	194 321	236 939	249 394	258 765	276 719	346 572	372 512	396 271
	397 112	399 363	402 074	430 472	435 234	436 921	458 280	460 425
	533 963	550 050	564 646	568 636	570 060	578 081	590 012	661 854
	651 929	653 811	664 071	654 078	667 744	726 074	728 026	788 756
	753 253	769 026	789 399	795 360	821 207	826 847	839 886	884 243
	887 809	896 243						

N. B. — A entrega dos prémios será feita contra a apresentação do bilhete premiado pelo prazo de 90 dias a contar da data do sorteio.

AUXILIAI A CONSTRUIR O QUARTEL DOS BOMBEIROS

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar **exclusivamente para si UM NOVO SEGURO DE VIDA** adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME_____

ENDEREÇO_____

"AO SEU SERVIÇO"

IMPÉRIO

a sua seguradora

Uma comissão de Coimbra pediu o apoio da Fundação Gulbenkian para construir o novo edifício da Biblioteca Municipal

Uma comissão de individualidades de Coimbra foi hoje, ao princípio da tarde, recebida pelo sr. dr. Azeredo Perdigão, presidente do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian, a quem apresentou o anteprojecto da futura (nova) Biblioteca Municipal da cidade, para a construção da qual solicitou o apoio daquela benemérita instituição.

A comissão era constituída pelos srs. eng.º Horácio de Moura, governador civil, prof. dr. Bissaia Barreto, presidente da Junta Distrital, eng.º Araujo Vieira, presidente do Municipio, prof. dr. Lopes de Almeida, director da Biblioteca da Universidade, Carneiro da Silva, director da Biblioteca Municipal, Miranda Veloso, vereador, dr. Jorge Peixoto, bibliotecário, e arq.º A. Sampaio e eng.º Severo Anjinho, autores do anteprojecto.

A comissão de Coimbra apresentou depois ao dr. Azeredo Perdigão o referido anteprojecto, que a vários títulos pretende ser — afirmou-se — uma espécie de biblioteca-piloto e cuja construção, por fases, está previsto demore quatro anos, orçando a primeira em 30 mil contos.

Em resposta, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, após ter passado em revista alguns dos mais importantes aspectos da obra da instituição, sublinhou a especial importancia que tem dedicado ás bibliotecas e a notável obra que elas representam. Citou alguns numeros impressionantes (perto de cinco milhões de obras consultadas nas bibliotecas da Fundação por cerca de um milhão e meio de pessoas) e referiu-se ao que tem sido também feito neste aspecto pela Fundação no estrangeiro, nomeadamente na Biblioteca de Paris, que é hoje a primeira biblioteca portuguesa no estrangeiro, com cerca de 30 mil volumes seleccionados. Revelou, ainda, além do mais, que a instituição está a organizar uma preciosa biblioteca de todos os livros estrangeiros sobre Portugal.

Depois de aludir a outros problemas da Fundação e ao rumo seguido (nomeadamente o intuito de, antes de tudo, concluir as obras em curso promovidas ou subsidiadas por ela) o sr. dr. Azeredo Perdigão afirmou que ia encarar com o melhor espírito o pedido de Coimbra, a que dedica especial simpatia. Notou, porém, que tinha muito medo das obras publicas, que se arrastam longamente, com todos os prejuizos daí advindos. Salientou ainda, por outro lado, que era contrário ás obras monumentais, e defensor das funcionais. Terminou voltando a sublinhar que estudaria a pretensão com toda a boa vontade, mas que de momento não podia prometer mais nada.

«IMPACTO» FALA HOJE DO «JUVENIL»

Na sua emissão desta noite, ás 22 e 30, o programa «Impacto», de Rádio Clube Português, produzido por João Martins e com locução de Mendes Martins, dedica muita atenção ao nosso suplemento «Juvenil». Serão apresentados trabalhos de António Madeira, José Agostinho Baptista e António Barbedo de Oliveira.

Esta apresentação inicia um período de ampla colaboração entre «Impacto» e «Diário de Lisboa Juvenil», que se mostrará extremamente frutuosa para a divulgação do amor da arte e da actividade juvenil.

Segundo julgamos saber, «Impacto» promoverá um concurso entre os jovens para declamadores e leitores das produções enviados àquele programa que serão criticadas aos microfones do «Impacto», por Alice Vassalo Pereira que, há cerca de um ano, mantém, sem interrupção, a crítica aos trabalhos enviados para o «Diário de Lisboa Juvenil».

O Centro Electrónico do B. N. U. permite centralizar em Lisboa a contabilidade de todas as dependências do continente e ilhas adjacentes

Constitui realização de grande interesse nacional pela sua organização e equipamento instalado, o Centro Electrónico do Banco Nacional Ultramarino que, ontem, ao fim da tarde, foi inaugurado pelo sr. Presidente da Republica que era acompanhado pelo sr. comandante Guilherme Thomaz.

O Chefe do Estado foi recebido, á entrada do edificio onde está instalado o Centro, á Rua Rodrigues Sampaio, pelos ministros das Finanças, Economia e Ultramar, secretários de Estado do Orçamento e do Tesouro, subsecretários de Estado do Fomento e da Administração Ultramarina e pelo governador do B. N. U., sr. dr. Francisco Vieira Machado. Numa das instalações do Centro, encontravam-se, ainda, o governador do Banco de Portugal, sr. prof. dr. Pinto Barbosa; o vice-governador do B. N. U., D. Luís Pereira Coutinho; o presidente do conselho de administração do Banco Português do Atlântico, sr. Cupertino de Miranda; os administradores do B. N. U., srs. drs. Castro Fernandes, Abel Beja Corte Real, Camillo Simourdain de Oliveira, José Manuel Passeiro, Samuel Rodrigues Sanches, Esteves Fernandes e Pedro Galvão, além de todos os membros do conselho fiscal.

No uso da palavra, o sr. dr. Vieira Machado agradeceu a presença do sr. Presidente da Republica e acentuou que os bancos têm de valorizar-se para bem cumprirem as missões para que foram criados.

O sr. prof. dr. Duarte Pereira, director do Planeamento e Produtividade daquele banco, fez a seguir, uma pequena exposição sobre a organização, funcionamento e objectivos do Centro Electrónico do B. N. U., explicando as suas quatro tarefas principais. A primeira, que consistia na centralização, em Lisboa, da contabilidade central de todos os estabelecimentos do banco, no continente e ilhas adjacentes. Isto significa que dia a dia pode ser conhecida em Lisboa a situação económica e financeira de cada um daqueles estabelecimentos, além de outros indicadores sobre a vida administrativa de cada um deles.

A segunda tarefa explicou o sr. prof. dr. Duarte Pereira, refere-se á organização do Centro, que consiste na entrada e saída de dados e na exploração dos elementos recebidos. Recebida a informação a tratar, vinda dos diversos estabelecimentos, é expedida regularmente para os mesmos conforme a periodicidade estabelecida, com os registos produzidos no Centro. Nesta tarefa há ainda a considerar a secção de «contrôle», que sujeita a um rápido exame os elementos chegados dos vários estabelecimentos, promovendo a criação dos adequados suportes técnicos da informação, servindo-se, depois, do ordenador GE 415 Bull General Electric, para controlar, antes de se proceder á impressão dos mapas estatisticos, os erros até cometidos no tratamento da informação.

O ordenador, cuja configuração, nesta primeira fase, consiste numa unidade contral de 68 000 posições de memória, com 8 desenroladores de banda, pode ler 15/42 000 caracteres por segundo, está ainda equipado com uma impressora com a velocidade de 1200 linhas por minuto.

A terceira tarefa relaciona-se com o organograma do banco e a quarta, refere-se aos utilizadores do Centro, que tanto podem ser os serviços dependentes do banco como outras pessoas que dele se queiram servir.

Além da centralização da contabilidade, o Centro Electrónico pode ainda realizar outras tarefas, como sejam a centralização da carteira a determinação dos custos das operações, serviços de titulos, vencimentos, etc.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	528$	525$	530$
Consolidado 3%	547$	545$	550$
Consolidado 3 1/2%	650$	650$	—
Centenários 4%	1.506$	1.505$	1.507$
Obrig. Tesouro 5%	—	1.012$	1.018$
Externa 1.ª Série	—	600$	—
Externa 1.ª Série a	—	740$	800$
Externa 3.ª Série	—	780$	—
Externa 3.ª Série a	—	900$	940$
Cautelas 3.ª Série	205$	190$	205$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	480$	495$
A P L 5% 56	—	930$	970$
A P L 5% 58	—	955$	—
C P 4 1/2 65	—	905$	—
C P 5 1/2% 67	—	1.005$	1.015$
C U F 6%	—	1.021$	—
C U F 6% 68	1.015$	1.015$	—
Gás Elect 4% 48	—	860$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 52	—	930$	—
Gás Elect 5% 58	—	930$	940$
Gás Elect 5% 59	—	900$	940$
Gás Elect 5% 62	—	930$	960$
Gás Elect 5% 63	—	900$	—
Gás Elect 5% 65	—	930$	—
Gás Elect 5% 67	—	1.015$	1.030$
H E A Alentejo 5%	—	850$	860$
H E Cávado 5%	855$	855$	—
H E Cávado 6%	1.010$	1.008$	1.012$
H E Douro 5%	855$	855$	—
H E Douro 6%	1.003$	1.002$	1.004$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	1.005$	—	—
H E Zêzere 5% 55	840$	—	850$
H E Zêzere 5% 57	—	840$	855$
Lisnave 6%	—	1.015$	1.020$
Metropolitano 4%	—	910$	—
Metropolitano 5 3/4%	1.000$	1.000$	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr 5%	860$	860$	865$
Nitratos 5%	—	835$	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	880$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	930$	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 3.ª	850$	851$	850$
Siderurgia 5% 4.ª	835$	840$	840$
Sonefe 5%	—	825$	—
T A P 4%	—	945$	—
Termoelect Port 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	—	87$5	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	84$	85$
U E P 5% 60	—	840$	—
U E P 5% 63	—	860$	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.018$	1.016$	1.020$
Alentejo	734$	716$	725$
Angola	1.820$	1.800$	1.825$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	2.030$	2.025$	2.040$
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S a	—	—	—
L & Açores p	4.000$	4.000$	4.050$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico a	—	5.400$	—
Portugal n	—	2.420$	—
Portugal a	2.870$	2.870$	2.900$
Totta Aliança	5.350$	5.300$	5.400$
Ultramarino n	1.765$	1.760$	1.770$
Ultramarino a	1.980$	1.970$	1.990$
Seguros			
Alentejo	75$	74$	76$
Douro	—	—	—
Mundial	455$	450$	460$
Sagres	—	1.100$	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarina	—	8.500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	790$	790$	820$
Ag Cassequel	660$	655$	670$
Ag Incomati	—	1.550$	—
Ag Novas	—	—	—
Ag S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	91$	91$	—
Cabinda	245$	241$	250$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.440$	1.440$	1.445$
H E Revué	605$	605$	610$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	107$	108$	110$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	380$	370$	390$
Zambézia	69$	68$	69$
C.ias Diversas			
Cidla	—	7.050$	—
Cim Leiria	—	2.500$	2.600$
Cim Tejo	—	4.500$	5.000$
Col Navegação	—	800$	900$
C U F	—	1.050$	—
Ind Aliança	—	—	695$
Nac Navegação	2.900$	2.850$	2.900$
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	—	1.340$	1.380$
Port Celulose	—	3.200$	—
Port Pesca	900$	880$	920$
Port Tabacos	517$	516$	519$
Sacor	4.800$	4.750$	4.850$
Siderurgia Nac.	1.255$	1.255$	—
Socel	2.270$	2.265$	2.270$
Tabacos de Portugal	840$	800$	—
Tabaqueira	11.800$	—	—
U F Azoto	725$	725$	730$
Águas Electr. e Gás			
Águas Lisboa p	—	390$	395$
Águas Lisboa 34	—	410$	—
Águas Lisboa 36	—	390$	—
Elect Beiras	1.520$	1.520$	1.525$
Gás Electr	390$5	390$5	391$
H E Alto Alentejo	153$	153$	154$
H E Cávado	1.295$	1.300$	—
H E Douro	1.295$	1.293$	1.297$
H E Norte Portugal	—	305$	310$
H E S Estrela	—	1.700$	—
H E Zêzere	—	1.330$	1.345$
Nac Electricidade	1.340$	1.335$	—
Termoeléctr Port	1.370$	1.371$	—
U E P	—	96$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	158$8	163$6
F I D E S	—	106$5	109$7

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES — Base Dez 65 100

	2/4/69	9/4/69	10/4/69
GERAL	113,5	114,4	114,6
METROP.	111,1	111,5	111,7
ULTRAM.	131,1	136,0	135,6

PAÍSES	Compra	Venda
África do Sul — Rand	36$00	38$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$20	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$40	[illegible]
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$02	7$22
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	[illegible]	[illegible]
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$78	[illegible]
Inglaterra — Libra	67$90	[illegible]
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53	$56
França — Franco	5$25	[illegible]
Suíça — Franco	6$55	[illegible]
Dinamarca — Coroa	3$65	[illegible]
Noruega — Coroa	3$80	[illegible]
Suécia — Coroa	5$35	[illegible]
Ouros		
Inglaterra — Libra Isabel	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	39$70	41$20

J BURNAY, L.DA — Notas estrangeiras — Papéis de crédito — RUA DO OURO, 78 — Tel. 321223

URBANO TAVARES RODRIGUES NA LIVRARIA QUADRANTE

Amanhã, ás 18 e 30, o nosso prezado camarada de redacção e distinto escritor dr. Urbano Tavares Rodrigues estará na Livraria Quadrante, á Avenida Luís Bivar para uma sessão de autógrafos.

Urbano Tavares Rodrigues, escritor dos de maior êxito das nossas letras contemporâneas, assinará em particular os seus ultimos volumes publicados: «Horas Perdidas», «Escritos Temporais» e a terceira edição dos «Insubmissos».

NOVAS COMISSÁRIAS DA M. P. F.

Foram nomeadas comissárias-adjuntas da M. P. F. as dr.as D. Maria Luísa Neves Cardoso e D. Alda Alves de Sousa Monteiro Correia Luís, professoras, respectivamente, dos Liceus Rainha D. Leonor e Filipa de Lencastre.

Necrologia

SUFRÁGIOS

Engenheiro inspector superior João Paulo Barbosa Baptista

Missa do 30.º dia e agradecimento

Mandada celebrar por sua familia, será rezada missa do 30.º dia, amanhã, sexta-feira, dia 11, pelas 19 horas, na Capela da J. S. C., Calçada Bento da Rocha Cabral, n.º 1-A-E-I-B (ao Rato).

Sua familia aproveita a oportunidade para agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar e a quem por desconhecimento das moradas, não foi possivel agradecer directamente.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Dr.ª Maria Soledade Génio Parada

MISSA DO 7.º DIA

Realiza-se na 6.ª-feira, dia 11 de Abril, pelas 12 horas, na capela do Hospital de S. José, mandada rezar pelos médicos do Serviço 8 do Hospital dos Capuchos.

Agradecimento ao Ex.mo Sr. Dr. António Manuel Nobre Correia

ARSÉNIO AUGUSTO PEREIRA CABAÇO vem, por este meio, significar a sua enorme satisfação pela maneira como foi acolhido pelos serviços clínicos do Hospital de Jesus, durante o período em que ali esteve internado, por motivo de ter sido submetido a uma intervenção cirurgica, agradecendo penhoradamente ao ilustre médico, interno nos Hospitais Civis, o êxito obtido, o que só foi possivel pelos seus méritos de exímio operador, tendo ao mesmo tempo, evidenciado inexcedíveis desvelos na assistência que prestou em todas as circunstâncias.

Dentaduras artificiais fixas objecto de mesa-redonda no Congresso de Estomatologia

No prosseguimento dos IV e VI Congressos Português e Internacional de Estomatologia, respectivamente, ontem inaugurados, foram hoje apresentadas numerosas comunicações. Assim, na sala A, e com início às 9 horas, efectuou-se uma mesa-redonda subordinada ao tema «Fisiologia Oclusal e a Prótese fixa», sendo moderador o prof. Mário Martignoni, da Itália. Nela participaram os profs. Benjamin Moffet (E. U. A.), Ermano Hoffer (Itália), J. Lakermance, Renato Bandettini (Itália) e J. Dubruille.

A partir das 11 horas, e também na sala A, sob a presidência dos prof. Saenz de La Calzada e drs. Y. Commissionat, A. Esteves Pereira e Machado Capelas foram apresentadas as seguintes comunicações: «Anestesias locais e loco-regionais em Estomatologia. Profilaxia dos incidentes e acidentes», pelo prof. Jacques Leroux (França); «Aspectos da anestesia troncular do dentário inferior», pelos drs. Esteves Pereira, José António Martins Campos e Fernando Peres (Portugal); «Novo método de analgesia local efectiva do dente para o seu tratamento mecânico», pelo dr Metchitachvili (Rússia).

Seguiu-se a discussão das comunicações apresentadas, após o que o dr. Lélio Marques (Portugal) falou sobre «Necroses do maxilar superior (dois casos clínicos)»; e o dr. Assis Camilo (Portugal) tratou de «Necroses do maxilar por irradiação — sua profilaxia». Seguiu-se discussão destas comunicações.

Entretanto, na sala B, e também de manhã, sob a presidência dos prof. J. Toman e drs. J. Leroux, Frazão Nazareth e Ruy Vidal, apresentaram trabalhos os drs. Stefano Tramonte (Itália), António Raul, Filho (Portugal), Giordano Muratori (Itália), Joaquim Mendes Vasconcelos, Esteves Pereira, Alvaro Torres e Fernando Peres (Portugal); Orig-Osipor-Sinesti (Roménia), António da Silva Paut (Portugal) e C. C. Funcia (Porto Rico).

Efectuou-se, também, uma reunião do Conselho Directivo da Associação Estomatológica Internacional, que decorreu na sala C.

De tarde, foram apresentadas, também, numerosas comunicações, nas salas A e B e, na sala C procedeu-se á projecção de filmes.

Contrabandistas roubados ou uma história de bordo com começo em Las Palmas

Sete electricistas e um mecânico da Companhia Colonial de Navegação, especializados na «colocação» de artigos de contrabando, foram apertados num rápido cerco que lhes moveu a Polícia Marítima, cujas investigações prosseguem para deslindar o resto da meada.

O que se sabe até agora ficou a dever-se a uma informação anónima. Segundo essa voz desconhecida, passava-se *alguma coisa* a bordo do «Vera Cruz». Sob as ordens do adjunto do comando Manuel Augusto Cabaço, subchefes Martins Baptista e Nabais e o agente Graça actuaram discretamente, localizando numa primeira fase o electricista Luís da Costa Horta e o mecânico Rosendo Manuel das Dores Palma, indiciados pelo furto de receptores de rádio, gravadores e outros artigos. Os dois confessaram: tinham-se apoderado de tudo isso, que estava numa dependência do paquete.

Falas tu, falo eu? Pouco depois Luís Horta e Rosendo Palma indicavam os nomes de mais seis amigos, todos electricistas da C. C. N., como tendo em suas mãos vária mercadoria do mesmo género. E era verdade. Os detidos da segunda fase — Marcos José Pereira de Matos, João António Gomes Alves, Rafael Alves da Silva, Joaquim Marques Brás, Joaquim dos Santos Reis e Manuel Amândio da Costa Moreira — não hesitaram em repôr o objecto do furto. Aliás, só um deles vendera um receptor de rádio, mas acrescentou que o restituíria.

NEGÓCIO EM LAS PALMAS

A Polícia Marítima conseguiu apreender vinte rádios, cinco isqueiros e vários relógios alemães. Simplesmente, os detidos juram que havia mais a bordo: fitas de gravador, gravadores, uma máquina fotográfica e tripés.

Assim sendo, falta saber quem eram os proprietários do contrabando. Outro grupo de operários? Tripulantes ligados a uma rede da especialidade? Só parece fora de dúvida a proveniência de todos estes artigos: Las Palmas.

É convicção da P. M. que os contrabandistas, parcialmente roubados pelos oito operários, teriam desviado para lugar seguro o remanescente da encomenda.

«Centrais nucleares com reactores de altas temperaturas»

Uma conferência subordinada ao título em epígrafe foi esta manhã proferida pelo dr. engº Edgar Boehl, conhecido especialista e perito alemão no domínio d[as] centrais nucleares, na segunda das palestras que vem fazer ao nosso País.

O dr. Boehl, que foi assistente científico da Universidade Técnica de Hannover e é director da GHH-Gutehoffnungshuette Sterkrade A. G., durante a sua visita a Portugal, além de ser recebido pelo vice-presidente da Junta de Energia Nuclear, terá conversações com os diversos departamentos técnicos da mesma Junta.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 10 — (A. N. I. e L.) — Foi distribuído o «Boletim Informativo das Forças Armadas na Guiné» relativo ao período de 31 de Março a 6 de Abril, com o seguinte texto:

«Durante este período, o inimigo flagelou os aquartelamentos de Guileje, Catió, Cufar, Ilheu da Infanda, Biambe e Cameconde, implantou engenhos explosivos nas regiões de Madina, Xime, Gamualia, Bissorã, Pelundo, Flaque, Amedé, Tite, Cajambari e Bolama e emboscou as nossas tropas nas regiões de Galo, Corubal, Xitole, Poldom, Xime, Dembadado, Farim, Rio Lamel, Jumbembem, Sareamadi e Aldeia Formosa.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu na região Poidom-Xime três capturados e a apreensão de material diverso; na região Pontanalu-Gubia, um capturado e a apreensão de documentos; na região de Pendulo, sete mortos e a apreensão de armamento e munições e de documentos diversos; na região de Cajambari, um morto, seis capturados e apreensão de armamento; na região de Bissasema-Tite, dois capturados; na região de Galo Corubal-Xitole, a apreensão de material diverso; na região de Dando Mandinga-Farim, um morto; na região de Ponta Brandão-Empada três mortos e apreensão de armamento, munições e material diverso.

Foram destruídas várias instalações inimigas.

No conjunto das acções levadas a efeito foram recuperados onze elementos da população.

Durante este período, o inimigo sofreu doze mortos e doze capturados. As nossas forças sofreram em combate três mortos, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados pelos órgãos de Informação.

REBEL 700
REBEL 700
REBEL 700

REBEL 700
REBEL 700
REBEL 700

...há APRESENTAÇÃO EM PORTUGAL, NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES. •

PRODUZIDO PELA
RELIANT MOTOR COMPANY LIMITED

ESSENCIALMENTE UTILITÁRIO E ECONOMICO

DISTRIBUIDORES
GARAGEM VICTÓRIA
SOC. ELECTRO-MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS, LDA.

EDUCAÇÃO PERMANENTE

— Tema do ministro José Hermano Saraiva na inauguração da nova Biblioteca Nacional

— Uma grande biblioteca não pode ser um depósito inerte de livros, mas um instrumento activo da cultura que o livro é o veículo. Com a mudança das instalações, deverá portanto coincidir uma ampla renovação dos seus actividades, as quais, sem descurarem os aspectos especificamente da biblioteconomia, do mínio em que a Biblioteca Nacional compete naturalmente exercer uma acção exemplar se deverão orientar no sentido predominante do fomento cultural, da educação permanente e do apoio à investigação científica — afirmou esta tarde o ministro José Hermano Saraiva na inauguração das novas instalações daquele serviços.

O acto foi presidido pelo almirante Américo Thomaz e a ele se associaram, além de vários membros do Governo (nomeadamente o ministro das Obras Públicas), entidades oficiais ligadas ao sector da Educação.

Como recordou o dr José Hermano Saraiva, o conjunto arquitectónico hoje entregue ao seu ministério é o próprio e competente edifício, com suas acomodações e oficinas», de que já se falava há 173 anos.

— Até este ele finalmente — sublinhou o ministro — *Foi concebido com nobre amplidão e dotado de todas as condições técnicas exigidas pela missão a que se destina. E, como todos vão poder ver, uma obra magnífica, que honra o nosso País, enobrece a nossa cultura e constitui, em si mesmo, um elogio para os departamentos que tiveram a responsabilidade da sua traça e realização.*

Em doze que se divertem, um que lê

Que leitores somos nós? A esse respeito citou o ministro os dados estatísticos de 1967: 30 milhões de presenças nas salas de cinema, teatro e cultura musical, apenas 2 milhões nas salas de leitura. E acrescentou:

— Por cada doze pessoas que se proporcionaram um divertimento apenas uma consultou uma biblioteca. Este confronto é significativo, porque os sectores de população que podem assistir a espectáculos remunerados de teatro ou de cinema é o mesmo que dispõe daquele mínimo de possibilidades de tempo e de curiosidade intelectual que podem conduzir à frequência das bibliotecas.

Aliás, pior um pouco: das 40 mil leituras registadas na Biblioteca Nacional de Lisboa em 1960 decrescia-se sete anos depois, para 17 mil.

— É uma situação que tem de ser corrigida — disse o dr. José Hermano Saraiva —. *As bibliotecas públicas estão abertas a todos, mas a sua função não é só a de disporem de livros para os leitores: compete-lhes também conquistar leitores para os livros.*

Planos e gente

Vai procurar-se delinear e pôr em prática» um plano nacional de leitura, afirmou ainda o ministro. Esse plano incluirá modalidades como a leitura nocturna, domiciliária, em fábricas e programada — e a própria iniciação à leitura. Por outras palavras:

Vai procurar-se também, e sobretudo, integrar as actividade das nossas bibliotecas e arquivos no conjunto de uma política nacional de educação permanente», que há-de ser «a educação sempre, a educação de todos e a educação através de tudo», para usar os termos do orador.

Vai finalmente procurar-se apoiar, por meio das bibliotecas, a investigação científica — com informação bibliográfica e fornecimento de índices, resumos, textos traduzidos e outro material de trabalho — e a investigação histórico-cultural portuguesa.

O ministro referiu-se, em seguida, à necessidade de documentalistas e de estimular a carreira de arquivista.

Usaram também da palavra o ministro das Obras Públicas (há já alguns anos que se iniciou este edifício; condicionalismos especiais fizeram alongar a construção, que poderia ter sido realizada em prazo bastante menor com igual esmero técnico e alguma redução de custo») e o director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Durante a visita inaugural, o Chefe do Estado e sua comitiva passaram sucessivamente pelas exposições temáticas de «Tesouros da Biblioteca Nacional», «40 anos de actividade editorial do Estado», «Antiguidades romanas da Biblioteca Nacional» e «Estatuária».

*

Toda a cobertura eléctrica do novo edifício da Biblioteca Nacional foi efectuada com cabos condutores da CEL-CAT, Fábrica Nacional de Condutores Eléctricos, S. A. R. L.

As razões do público têm fácil explicação...

Tal como as cerejas, as oportunidades acerca de lotarias vêm umas a seguir às outras. E, talvez por isso mesmo, com a experiência colhida ao longo de quase dois séculos, a Misericórdia emite durante o ano lotarias de pendor e sabor diverso. Sintomàticamente, porém, parece que o público tem especial predilecção pelo tipo de sorteio de sábado próximo (lotaria da Primavera), com quatro séries de bilhetes de custo reduzido e outras tantas sortes grandes, de 1.500 contos.

A dar-nos razão parece ser o facto de se haverem já esgotado os respectivos bilhetes. E, vamos lá, que por oitenta escudos ganhar milhão e meio, é de concordar com esse público que, em muitos casos, não pode dispor de elevadas quantias para realizar a ambição de fortuna fácil.

QUE PREFERE?

Uma oportunidade para 4 fortunas

ou...

Quatro oportunidades de 1 fortuna?

Como o leitor sabe, certamente, no sorteio do próximo sábado da Lotaria da Primavera, serão atribuídas 4 séries de prémios com outras tantas «taludas» de 1.500 contos, cada uma. E, se pessoas há que tentam a sorte apenas num único número — muitas habilitando-se até a receber os 6.000 contos dos 4 bilhetes —, outras preferem aumentar as suas probabilidades de ficarem milionárias neste fim de semana, adquirindo bilhetes ou fracções de números diferentes, mas contentando-se com uma sorte grande. — Quem terá razão?...

Embora a decisão vos caiba inteiramente, desejamos lembrar-vos que os bilhetes da Lotaria da Primavera custam apenas 80 escudos! Claro que — aos que desejam os 6.000 contos correspondentes às 4 sortes grandes —, os 4 bilhetes importarão em 320 escudos.

Caro leitor, decida a sua fortuna até sábado — dia 12.

Nos concelhos de Castro Verde e Almodôvar, como outras notícias, a desinfestação dos montados parece ter dado como consequência o extermínio de muita caça. É uma riqueza cinegética que está a perder-se. Quem dessa providências?

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

INSTITUTO DE ALTA CULTURA

BOLSAS DE APERFEIÇOAMENTO ARTÍSTICO FORA DO PAÍS

Para efeitos do disposto na alínea c) do n.º 1 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 46 038, de 16 de Novembro de 1964, está aberto concurso até 3 de Maio de 1969, para a concessão de bolsas de estudo e aperfeiçoamento artístico fora do País, no domínio das Belas-Artes e da Música, em conformidade com o declarado nos números seguintes:

I. Podem concorrer indivíduos de nacionalidade portuguesa com menos de 35 anos de idade, diplomados com o curso das Escolas Superiores de Belas-Artes e com os cursos superiores do Conservatório Nacional e do Conservatório de Música do Porto, ou artistas de mérito reconhecido.

II. Os concorrentes deverão declarar no requerimento:

a) Nome, estado, data do nascimento, filiação, residência, habilitações e profissão ou cargos que exerçam, com as respectivas remunerações;

b) Estudos que pretendem fazer.

III. O requerimento deverá ser acompanhado de:

a) Breve «curriculum vitae», onde se indiquem os estudos já efectuados com as classificações obtidas, e as actividades que documentem os méritos artísticos do candidato;

b) Plano pormenorizado dos estudos a fazer indicando os estabelecimentos que o candidato prefere frequentar, os professores sob cuja orientação quer aperfeiçoar-se e o tempo que considera necessário para esse fim;

c) Quando o concorrente for membro do corpo docente de uma Escola Superior de Belas-Artes, do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto (parecer do respectivo director sobre o plano de estudos, fundamentado no opinião de especialistas;

d) Quando o concorrente não for diplomado com um curso superior, cartas abonatórias de dois artistas de reconhecido mérito;

e) Declaração a que se refere o Decreto-Lei n.º 27 003, de 14 de Setembro de 1936.

IV. Os concorrentes poderão ser convidados a apresentar outros documentos julgados necessários à instrução do processo e a dar prova de que conhecem suficientemente a língua do país onde pretendem estudar.

V. Os concorrentes que pertençam ao corpo docente de estabelecimentos dependentes do Ministério da Educação Nacional deverão enviar os requerimentos através da via hierárquica respectiva.

VI. Os concorrentes que não forem diplomados com um curso superior da especialidade em que desejam aperfeiçoar-se poderão ser submetidos a concurso de provas públicas, cuja organização será oportunamente fixada.

VII. Serão condições de preferência na atribuição de bolsas:

a) O aperfeiçoamento nos domínios em que se verifique maior carência de pessoal docente ou artistas de reconhecido mérito;

b) O aperfeiçoamento em domínios considerados de maior interesse para o desenvolvimento artístico do País.

Todos os esclarecimentos serão prestados no Instituto de Alta Cultura, Praça do Príncipe Real, 14, Lisboa-2, Telos. 34508 e 33885), em cada dia útil (sábado até às 12 horas).

INAUGURADO O CORPO SUL DA AEROGARE DA PORTELA

Entrou esta tarde ao serviço, após a inauguração pelo ministro das Comunicações, o novo corpo sul B da aerogare da Portela de Sacavém, do qual já fizemos uma descrição para os nossos leitores.

Destina-se, como se informou, aos voos domésticos, pelo que será pelo edifício agora inaugurado que passarão a transitar todos os passageiros utentes das carreiras internas.

Igualmente terão de servir-se do novo corpo os passageiros que, procedentes dos voos internacionais, pretendem seguir, de avião, para o Porto, Faro ou Funchal.

Entretanto, ainda não se encontram a funcionar os estabelecimentos destinados a exploração comercial, cuja concessão irá à praça no dia 9 do próximo mês.

Livros para crianças na S. N. B. A.

Continua aberta, até sábado, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a exposição de livros para crianças, de autores nacionais, promovida pela Ludus e integrada nas comemorações do Dia Internacional do Livro Infantil.

Diàriamente, tem havido visitas guiadas de crianças ao certame: a de hoje, às 15 horas, é dirigida pelo nosso estimado camarada Mário Castrim; a de amanhã, pela poetisa Matilde Rosa Araújo e a de sábado, às 10 e 30, pela professora Judite Vieira.

Também algumas livrarias de Lisboa colaboram na iniciativa promovendo, às 16 e 30, «a hora do conto» dedicado às crianças: hoje, lido pela actriz Glicínia Quartin, na Livraria Bucholtz; amanhã, pela dr.ª Maria José Rau, na Divulgação; e depois de amanhã, por Mário Castrim, na Quadrante.

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE
FABRICO PRÓPRIO
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 32 45 64

CHOCOLATES TAGIDOS
BARREIRO - LISBOA - QUELUZ

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Torre de Babel

por João Medina

«NOVAS AVENTURAS DE GULLIVER»

RESUMO dos episódios anteriores: tendo naufragado no Índico, em Fevereiro de 1703, Gulliver vai parar a uma ilha chamada Atupal (capital: Opitylo); depois de nos ter descrito alguns aspectos da vida e do temperamento dos ilhéus, Gulliver conta mais um pormenor da estranha idiossincrasia atupaliana.

As primeiras pessoas que conheci em Atupal perguntaram-me sem mais preâmbulos e dum modo que me pareceu chocante se eu era a favor ou contra Idlung, questão que me deixou perplexo porquanto se me afigura tão absurda como querer saber se somos ou não partidários da existência do golfo pérsico ou do Himalaia. Até ali nunca me ocorrera que a simples existência daquele longínquo sultanato oriental fosse motivo de disputa ou sequer de debate entre pessoas honestas. Com efeito, Idlung é um poderoso sultanato que vive como que arredado do mundo europeu, protegido da nossa curiosidade pela inacessibilidade geográfica, já que, como se sabe, a referida nação se situa entre a Nova Celedónia e o cabo Norte, portanto em plagas bastante remotas e frígidas que os nossos viajantes raramente penetram. Todavia, apesar deste afastamento e das poucas ou mesmo nenhumas informações fidedignas de que dispomos acerca da vida, mentalidade e costumes da nação Idlung, os habitantes de Atupal votam àquele sultanato e a todos os súbditos desse reino uma antipatia verdadeiramente profissional, além de misteriosa e convulsiva.

A propósito e a despropósito de tudo, os ilhéus vituperam o sultão de Idlung, injuriam o povo idlunguiano, formulam críticas sem fim endereçadas à população, ao sistema governativo, aos costumes e ao comportamento idlunguianos, parantem ser o Globo inteiro objecto duma vasta maquinação idlunguiana destinada a corromper os povos, a mirrar-lhes a saúde, a reduzi-los à miséria e à mais negra servidão, asseveram ainda que em nenhum outro ponto do globo se cometem tantas infustiças, atrocidades, exacções e agravos. E tudo isto é diàriamente repetido na ilha, por seres que nunca saíram do acanhado solo atupaliano, que jamais viram um habitante de outro qualquer país e que ignoram por completo a maneira de pensar e de viver do povo de Idlung. Notei ainda que quanto mais baixa era a condição do ilhéu, mais acesa brilhava nele o ódio a tudo o que de longe ou de perto lembrasse Idlung. Observei também que esta animadversão esquizofrénica constituía mesmo para alguns um credo, uma maneira de conceber o universo e a vida, uma «Weltanschauung»; os atupalianos faziam-se anti-idlunguianos do mesmo modo que entre nós um súbdito de Sua Majestade se diz adepto dos «Whigs» ou dos «Tories». Mas aquilo que na minha pátria não passa duma maneira cordata e disciplinada de encarar a marcha e a condução da coisa pública transforma-se na ilha numa espécie de fanatismo sem freio, numa psicologia de «Agarra-que-é-ladrão!» vizinha da paranóia.

Desta óptica um tanto extravagante resulta, por exemplo, que um crítico literário dirá dum livro que lhe parece execrável: «parece ter sido impresso em Idlung», que um metafísico empenhado em exterminar uma filosofia adversa garantirá: «essas ideias vêm de Idlung», que até um simples roubo de um pão é qualificado nas gazetas de Atupal como «mais um exemplo da nefasta influência entre nós exercida pela conspiração idlunguiana, essa hidra que urge fulminar», que qualquer desacato nas ruas seja imediatamente julgado pela opinião pública atupaliana como fruto dos tenebrosos manejos dos agentes de Idlung», etc. Durante a minha estadia na ilha amiúde ouvi falar do «chacal de Samovak» (Samovak é, como se sabe, a capital de Idlung), dos «torpes princípios morais que Idlung exporta», da «pavorosa e nunca assaz ferreteada cabala urdida por todos os amigos de Idlung, tribo sem lei nem sentimentos», etc., expressões que denotavam uma funda e inveterada aversão pela entidade humana, política, geográfica e cultural dum sultanato que tão distante fica da ilha.

Dizia o meu mestre escocês de psicologia que todo o sentimento tem uma origem que é possível localizar no passado dum indivíduo ou duma comunidade. Inspirando-me nesta sábia reflexão do meu antigo professor de Edimburgo, procurei inquirir acerca da origem do arreigado anti-idlunguismo dos atupalianos. Todos os ilhéus interrogados sobre esta vesânia mostravam-se indecisos e tanto a explicavam como um simples passatempo sem consequências como lhe traçavam perversas etiologias. Quanto a mim, creio que a própria insularidade de Atupal, o alheamento em que vivem os seus habitantes quanto ao que se passa no mundo e a pobreza das luzes que recebem na escola contribuem dum modo ostensivo para criar nos autóctones uma repugnância irracional por um povo que, no fundo, integralmente desconhecem. Uma vez, tendo ido a um sapateiro para substituir uma fivela do meu sapato, reparei que o bom artesão observava com enorme desconfiança o feitio do meu calçado. «Parecem feitos em Idlung...», regougou ele para o filho. «Mas por quê, Idlung?», perguntei então com fingida candura. «Ora — respondeu o sapateiro —, porque os seus sapatos me parecem extravagantes, imorais e nada conformes com a maneira de ser dos meus compatriotas». Surpreendido com a resposta, interroguei-o então sobre Idlung: onde ficava, quem eram os idlunguianos, que religião tinham, que espécie de governo os regia, etc. As respostas do sapateiro mostraram-me aquilo que já suspeitara, ou seja, em geral, os anti-idlunguianos tinham uma ignorância total acerca do país e do povo que tão apiedadamente odiavam.

Arredados durante séculos do convívio europeu, os ilhéus conceberam o mundo duma forma ao mesmo tempo ingénua e azeda: à imagem daquele pobre sapateiro, detestavam uma nação que nunca lhes tinha feito qualquer mal, que de todo ignorava aliás a existência daquela pequena ilha perdida na imensidão do Índico, bem como daqueles seres bisonhos que falam duma cegueira uma razão de orgulho e mesmo uma doutrina capaz de lhes ditar uma ética, uma metafísica e uma política. (Escrito em Newark, durante o mês de Outubro de 1727).

Estrasburgo, Abril de 1969.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 41
(Edifício do Hotel Mundial)

TODO O ANO À SUA DISPOSIÇÃO
A PRAIA E A PISCINA DO TAMARIZ
Instalações Balneares do Estoril
BALNEÁRIOS E CABINES com duches de água quente e fria
RESTAURANTE · SNACK-BAR
Informações: telef. 261665·263512

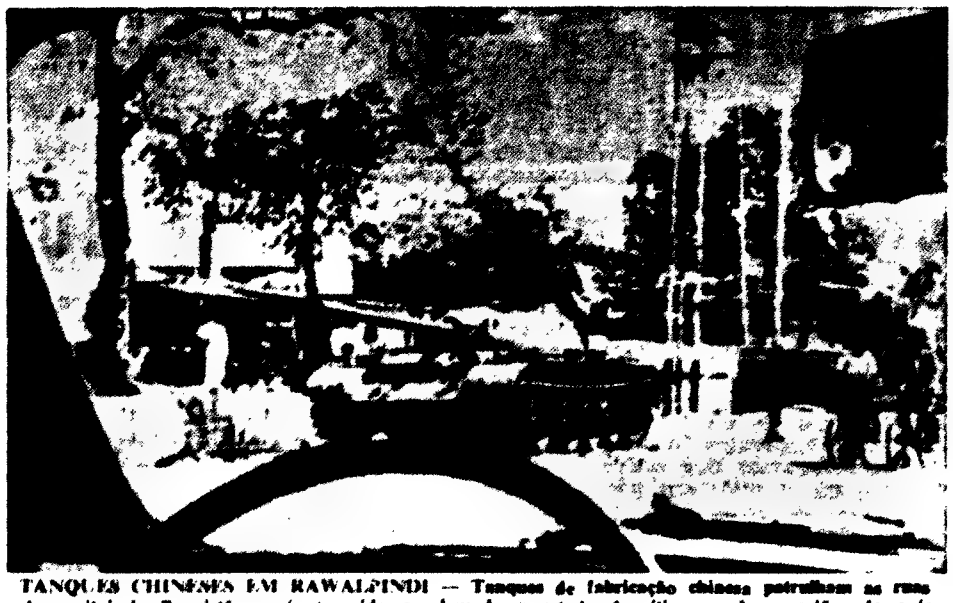
Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

Actualidade internacional

Aniversário do «Dia D»

ST. LO (França), 10 — (A. N. I.) — Perto de 4000 soldados norte-americanos, canadianos, ingleses e franceses participam nas cerimónias do vigésimo quinto aniversário do «Dia D», do desembarque das tropas aliadas na Normandia, durante a segunda guerra mundial — foi ontem anunciado em St. Lo.

Nos dias 5 e 6 de Junho efectua-se uma série de cerimónias militares nas próprias praias onde se fez o desembarque e povoações vizinhas, e no dia 7 realiza-se uma parada militar em St. Lo, que ficou 93 por cento destruída em Junho de 1944.



TANQUES CHINESES EM RAWALPINDI — Tanques de fabricação chinesa patrulham as ruas da capital do Paquistão, após ter sido proclamado o estado de sítio nas duas regiões do país

DUAS PESSOAS MORTAS NOS INCIDENTES EM BATTIPAGLIA

BATTIPAGLIA (Itália), 10 — (R.) — Cerca de mil policias restauraram a noite passada a ordem nesta cidade, após serem mortas a tiro duas pessoas, pelo menos, em consequência de uma das manifestações mais violentas do operariado que se registam na Itália em 10 anos.

Mais de 150 pessoas ficaram feridas na prolongada batalha entre a Polícia e manifestantes, que protestavam contra o encerramento de uma fábrica de tabaco de Battipaglia, pertencente ao Estado.

A certa altura, a Polícia abandonou a cidade, deixando que os manifestantes, calculados entre 4000 e 5000, dominassem completamente a situação.

Contudo, os guardas regressaram mais tarde e verificaram que a maior parte dos manifestantes regressara já aos seus lares, após receber garantias do Governo de que algo seria feito para melhorar a sua situação económica.

Um dos mortos foi indicado como sendo a professora Teresa Ricciardi, ferida a tiro, no peito, quando observava a luta de uma varanda. Outro foi um jovem de 19 anos, Carmine Citro, atingido por um tiro na cabeça. Notícias não confirmadas diziam que um garoto de 8 anos e outro jovem tinham também perdido a vida.

A manifestação violenta foi uma das mais sérias durante a vaga de agitação estudantil e da classe trabalhadora que tem assolado a Itália nos ultimos meses.

A Polícia negou ser responsável pelas mortes, mas o Partido Comunista, empenhado numa campanha para que os guardas sejam desarmados, atribuiu-lhe imediatamente a culpa.

Cerca de 2000 guardas patrulhavam hoje as ruas desta cidade, cobertas de destroços, após a desordem, que durou nove horas e que aumentou os receios de uma nova onda de agitação violenta na Itália.

As ruas de Battipaglia pareciam um campo de batalha, com árvores arrancadas pelas raízes, montras estilhaçadas, automóveis destruídos e lixo espalhado por toda a parte.

Numa praça viam-se os restos fumegantes de milhares de documentos municipais, roubados do Município e incendiados.

As desordens registaram-se no meio de uma drástica depressão económica em Battipaglia, onde alastra o desemprego entre os seus 25 000 habitantes e a principal actividade industrial — as conservas de produtos alimentícios — está em declínio.

O «monstro» de Loch Ness voltou a aparecer

DRUMNADROCHIT (Escócia), 10 — (A. N. I.) — Mantendo a tradição de todas as Primaveras, foi anunciado, na Escócia, que o «monstro» de Loch Ness fez a sua primeira aparição.

Clement Skelton anunciou em Drumnadrochit, onde está instalada a sede das investigações de Loch Ness, que o mestre James Rancie, pescador de Banff, tocalizou no sábado «uma das criaturas» por meio do sonar do seu barco, o «Ila-Burn».

Skelton revelou que o monstro foi localizado a 36 metros de profundidade.

Quando um repórter da U. P. I. perguntou a Skelton porque é que dissera «uma das criaturas», ele respondeu que «o «Ila Burn» local ou apenas uma das mais de cinquenta criaturas que vivem no Loch Ness»

LIBERALIZAÇÃO NA GRÉCIA

ATENAS, 10 — (Por Fabien Lacombe, da F. P.) — Os processos de 1954 deportados políticos gregos vão ser revistos e as pessoas que foram julgadas em tribunal marcial nos ultimos dois anos terão direito a recorrer da sentença. Os artigos da nova Constituição não aplicados até agora, acerca da inviolabilidade do domicílio e do direito a associação e á reunião entraram ontem em vigor. Uma lei de Imprensa será próximamente promulgada.

Este é o essencial das medidas de liberalização que, sem esperar pelo aniversário do golpe de Estado militar (21 de Abril), o primeiro-ministro Georges Papadopoulos ontem anunciou á Imprensa, para o efeito reunida na sala do Parlamento, em Atenas. Papadopoulos afirmou que estas medidas têm o cunho do espírito revolucionário do Governo, que tomou o Poder há dois anos.

Algumas das medidas só poderão ser aplicadas dentro de algum tempo, preveniu o primeiro-ministro. Serão necessários seis meses para que comissões de juristas elaborem os respectivos projectos de leis de aplicação. Para já, no entanto, vão ser reintegrados vários funcionários do Estado, que tinham sido demitidos após o golpe de Estado.

As leis de aplicação referem-se a cerca de vinte artigos da Constituição, tais como a inviolabilidade da correspondência, o estado de sítio, a regência, a eleição dos deputados, a formação de partidos políticos e seu funcionamento, o tribunal constitucional, a lista civil do rei e a dinastia. Os projectos de lei serão submetidos, daqui a seis meses, á «opinião pública», através das grandes associações nacionais. Os cidadãos terão, além disso, o direito de comunicar ao Governo as suas apreciações acerca de documentos legais, quando estes forem publicados na Imprensa.

Após um período de consultas e meditação, os projectos serão eventualmente revistos e, então, aprovados pelo Governo.

PROPOSTA PELA UNIÃO SOVIÉTICA UMA CONFERÊNCIA DE SEGURANÇA EUROPEIA

MOSCOVO, 10 — (A. N. I.) — No mesmo documento em que atribui á Organização do Tratado do Atlântico Norte (N.A.T.O.) a responsabilidade de todas as violências ocorridas no mundo durante as duas ultimas décadas, a U.R.S.S. propõe uma conferência de segurança europeia, baseada em importantes limitações á soberania da República Federal Alemã no campo da política externa.

Na declaração distribuída pela Tass a segurança europeia ficaria assente nos seguintes pontos:

— Reconhecimento das actuais fronteiras na Europa (referência á não aceitação, pela Alemanha Ocidental, da actual fronteira polaca e de algumas secções da fronteira checoslovaca).

— Reconhecimento da existência de dois Estados alemães.

— «Exclusão de qualquer possibilidade de acesso da República Federal Alemã a armas nucleares».

— Renúncia de Bonn «ás suas pretensões absolutamente ilegais sobre Berlim Ocidental».

— Uma declaração da Alemanha Ocidental de que o acordo de Munique, em 1938, foi «inválido desde o princípio», o que, na realidade significaria que o Governo de Hitler foi ilegal.

Os soviéticos acrescentam que a Alemanha Ocidental e os outros Estados deveriam assinar o tratado de não proliferação nuclear, «para diminuir o perigo de uma guerra nuclear».

BERTRAND RUSSELL

EXPLICA, PARA SI, A TEORIA DA RELATIVIDADE:

ABC da Relatividade

por Bertrand Russell

Toda a complexidade do pensamento de EISTEIN numa linguagem clara e acessível.
A teoria da relatividade exposta com simplicidade em todos os seus múltiplos aspectos.
Uma obra mundialmente famosa.
Col. «SABER», série especial, 196 págs. 30$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa:
Rua dos Fiéis, 45, 2.º
Delegação no Porto:
Rua de Entreparedes, 6, 2.º

«Pipe-line» soviético para água mineral

MOSCOVO, 10 — (A. N. I.) — A U.R.S.S. vai construir uma conduta com 43 quilómetros de comprimento para transportar água mineral, dos poços de água Narzan, em Kumskaya, para a cidade de Kislovodsku, ao Norte do Cáucaso — escreve o jornal moscovita «Sovietskaya Rosiya».

Narsa é o nome da mais popular água mineral russa, que se afirma ter efeito benéfico em afecções cardíacas e gástricas.

SEGUNDO HOMEM-MACACO COLOMBIANO

CALI (Colômbia), 10 — (F. P.) — Um segundo homem-macaco foi descoberto no dia 7, na Colômbia, numa caverna da região de Cali. Um primeiro homem-macaco tinha sido encontrado em Popayan, ao sul de Cali.

O individuo apresenta todas as características de um símio, com metro e meio de altura e o corpo coberto de pêlos fulvos. Incapaz de falar, apenas emite sons guturais.

É CONTESTADA A AUTENTICIDADE DOS «DIAMANTES COR-DE-ROSA»

BOGOTA, 10 — (F. P.) — «As pedras cor-de-rosa» são autênticos diamantes — declararam ontem á noite, na Televisão colombiana, Claudio Vernot e Francisco Andrade, dirigentes da sociedade de beneficência Ayudate, que as encontraram algures no país.

Na sua opinião, não tem fundamento as razões aduzidas pelo Ministério colombiano das Minas que contestou oficialmente a autenticidade desses «diamantes».

Os dois dirigentes anunciaram o propósito de consultarem peritos estrangeiros para confirmar a natureza diamantífera das «pedras cor-de-rosa».

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Lapa, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Batalha e Aviz, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Padres argentinos estudam a situação da Igreja «rebelde»

BUENOS AIRES, 10—F.P. — Trinta padres, pertencentes ao grupo progressista «Terceiro Mundo», avistaram-se com monsenhor Juan Carlos Aramburu, bispo coadjutor de Buenos Aires, para tratar da situação da Igreja «rebelde» na Argentina.

Embora a reunião tenha sido secreta, soube-se que durante a entrevista tinha sido focado o apoio que este grupo de sacerdotes dá aos trinta párocos da cidade de Rosário que se encontram em conflito aberto com o seu bispo, monsenhor Guillermo Bolatti.

Após a reunião, os padres recusaram-se a fazer qualquer declaração.

SEMINARISTAS FAVORÁVEIS AO CASAMENTO

DETROIT, 10 — Mais de 50 por cento dos seminaristas norte-americanos são favoráveis ao casamento dos padres, segundo revela uma sondagem do «Centro de Investigações do Apostolado».

Esta sondagem foi feita no ano passado através dos Estados Unidos em 95 seminaristas e junto de 7167 jovens. Cerca de 40 por cento declararam que se casariam se tivessem autorização.

Quarenta por cento dos seminaristas interrogados declararam também que não se casariam certamente. Outros 20 por cento não têm opinião definida.

O guarda fronteiriço soviético Yuri Vahrushev vigia, o movimento das tropas chinesas concentradas na outra margem do rio Ussuri. Segundo o jornal russo «Sovietskaya Sport», do dia 8 do corrente, continuam a verificar-se incidentes naquela região

O «LEM» evoluirá a 15 km da Lua no próximo voo

NOVA YORK, 10 — (F. P.) — O voo «Apolo 10» que vai reeditar simultâneamente as duas missões anteriores — «Apolo 8», primeiro veículo espacial tripulado que atingiu a vizinhança da Lua, e «Apolo 9», onde se experimentou o módulo lunar «LEM» — não se destinará apenas a aperfeiçoar técnicas já experimentadas. Os cosmonautas John Young, Thomas Stafford e Eugene Cernan farão manobras extremamente perigosas e que exigem rigorosa precisão.

A tripulação da «Apolo 10» estará a cerca de 400 mil quilómetros da Terra, privada de qualquer auxílio em caso de avaria. Além disso, o «LEM», em vez de ter, como no caso da «Apolo 9», um campo de manobra praticamente ilimitado, evoluirá a 15 quilómetros da Lua e, desde que se cometa um erro, poderá esmagar-se na superfície do nosso satélite.

O momento mais crítico ocorrerá quando Cernan e Stafford fizerem descer o seu habitáculo. A manobra desenrolar-se-á sobre a face escondida da Lua, estando interrompidas todas as comunicações com a torre de «contrôle» de Houston. A precisão terá de ser total porque se o motor funcionar sòmente três segundos a mais, o «LEM» e os seus ocupantes precipitar-se-ão na Lua a uma velocidade de 1520 metros por segundo e esmagar-se-ão.

ACUSAÇÃO SOVIÉTICA

HONG-KONK, 10 — (R) — Rádio Moscovo afirmou hoje que cerca de 400 000 pessoas perderam a vida na China quando os «guardas vermelhos» desencadearam uma orgia de violência no auge da Revolução Cultural.

Aquela emissora, numa transmissão em chinês para ouvintes na China, disse ainda que essas pessoas perderam a vida por causa da acção aventureira de Mao e da sua política, que era contra as massas.

Acrescentou que a Revolução Cultural não só enfraqueceu o Partido Comunista Chinês, mas quase o paralisara.

MAL-ESTAR NO EXÉRCITO DA CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA, 10 — (F. P.) — A decisão de reforçar o trabalho político e ideológico junto dos quadros do Exército, anunciada conjuntamente, ontem á noite, pelo Conselho Militar do Ministério da Defesa e pela repartição da administração política do Exército, confirma o sentimento de haver um sério mal-estar entre o Exército checoslovaco.

Já a série de visitas empreendidas pelo general Ludvik Svoboda a todas as guarnições do país (junto á fronteira ocidental, depois em Brno, capital da Morávia, em Xeske Budejovice, na Boémia do Sul e por fim ontem na Eslováquia Oriental) mostrava a preocupação do seu chefe supremo com o moral do Exército. Muitos novos indícios vieram confirmar ontem a gravidade do caso. Soube-se, com efeito, que entre as personalidades que acompanharam o presidente Svoboda á região militar oriental, Milan Bencik foi oficialmente designado para chefe da repartição «para a política de defesa e de segurança junto da comissão central». Nunca se ouvira falar nem de Bencik nem daquelas funções. Julga-se que é uma indicação de que a antiga «repartição para o Exército e a segurança junto da comissão central», suprimida em Julho último, ressuscitou agora.

MIKE MANSFIELD ESPERA UM CESSAR-FOGO NO VIETNAM

WASHINGTON, 10 — (F. P.) — O senador Mike Mansfield, chefe da maioria, declarou que via possibilidade de um cessar-fogo tácito no Vietnam num futuro próximo. Durante uma entrevista concedida á agência norte-americana Associated Press, o parlamentar democrático referiu-se também á opinião emitida por alguns estrategas norte-americanos segundo os quais os comunistas cessaram a sua ofensiva no Vietnam. O senador declarou que os Estados Unidos deveriam, por sua vez, abrandar a pressão no plano operacional e evitar os recontros. Mike Mansfield acrescentou que, mesmo que um cessar-fogo oficial não se verifique imediatamente, tal iniciativa poderia traduzir-se numa trégua tácita facilitando as perspectivas de uma solução pela negociação.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Anulada a eleição do antigo ditador venezuelano Perez Jimenez

CARACAS, 10 — (F. P.) — O Supremo Tribunal da Venezuela anulou a eleição para o Senado do antigo ditador Marcos Perez Jimenez.

O tribunal baseou a sua decisão em dois factos: o antigo general não estava inscrito no registo eleitoral de Dezembro passado e não tinha votado. Ora, a Constituição prevê que para ser elegível é preciso ser eleitor.

O antigo general viveu em Espanha, desde a sua saída da prisão em 1968, e encontra-se actualmente em Lima (Peru).

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º — Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. M. Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª, 5.ª e sáb.º — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sífilis — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

CYCLONE

LUTA LIVRE AMERICANA

AMANHÃ — 6.ª-FEIRA

ÀS 21.45

MEIAS FINAIS DO TORNEIO INTERNACIONAL

NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

UM CASO ÚNICO NA HISTÓRIA DA LUTA LIVRE MUNDIAL:

UM COMBATE, SEM LIMITE DE TEMPO, EXIGIDO PELO PÚBLICO E PELOS PRÓPRIOS LUTADORES.

MIK BARONE-CYCLONE

A mais sensacional jornada de Luta que se tem realizado em todo o Mundo. Depois do incidente da última terça-feira, o lutador italiano Mik Barone avisou a Empresa que se não combatesse com Cyclone, na próxima jornada, abandonaria o Torneio. «Quero desforrar-me da traição cometida pelo lutador espanhol. Foi a primeira vez que, no Estrangeiro fui obrigado a recolher assistência num Hospital. Isso selará entre o Cyclone». Por sua vez Cyclone, verdadeiro terror dos ringues afirmou: «Eu é que fui o agredido. Mik Barone sabia que comigo era diferente. Vencerei é vontade. Além do mais quero a Empresa marcasse este combate.

TARZAN TABOADA-BRAN MANAS

Um combate que o nosso campeonato necessita vencer para subir presente ao final do grandioso torneio.

E AINDA: LANDRO-MAXIMILIANO, TABUA-VELIZ E MONTERO-SHARON, ALÉM DA FAMOSA LUTA A QUATRO

NOTA: Pede-se ao público que durante o após o combate Cyclone-Mik Barone, não abandone os seus lugares, em especial os dos cadeiros do ringue.

As bilheteiras abrem hoje nos Restauradores

UMA SESSÃO QUE FICA NA HISTÓRIA DA LUTA MUNDIAL

Organização INTERLUTA —— M/ 17 anos

REBEL ROVER Scimitar 3

CONSAGRADAS MARCAS BRITÂNICAS DE AUTOMÓVEIS SÃO EQUIPADAS COM

AUTO-RÁDIO PHILIPS

VEJA OS NOVOS MODELOS EM EXPOSIÇÃO NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES A PARTIR DE AMANHÃ DIA 11 DAS 17 ÀS 24 H.

UNIGRAM — EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO AGRO-COMERCIAL, S. A. R. L.

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 17 de Julho de 1968, exarada de fl. 1 v.° a fl. 17 do livro n.° 32-A do 1.° Cartório da Secretaria Notarial de Santarém, foi constituída definitivamente uma sociedade anónima de responsabilidade limitada com a denominação Unigram — Empresa de Desenvolvimento Agro-Comercial com sede na Rua de Maria Andrade, 8, em Lisboa, que se regulará pelos seguintes

ESTATUTOS

CAPÍTULO I

Denominação, sede, objecto e duração

ARTIGO 1

É criada e regor-se-á pelos preceitos da legislação aplicável e pelos presentes estatutos uma sociedade anónima de responsabilidade limitada com a denominação Unigram - Empresa de Desenvolvimento Agro-Comercial, S. A. R. L.

ARTIGO 2

A sede provisória da sociedade e os seus escritórios são em Lisboa, na Rua de Maria Andrade, 8, podendo a administração estabelecer ou extinguir sucursais, delegações ou quaisquer outras formas de representação social e ainda transferir a sede e os escritórios para qualquer outro ponto do território português.

ARTIGO 3

1. A sociedade tem por objecto o comércio de importações, exportações, distribuição e representação e ainda quaisquer outras actividades comerciais ou industriais que o conselho de administração julgue convenientes exercer.

2. Mediante deliberação do conselho de administração, poderá a sociedade participar no capital de quaisquer sociedades ou empresas existentes ou a constituir e interessar-se, sob qualquer forma de associação legalmente possível, em empreendimentos ou actividades comerciais, industriais, agrícolas e pecuárias.

ARTIGO 4.°

A existência jurídica da sociedade será por tempo indeterminado e o seu começo contar-se-á, para todos os efeitos, a partir desta data.

CAPÍTULO II

Do capital social

ARTIGO 5.°

1. O capital social é de 100 000$, representado por 1000 acções do valor nominal de 100$ cada uma, e encontra-se integralmente subscrito pelos accionistas fundadores, na forma constante da relação organizada nos termos do artigo 78.° do Código do Notariado, datada de hoje, que fica arquivada, como parte integrante desta.

2. Do capital fixado neste artigo encontram-se realizados, em dinheiro, 10 por cento, ou seja 10 000$; os restantes 90 por cento serão realizados nas quantitativos, espécies e datas que forem fixados pelo conselho de administração, conforme comunicação, que este fará aos accionistas interessados, com 60 dias de antecedência.

3. Todas as acções serão ao portador, podendo ser emitidos títulos de 1, 5, 10, 20, 50 e mais acções.

4. Os títulos representativos das acções, todos devidamente numerados, serão assinados por dois administradores, sendo um deles o presidente do conselho de administração.

5. As acções consideram-se indivisíveis em relação à sociedade, pelo que esta só reconhecerá um proprietário por cada acção. No caso de compropriedade, os titulares indicarão ao conselho de administração o nome de um que a todos represente.

ARTIGO 6.°

1. Com o parecer favorável do conselho fiscal, pode a administração elevar por uma ou mais vezes, até 10 000 000$, o capital da sociedade, estabelecendo a forma por que o aumento ou aumentos se efectivarão.

2. Na subscrição de novas acções para aumento de capital terão preferência os titulares de acções de emissões anteriores, cabendo à administração, antes de cada nova emissão, fixar com o parecer favorável do conselho fiscal, as condições a que ficará sujeito esse direito de preferência.

ARTIGO 7.°

Poderá a sociedade adquirir acções próprias e realizar sobre elas todas as operações que se mostrem convenientes aos interesses sociais. Qualquer resolução da administração relativa a tais operações carece sempre do parecer favorável do conselho fiscal.

CAPÍTULO III

Da assembleia geral, administração e fiscalização da sociedade

SECÇÃO I

Da assembleia geral

ARTIGO 8

1. A assembleia geral é constituída pelos accionistas com direito de voto ou que exerçam o cargo de membro da administração ou do conselho fiscal e as suas deliberações tomadas nos termos da lei e dos presentes estatutos, são obrigatórias para todos os accionistas ainda que ausentes, dissidentes ou incapazes.

2. Os accionistas sem direito de voto que exerçam qualquer dos cargos indicados no número anterior, embora não possam votar, poderão discutir, fazer propostas e intervir com todos os demais nos trabalhos da assembleia geral. Os accionistas sem direito de voto e que não exerçam qualquer dos cargos referidos no mesmo número não poderão assistir às assembleias gerais.

ARTIGO 9

1. Tem direito de voto todo o accionista que reúna cumulativamente as seguintes condições:

a) Possuir um mínimo de acções correspondente a 2 por cento do capital social;

b) Ter pelo menos esse número de acções desde o trigésimo dia anterior ao da reunião da assembleia geral averbadas como propriedade sua ou depositadas em seu nome, na sede ou em qualquer estabelecimento de crédito nacional, dando à sociedade conhecimento desse depósito nos quinze dias subsequentes ao depósito.

2. Por cada grupo de acções representativas de 2 por cento do capital social, averbadas ou depositadas nos termos previstos na alínea b) do número anterior, contar-se-á um voto.

3. Nenhum accionista, qualquer que seja o número das suas acções, poderá representar, em seu nome, mais da décima parte dos votos conferidos por todas as acções emitidas, nem mais de uma quinta parte dos votos que se apurarem na assembleia geral, salvo as excepções impostas por lei.

ARTIGO 10.°

1. A mesa da assembleia geral é composta por um presidente e dois secretários.

2. A assembleia geral ordinária realizar-se-á uma vez em cada ano e deverá ter lugar nos primeiros três meses posteriores ao último exercício, cujo balanço e contas apreciará.

3. O ano social corresponde ao ano civil.

ARTIGO 11.°

As assembleias gerais extraordinárias serão convocadas sempre que a administração ou o conselho fiscal o julguem necessário ou quando a convocação seja requerida por accionistas que representem, pelo menos, a terça parte do capital social.

ARTIGO 12.°

A assembleia geral reunir-se-á, em princípio, na sede, mas poderá reunir-se em qualquer outro lugar, desde que o presidente da respectiva mesa, a administração, a o presidente do conselho fiscal unânimemente assim o resolvam.

ARTIGO 13.°

O accionista com direito de voto pode fazer-se representar nas assembleias gerais por outro accionista com direito de voto, mediante simples carta dirigida ao presidente da mesa e a este entregue com três dias úteis de antecedência em relação ao que tiver sido designado para a reunião.

ARTIGO 14.°

1. A assembleia geral poderá funcionar em primeira convocação quando estejam presentes ou representados accionistas cujas acções correspondam, pelo menos, a 40 por cento do capital social.

2. A presença ou representação de accionistas aos quais pertença a maioria absoluta do capital será, todavia, exigida quando a assembleia geral tenha sido convocada para:

a) Alteração ou reforma dos estatutos;

b) Transformação, fusão ou dissolução de sociedade;

c) Aumento, redução ou reintegração do capital.

3. Em segunda convocação poderá a respectiva assembleia geral, ainda que tenha por objecto qualquer dos assuntos indicados no número anterior, funcionar e deliberar validamente, seja qual for o número de accionistas presentes ou representados e o quantitativo do capital e que as respectivas acções correspondam.

ARTIGO 15

Qualquer que seja a forma de votação, as deliberações serão tomadas por maioria absoluta, isto é, por maioria correspondente, pelo menos, a metade e mais um dos votos, contados nos termos do n.° 2 do artigo 9.°, salvo se a lei imperativamente exigir uma maioria correspondente a um maior número de votos.

SECÇÃO II

Da administração e do conselho fiscal

Administração

ARTIGO 16.°

A sociedade é administrada por um conselho de administração composto de três a cinco accionistas, eleitos trienalmente e reelegíveis.

1. Os administradores nomeados elegerão de entre si um presidente, que terá voto de desempate ou de qualidade, e ao qual competirá, além de presidir às reuniões do conselho de administração e de promover a execução das respectivas deliberações, a representação da sociedade em juízo e fora dele, sempre que não for oficialmente delegada.

2. Em caso de impedimento de algum dos seus membros, ou até que esteja completo o número máximo de administradores fixado neste artigo, o conselho de administração terá a faculdade de nomear novos administradores, escolhidos entre os accionistas, para substituírem este até à reunião da primeira assembleia geral ordinária.

ARTIGO 17.°

1. Cada administrador, antes de entrar em exercício, deve prestar caução para garantia de eventuais responsabilidades em que, no exercício do cargo, venha a constituir-se para com a sociedade.

2. A caução a que se refere o número anterior será prestada pelos próprios administradores ou por outrem, mediante o depósito nos cofres da sociedade de acções representativas de 2 por cento do seu capital, inteiramente livres de qualquer outro ónus, encargo ou responsabilidade.

3. Se vier a ser necessário efectivar a garantia, a sociedade poderá fazer vender as acções por via de corretor, nos termos da lei.

4. A caução deixará de produzir os seus efeitos para o futuro se, em qualquer momento que a houver prestado, assim o comunicar à sociedade com a antecedência mínima de oito dias, por meio de carta registada com aviso de recepção. Esta comunicação implica automàticamente a caducidade do mandato se o caucionado não substituir a caução, a qual, porém, continuará a garantir as responsabilidades em que o administrador tiver incorrido, em conformidade com o disposto no artigo 190.° do Código Comercial.

5. A renovação do mandato determina a correspondente prorrogação da caução.

ARTIGO 18.°

Compete à administração exercer em geral os mais amplos poderes de gerência, representando a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, assim como praticar todos os actos tendentes à realização do objecto social, em especial:

a) Estabelecer, manter, transferir ou encerrar sucursais, delegações ou quaisquer outras formas de representação social;

b) Providenciar sobre as actividades dos seus membros, suas faltas e impedimentos, designadamente nos termos consignados pelo n.° 2 do artigo 16.°;

c) Adquirir, alienar e obrigar, por quaisquer forma, acções próprias, observando o disposto no artigo 7.°, e, com sujeição ainda ao estabelecido em tal artigo, praticar os mesmos actos relativamente a acções, partes sociais ou obrigações de outras sociedades;

d) Adquirir e alienar quaisquer outros bens móveis, assim como obrigá-los de quaisquer forma;

e) Adquirir bens imóveis e, com o parecer favorável do conselho fiscal, aliená-los ou obrigá-los por quaisquer actos ou contratos, ainda que de constituição de garantia real;

f) Confessar, desistir ou transigir em quaisquer acções, bem como comprometer-se em árbitros;

g) Constituir mandatários nos termos e para os efeitos do disposto no artigo 256.° do Código Comercial ou para quaisquer outros fins;

h) Desempenhar as demais funções previstas nestes estatutos ou na lei.

ARTIGO 19.°

1. A administração reunirá sempre que seja convocada pelo respectivo presidente, quando o haja, ou a pedido de dois administradores ou do conselho fiscal.

2. Os administradores ausentes poderão fazer-se representar por outros administradores, mediante simples carta dirigida ao presidente.

3. Para a administração poder deliberar é indispensável que esteja presente ou representada, pelo menos, a maioria absoluta dos seus membros. As deliberações deverão ser sempre tomadas à pluralidade de votos dos presentes ou representados, e quando o número de votos for par, o presidente terá voto de qualidade.

4. As reuniões da administração realizar-se-ão normalmente na sede social, podendo, todavia, quando o interesse social o exigir, efectuar-se em qualquer outro lugar.

ARTIGO 20.°

1. A sociedade fica obrigada pela assinatura conjunta do presidente do conselho de administração e de um dos outros administradores.

2. Os actos de mero expediente poderão ser assinados por um administrador ou por um procurador.

Conselho fiscal

ARTIGO 21.°

O conselho fiscal, com todas as atribuições que lhe confere o Código Comercial, é composto de três a cinco accionistas eleitos trienalmente em assembleia geral e que podem ser reeleitos.

1. Os membros do conselho fiscal escolherão de entre si um presidente, que tem voto de qualidade em caso de empate.

2. As vagas que ocorrerem neste conselho e a substituição temporária de qualquer dos seus membros, quando impedidos de exercer as suas funções por qualquer motivo, poderão ser providas, interinamente, por escolha do presidente da mesa da assembleia geral, até à primeira reunião da assembleia geral ordinária.

3. Os cargos do conselho fiscal serão caucionados pelo depósito de acções, nos termos do artigo 17.

SECÇÃO III

Disposições comuns

ARTIGO 22.°

Os membros da administração e do conselho fiscal, assim como o presidente e secretários da mesa da assembleia geral, serão eleitos de três em três anos pela assembleia geral de entre os accionistas, sendo permitida a sua recondução, uma ou mais vezes.

ARTIGO 23.

1. As funções de membro da administração e do conselho fiscal poderão ser remuneradas, competindo à assembleia geral deliberar sobre esta matéria e fixar os montantes mensais das remunerações, se decidir atribuí-las.

2. A assembleia geral poderá fixar, além das remunerações mensais referidas no número anterior, participações nos lucros líquidos, a atribuir aos membros da administração e do conselho fiscal.

3. Os membros dos corpos sociais mantêm-se nos seus cargos, em pleno exercício, até à posse dos eleitos para novo exercício, ainda que o prazo dos respectivos mandatos ou eleição já tenha findado.

CAPÍTULO IV

Exercícios sociais e aplicação de resultados

ARTIGO 24.°

Os lucros apurados em cada exercício, depois de deduzidas as despesas e encargos, amortizações e provisões estabelecidas pela administração, constituem o saldo líquido da conta de ganhos e perdas, que terá a seguinte aplicação:

1. 5 por cento para o fundo de reserva legal, enquanto não estiver realizado, nos termos da lei, ou sempre que seja necessário reintegrá-lo;

2. A importância destinada a satisfazer as participações nos lucros referidos no n.° 2 do artigo 23.°, quando hajam sido votadas;

3. A constituição e reforço dos fundos julgados convenientes aos interesses da sociedade e quaisquer outras aplicações deliberadas pela assembleia geral;

4. O saldo, para dividendo aos accionistas ou para conta nova, também de harmonia com o que for deliberado pela mesma assembleia.

CAPÍTULO V

Dissolução e liquidação da sociedade

ARTIGO 25.°

A sociedade dissolve-se nos casos e nos termos estabelecidos pela lei. Salvo deliberação em contrário, tomada nos termos do § 1.° do artigo 131.° do Código Comercial, serão liquidatários os membros da administração que estiverem no exercício quando a dissolução se operar, os quais terão, além das atribuições gerais mencionadas nos diferentes números do artigo 134.° daquele Código, todos os poderes especiais abrangidos nos §§ 1.° e 2.° do mesmo artigo.

CAPÍTULO VI

Disposições diversas e transitórias

ARTIGO 26.°

O direito dos accionistas a examinar a escrituração e documentos consequentes às operações sociais só pode ser exercido dentro do prazo indicado no § 2.° do artigo 189.° do Código Comercial e recai apenas sobre os documentos a que se referem aquele parágrafo, o § 1.° e os diversos números do mesmo artigo. Fica, porém, ressalvado o disposto no artigo 168.° do mesmo Código.

ARTIGO 27.°

Ficam desde já nomeados os seguintes accionistas: para a administração: engenheiro Luís de Ávila e Castro, engenheiro Vasco Martins Alcobia, Eduardo Gonçalves, engenheiro João Luís de Almeida e Noronha Botelho Falcão e Miguel Alvaiázere.

Para o conselho fiscal: Dr. José Manuel Martins Andrade, engenheiro Fernando Vaz Pinto e António Vaz Marques da Cruz.

Para a mesa da assembleia: Dr. Henrique Júlio Anacoreta Teles Feio, engenheiro João José Andrade Coimbra e Dr. Assis Fernandes Tavares.

Está conforme ao original, e certifico que nada há em contrário ou além do que nele se narra ou transcreve.

Santarém, 25 de Julho de 1968. — O Ajudante da Secretaria Notarial, Manuel Abrantes dos Santos.

ENGENHEIRO CIVIL

PRECISA-SE, EM GRANDE EMPRESA DE OBRAS PÚBLICAS, PARA TRABALHAR EM GABINETE DE ESTUDOS. INCLUIR IDADE «CURRICULUM» E VENCIMENTO PRETENDIDO. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.° 257

dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA

«OS PRAZERES DA CIDADE»

NESTA EMISSÃO, pelas 21 e 55, é exibido o filme francês de longa metragem «Os Prazeres da Cidade». Um filme cómico não se resume (e este ainda menos). Digamos, pois, que, nesta sátira bem conseguida todos poderão ver tudo o que condiciona a vida moderna (?) numa grande cidade. E poderão aplaudir o grande actor Bourvil que tem uma grande interpretação ao lado de Harry Max, Yvonne Clech, Rosy Varte, Maria Pacome, Pierrete Bruno, Armand Mestral. Realização de Alex Joffe.

Bourvil é a figura central de «Os Prazeres da Cidade» («Le Tracassin» ou «Les Plaisirs de la Ville»), sátira bem conseguida à vida moderna

OS 20 ANOS DA N. A. T. O.

A RTP exibe pelas 20 e 40 um documentário sobre as actividades da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a que Portugal pertence. A comemorar este 20.º aniversário desta Organização, o programa nacional preenche, durante cerca de 50 minutos, numa retrospectiva em que surgirão personalidades estrangeiras de renome mundial e nacionais que ocuparam altos cargos. O documentário a exibir intitula-se «Os 20 Anos da N. A. T. O.».

Julieta Brigue canta dois fados na emissão de hoje

2.º PROGRAMA

PROSSEGUE, agora em «reprise», o folhetim «Silvia dos três holmeiros», que há menos de seis meses andava no Programa nacional. Assim, depois da apresentação do 2.º episódio deste folhetim, surge em estreia um programa de fados com Julieta Brigue e Alfredo Duarte Júnior. São acompanhados à guitarra por Ilídio dos Santos e à viola por Pedroso Leal. Julieta Brigue canta o «Fado do ciúme» e «Incertezas». Alfredo Duarte Júnior escolheu do seu reportório: «Minha aldeia» e «O teu vestido azul».

Pràticamente a terminar a emissão são apresentados dois documentários seleccionados pela U. R. I. (Universidade Internacional da TV e Rádio): primeiro um filme sobre Bizâncio, um pouco da história e da arte dessa cidade envolta em magia; depois um outro filme sobre Eleonora Duse, a grande actriz italiana.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 463 m — 665 k/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte, 16 e 30: Que quer ouvir?, 17: Ginástica de Pauso pelo dr. Marques Pereira: Programa da Tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A Orquestra de ... 17 e 35: Do Chiado até ó Lapa, 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Correia de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 50: Música só música; 20: Diário Sonoro, 20 e 20: Solistas ligeiros 20 e 40: 33.º episódio do folhetim «A Heroína da Cruz»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: O saxofonista Jimmy Powell, 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: O trompetista George Jouvin, 00 Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 k/s — Às 15 e 38: Novos discos — Recital pelo pianista Rafael Orozco; 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Luisa» (Charpentier), 18: Música do século XX — Parte de um concerto integrado no festival de Royan de 1968; 19: Crítica Literária pelo dr. Biggite Chorão, 19 e 10: Folclore português — Cantos tradicionais portugueses em versões «a cappella» de Lopes Graça, interpretadas pelo Coro da Academia de Amadores de Música, sob a direcção de Lopes Graça; 19 e 25: Música de piano; 20: Diário Sonoro, 20 e 20: Música instrumental; Duas melodias elegíacas (Grieg) Orquestra Filarmónica de Haia, dirigida por Willem van Otterloo; 20 e 30: Magnificat em ré maior (Bach) — solistas, Orquestra de Câmara da Radiodifusão do Sarre sob a direcção de Karl Ristenpart; 21: Parte de um concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional sob a direcção do maestro e violoncelista António Jangro — Obras de Vivaldi e Hindemith; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Marguerite Wolff, preenchido com obras de Haydn, Mendelssohn e Chopin; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Oodente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Música de piano; 23 e 30: Intercâmbio musical — Festival de música de Câmara Contemporânea de Slatina Radenci 1968; 0 e 17: «O Burguês Fidalgo» (Suite para orquestra op 60 (R Strauss) — Orquestra Filarmónica de Berlim sob a direcção de Ferdinand Leitner, com piano com Ferdinand Leitner; 1: Fecho

RADIO CLUBE — 290,3 m — 1034 k/s — Às 16: Programa C D C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 35: Canções do adeus; 19 e 10: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu, 19 e 30: Rádio Roma; 20: Nota de abertura e notiário, 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Recordando sucessos; 21 e 02: Serão musical; 21 e 35: Impacto, 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosas, 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto 3 e 02: A noite é nossa, 6 e 02: Diário rural, 7 e 08: Talisma

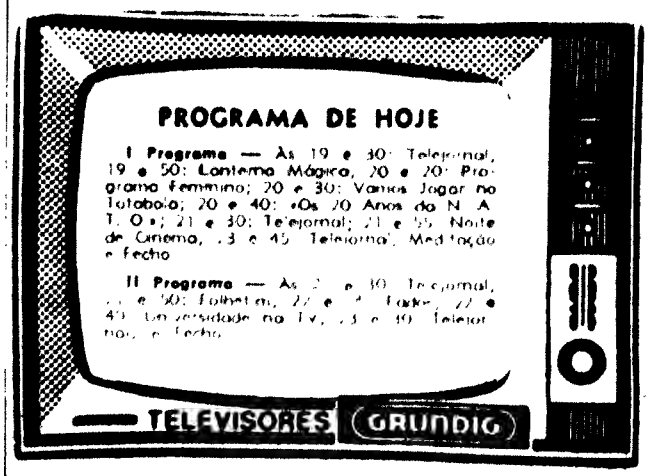
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C; 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gê Gê; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 08: Banda Sonora 2; FM-67 e fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 78. k/s — Às 16: Programa C D C; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral, 19 e 08: Musicrânea 19 e 17: Ela; 19 e 30: Roberto; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia e dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações 22 e 30: Presença contrária, 23 e 04: Clube da Juventude

RADIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 k/s — Às 16: Radiorama, 18: Conjuntos de ritmo; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música selecionada, 19 e 30: Página um, 20 e 55: Meditando; 21: Variedades 21 e 30: Fados por Maria da Fé e Zé Fonte; 21 e 45: Música de França; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama, 22 e 45: Música variada, 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 k/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra, 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música selecionada, 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música e boa companhia; 23: A 23.ª hora 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 k/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e das 12 às 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às 19 e 30.



AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Tempo de Poesia — Edmundo de Betencourt; 21: Contos TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim «David Copperfield»; 22 e 25: Eurovisão — Variedades; 22 e 55: Série do Oeste — «O Grande Vale»; 23 e 55: Telejornal, Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Teatro; 21 e 45: «Grande Aventuras»; 23 e 15: Concerto — Música do Século XX, 23 e 55: Telejornal e Fecho

canal da crítica

IRONSIDE: DO PARALÍTICO PARA OS PARALÍTICOS

Parece que vamos ter uma nova série com o chefe «Ironside», o paralítico. Todos se paralitiquizam: o chefe na sua cadeirinha de rodas, os telespectadores nas suas cadeiras sem rodas.

O tema do episódio de ontem andava em torno daquilo que se convencionou chamar «escravatura branca». Isto depreendi eu porque sou muito espertinho. Maria João Aguiar, a tradutora, adoçou a pílula até ao extremo de tornar a história quase ininteligível, e o realizador, por seu lado, usou a manha baratinha de esconder até ao fim que havia uma Teresa morta por septicemia «por se ter metido em sarilhos» e que essa Teresa era namorada do filho do sargento Cervantes, acusado de homicídio e resolvido a levar até ao fim o seu sacrifício para salvar o filho.

No fim tudo se arranja: o filho, acusado de homicídio involuntário (deu um murro no Gino, causador da morte de Teresa por septicemia, a Teresa que era a amantíssima noiva do filho do sargento, deu-lhe um murro, o Gino bateu ca cabeça no irradiador, isto é tudo muito complicado, desculpem, mas são horas de fechar os parêntesis) dizia eu que o filho fica com a pena suspensa por três anos e pode acabar o curso de advogado, e faz ele muito bem, ainda por cima é rapaz mui guapo, tem uma bela carreira à sua frente, etc.

Eis como, a partir de dados concretos (uma rede dedicada à «escravatura branca», com pelo menos três mil membros, desvia meninas da sua candura inicial) se imagina uma historieta de pechisbeque que funciona como o capote do toureiro: o toiro vai ao engano a realidade oblitera-se e ainda bem, ai ainda bem que o filho do Cervanter não é preso! Os paralitiqueiros, «fans» do paralítico Ironside, ficam satisfeitos e vão dormir vão dormir, vão dormir.

«SE BEM ME LEMBRO»

Quem diàriamente me acompanha sabe com que júbilo saudei a promessa contida nas palestras de Vitorino Nemésio. Nelas me apaixonava a possibilidade de ver honrada e homenageada a função da palavra. Até falei, não sei se estão lembrados, no angustiante império dos meios audiovisuais. Gosto da palavra porque ela é anti-imperialista.

Enganei-me. Pelo menos no que respeita á emissão de ontem enganei-me. Tenho tido ilusões — mas que tão cedo morressem, nenhuma como esta. «Se bem me lembro...» situou-se nos domínios do descalabro, da insensatez, da fuga à realidade. Vitorino Nemésio fez tudo ao contrário do que a televisão exige e daquilo

(Continua na página seguinte)

Posta-restante

NOVA ABERTURA da caixa do correio: mais algumas respostas e considerações trazidas aos e pelos leitores.

F. P. (Lisboa) — «Pode-me informar se, por acaso, tivéssemos um 2.º ou um 3.º lugar no Festival da Eurovisão também culpariamos os outros países de batota, etc.?...». Pergunta este leitor. Olhe que talvez sim. Continuaríamos, e dessa vez com mais força, quem sabe?, a culpar de «complot» esses países. Só se arrancássemos o 1.º lugar é que haveria justiça entre as nações da Eurovisão... Não lhe parece?

L. T. P. (Porto) — O leitor pergunta se o programa «Riso e Ritmo» vai con-

(Continua na página seguinte)

JIMENTA

ANDARES

AMADORA
FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F.
E
REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

GARI

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

que ele podia exigir de si próprio. Em vez de falar, palestrou; em vez de abrir poços, aproveitou-os já abertos. O resultado cifrou-se numa tríplice derrota: para Nemésio, para a Poesia, para a Televisão.

Porque, imagine-se! Nemésio leu versos já de com muito longínquas hipóteses de atingir o público, mas leu-os de maneira a tornar essas hipóteses ainda mais remotas.

Custa. Custa ver Vitorino Nemésio curvado para a carteira como inexperiente colegial. Custa vê-lo tratar, com o ar mais sério deste mundo e com a ingenuidade de muitos que o mínimo pudor aconselha a guarda para o mais recôndito da intimidade da crença.

O público não percebeu uma palavra. Melhor será que continue a discutir entre seus pares universitários as altas questões da cultura portuguesa.

MÁRIO CASTRIM

Posta-restante

(Continuação da pág. anterior)

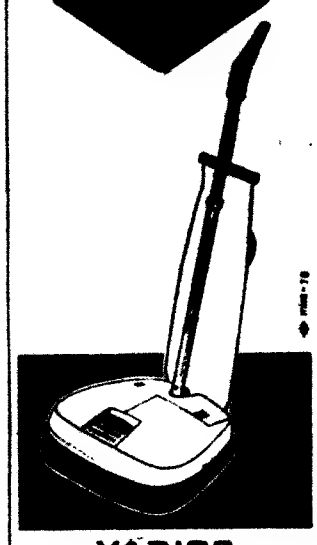
tinuar com piadas à R. T. P....? Aconselho-o a dirigir essa pergunta directamente ao Francisco Nicholson e ao Armando Cortez. Talvez eles se riam. Material não lhes falta, mas, na verdade, começam, como diz, «a cansar o público com essa insistência».

C. L. G. (Monção) — Esta leitora costuma ver a T. V. E. tão bem como a R. T. P., e pergunta qual a razão porque a nossa TV não tem concursos (quando os tem) tão bons como os da T. V. E.». Acha que sim? Olhe que...

G. N. P. (Lisboa) — Alegre-se! No próximo dia 27 deste mês poderá ver mais um programa «Melodias de Sempre».

D. N. V. (Viana do Castelo) — O seu herói preferido, o protagonista da série «Olho Vivo», está em repouso, ou melhor, em lua-de-mel, pois casou-se com a companheira de aventuras. (Nos filmes, claro).

VEJA O QUE RUTON CRIOU PARA SI



VÁRIOS MODELOS DE ENCERADORAS E ASPIRADORES

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 19-A.

SIDERURGIA NACIONAL

S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL: 847 321 000$00

SEDE: Rua Braamcamp, 7 — LISBOA

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968

Comunica-se aos Senhores Accionistas que a partir do dia 15 de Abril corrente se encontra a pagamento o dividendo de Esc. 50$00 por acção, cativo de impostos, relativo ao Exercício de 1968 e votado na Assembleia Geral Ordinária realizada em 26 de Março último (Cupão n.º 3).

O dividendo líquido a pagar por cada acção, é o seguinte:

ACÇÕES NOMINATIVAS

— Averbadas a Instituições de Previdência e a Associações de Socorros Mútuos	49$50,75
— Averbadas a particulares	44$15,75

ACÇÕES AO PORTADOR

— Registadas	44$65
— Não registadas	35$21

O pagamento poderá ser efectuado na Sede da Empresa e nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Bank of London & South America, Ltd.
Crédit Franco-Portugais
Crédito Predial Português
Montepio Geral
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Augustine, Reis & C.ª
Pancada, Moraes & C.ª
Pinto de Magalhães, L.da
Sousa, Cruz & C.ª, L.da

O pagamento do dividendo das acções pertencentes às Instituições de Previdência será efectuado na sede da Empresa.

Lisboa, 7 de Abril de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

F. N. A. T.

CONCURSO PARA FORNECIMENTO DE PEIXE CONGELADO

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho aceita propostas até às 18 horas do próximo dia 21 para o fornecimento em epígrafe.

O respectivo Caderno de Encargos será facultado na Secção de Abastecimentos e Transportes — Calçada de Santana, 180 em Lisboa — das 9.30 às 12.30 e das 14 às 18 horas de qualquer dia útil, exceptuando os sábados a partir das 13 horas.

A abertura das propostas terá lugar pelas 15 horas do dia 23, acto esse a que poderão assistir os concorrentes que o desejarem.

Lisboa, 10 de Abril de 1969

O SECRETÁRIO GERAL ADJUNTO

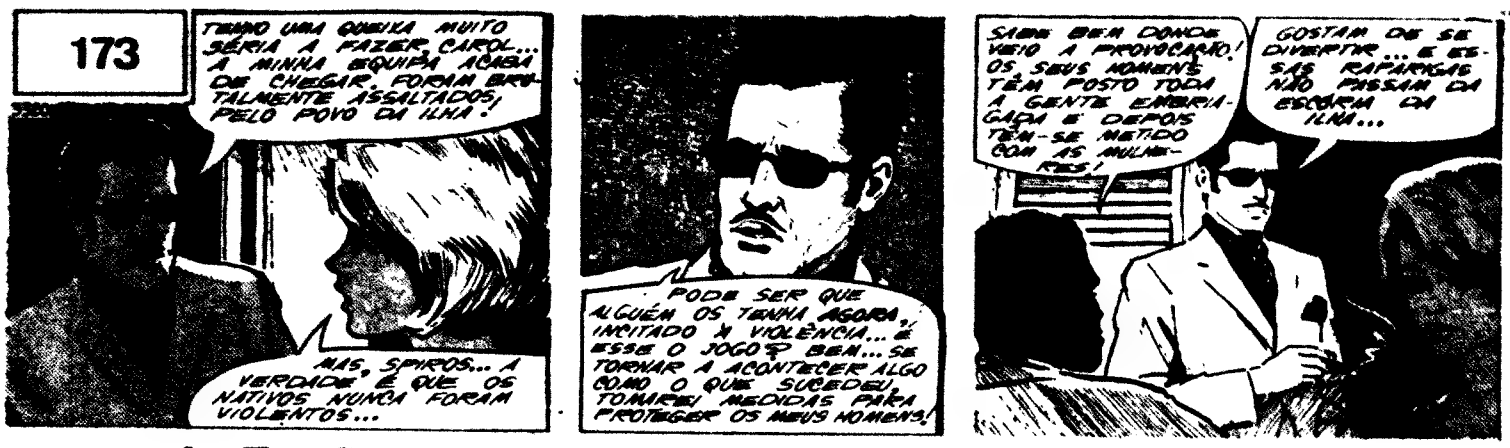
Policlínica do Intendente

Av. Alm. Reis, 27, 2.º
Tel. 45887

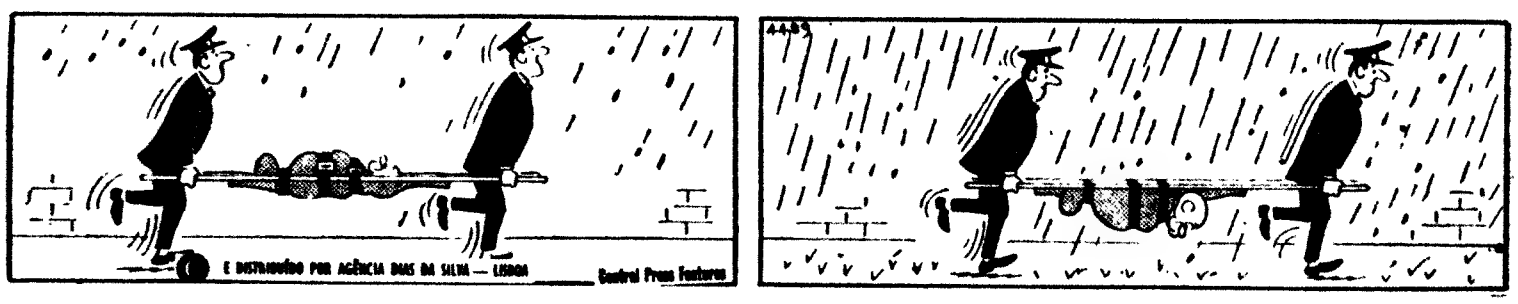
Dr. Abel Alves — Ouv., nariz e garganta, 14 h.
Dr. Artur Fernandes — Doenç. olhos — 2.ª, 4.ª e 6.ª às 14.30; 3.ª e 5.ª às 17 horas.
Dr. Armando Valle — Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Lamy — Rins e vias urinárias, 14 horas.
Dr. Bernard Gendre — Raios X, 16 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues — Doenças serv. mentais (2.ª 4.ª e 6.ª), 18 h.
Dr. Fernigal Lemos — Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castro Amaro — Medicina geral, 14 h.
Dr. Junqueira Junior — Boca e dentes, 17 h.
Dr. Maia Mendonça — D. das crianças (2.ª, 4.ª e 6.ª), 15 h.
Dr. Pedro da Cunha — Partos e doenças das senhoras (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h.
Dr. Rui Branco — Clínica médica, Doenças do Coração, Electrocardiogramas, 15 h.
Dr. Sousa Santos — Cirurgia geral, ortopedia, anestesia, 14 h.
Dr. Tito de Morais — Doenças da pele e sífilis (2.ª, 4.ª e 6.ª) às 12.30.

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

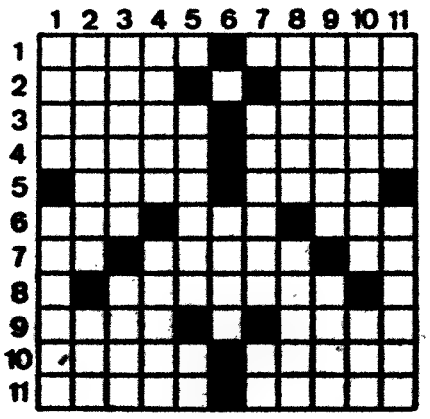
PROBLEMA N.º 5143

HORIZONTAIS: 1 — Capital do Senegal. Equipar. 2 — Rio da Rússia Cantor. 3 — Cidade de França Burros. 4 — Corte com serra. Tambora. 5 — Transmitir (bens) gratuitamente a outrém Cidade da Umbria 6 — Saudáveis. Unidade monetária do Japão Ovário dos peixes. 7 — Artigo indefinido. Antiquado. Viração 8 — Acto de desmamar. Tempo do verbo ser. 9 — Destruidor. Classe de tropa. 10 — Asa de brinco ou de arrecada (Açores) Passar a vida 11 — Impressão moral. Fora para fora

VERTICAIS: 1 — Numeral Botem 2 — Desviam Rezo 3 — Viaturas. Ofereceis 4 — Fizera voar Ocasiões. 5 — Sequências Nota musical 6 — Armadura para a cabeça. 7 — Torna tímido Campeão. 8 — Nivelar. Golfo do Oceano Índico, entre a Arábia, as costas meridionais do planalto do Irão e do Indostão 9 — Criança do sexo masculino Queimei. 10 — Amava muito. Grande quantidade. 11 — Nome de flor. Limpora metais.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5142

HORIZONTAIS: 1 — Clamoriam. 2 — Um Açor. Ria. 3 — Ela. Aracas. 4 — Mais. Raio. 5 — Morrera. Es. 6 — Pass. Cró. 7 — Is. Assacai. 8 — Mapa. MMMC. 9 — Calfo. Ape. 10 — Tos. Raio. Ad. 11 — Bmalorlam.

VERTICAIS: 1 — QUEM. Per. SE. 2 — Miomas. Com. 3 — Sinu. MATA. 4 — La. Sr. Asl. 5 — Aca. Ramira. 6 — MORRE. Safar. 7 — Arsaria. Ai. S. — Cio. Oh. AA. 9 — Idio. Cema. 10 — Ais. Bateira. 11 — Mil. Geo. CEDO.

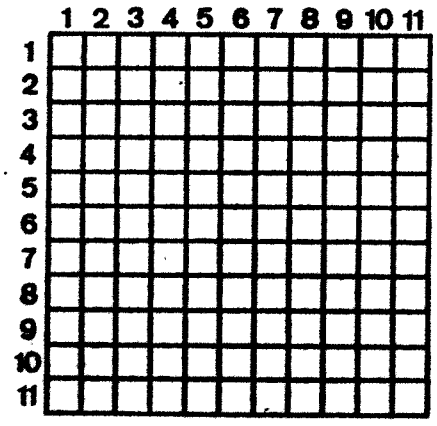
Provérbio: QUEM SE MATA MORRE CEDO

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8986

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Santana Freguesia do concelho do Covilhã 2 — Tenebroso Proceder. 3 — Distrito da Índia portuguesa Caminho. Preposição. 4 — Atmosfera Sepultura. Prefixo de privação 5 — Mamíferos roedores. Com asas 6 — Culpada Compaixão 7 — Lembra 8 — Viração Nome de mulher Boro (s. q.); 9 — Freguesia do concelho de Louié Habitar 10 — Asa do nariz Aliada 11 — Nome de flores. Moves os remos

VERTICAIS: 1 — Predestinar Emparelhar 2 — Arremessar Crivo 3 — Eiró Possuir. Vês 4 — Preposição e artigo definido. Cobalto (s. q.) Exprimo 5 — Futeis. De alto preço (pl.); 6 — Consentimento. Mágoa. 7 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Versejar. 8 — Batráquio. O mais. Região da África na Guiné setentrional, entre a Nigéria Inglesa e o Togo. 9 — Nome de uma letra. Nome de mulher. Víscera dupla. 10 — Adágio Comarinha de suor. 11 — Lugar de contenda. Enrubesces.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8985

HORIZONTAIS: 1 — Delta. Manco. 2 — Asais. Anual. 3 — Imuno. Linda. 4 — Soro. Seis. 5 — La. Geo. Sim. 6 — Dó Pompa. As. 7 — Ver. Agi. 8 — Má. Araca. Tl. 9 — Ri. Ovo. Pu. 10 — Arão. Lapa. 11 — Despistaria.

VERTICAIS: 1 — Dois. Dom. Ad 2 — Esmola. Arre. 3 — Lauza. Ias. 4 — Tino. Pia. Os. 5 — Aso. Gória. 6 — Sem. Avós. 7 — Mal. Opaco. 8 — Anis. Agá. Lá. 9 — Nunes. Par. 10 — Cardima. Tupi. 1 — Olas. Sul. Aa.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil

AEROPORTO DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONCESSÃO DE UM ESTABELECIMENTO PARA A VENDA DE PEDRAS PRECIOSAS E SEMI-PRECIOSAS SOLTAS OU MONTADAS NO PAIS SOBRE METAIS PRECIOSOS

1. Faz-se público que, pelas 15 horas, do dia 13 de Maio de 1969, no Aeroporto de Lisboa e perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público acima referido.
2. Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de esc.: 5 000$00 (cinco mil escudos) na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou suas filiais, á ordem do Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa, até ás 16 horas da véspera do dia do concurso, mediante guia passada pela Secretaria do Aeroporto de Lisboa
3. O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor do Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa, devidamente aprovada por Sua Excelência o Ministro das Finanças, através da Direcção Geral da Fazenda Pública.
5. Os respectivos Programa de Concurso e Caderno de Encargos poderão ser consultados ou adquiridos na Secretaria do Aeroporto de Lisboa dentro das horas de expediente.

Aeroporto de Lisboa, em 7 de Maio de 1969.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 10 de Abril de 1939 publicava:

«LONDRES, 10 — O «News Chronicle» publica, na sua última edição, sob a assinatura do seu redactor diplomático, Vernon Bartlett, os textos dos telegramas trocados entre o general Kindelan, chefe da aviação espanhola, e o general Valle, subsecretário de Estado da Aeronáutica italiana. O telegrama de Kindelan era assim concebido: «Alcançámos juntos a vitória e juntos venceremos noutros empreendimentos futuros». O general Valle respondeu: «Será amanhã o mesmo que foi ontem».

ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefs.: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

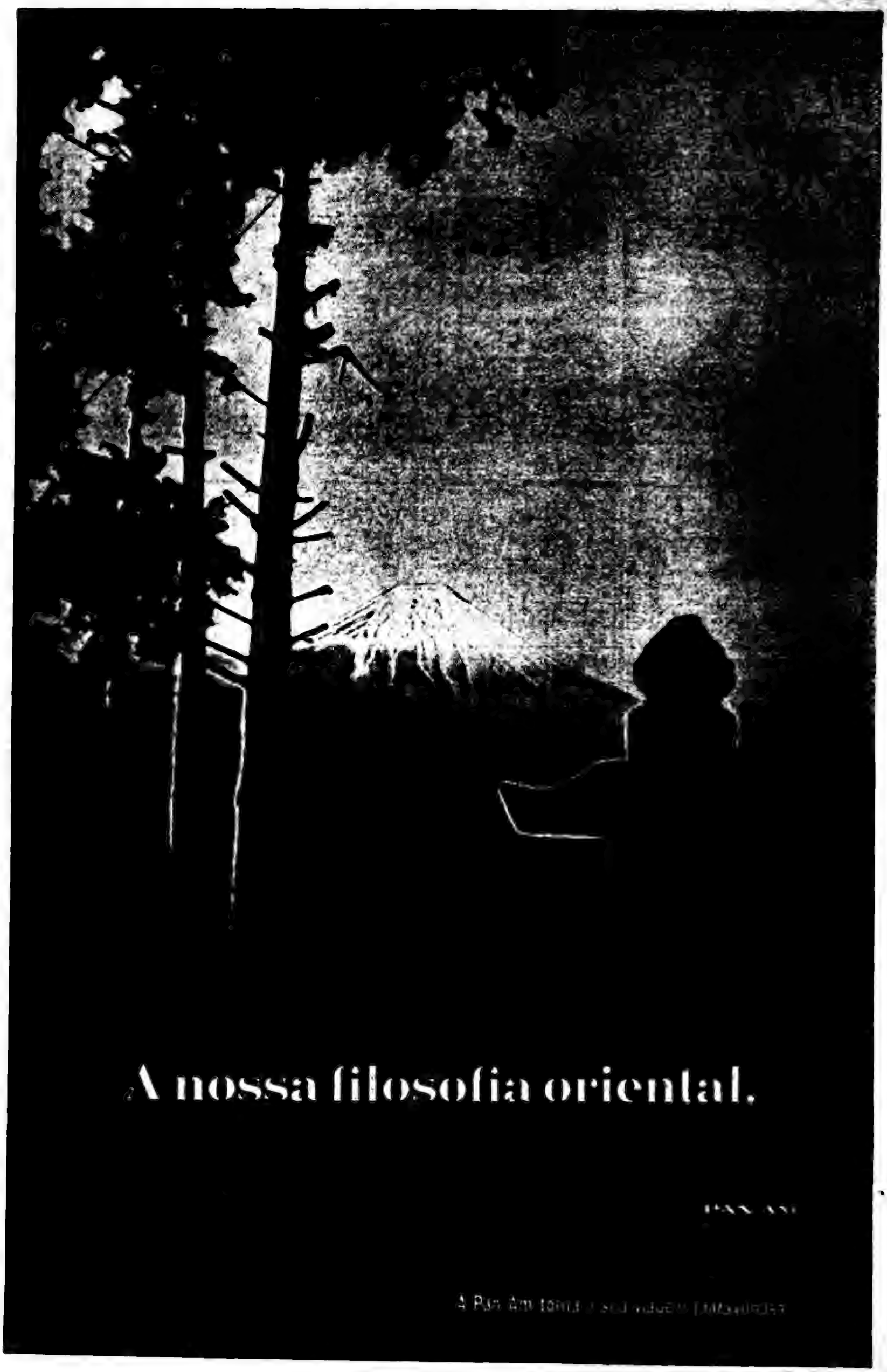
CAMINHOS DE FERRO

LEILÃO

Em 14 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs Consignatários das remessas e que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que correspondem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 7 do corrente, das 10 ás 17 horas, excepto sábados

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.



A nossa filosofia oriental.

1.º GRANDE PRÊMIO RIOPELE

PRIMEIRAS PEDALADAS ESTA NOITE NAS ANTAS

- **OS CICLISTAS PERCORREM AMANHÃ 243 QUILÓMETROS ATÉ AVEIRO**
- **...MAS A PRIMEIRA ETAPA TERMINA EM COIMBRA AO KM. 130 DA PROVA**

Depois dos campeonatos nacionais de fundo de ciclismo, a região nortenha vai assistir durante quatro dias á primeira competição por etapas da temporada: o 1.º Grande Prémio Riopele, numa organização da Associação de Ciclismo do Porto patrocinada pela empresa que dá o nome á prova.

O percurso da corrida, num total de seiscentos e quarenta quilómetros, foi dividido em seis etapas, a primeira das quais — de

Por Encarnação Viegas

nove quilómetros — disputar-se-á esta noite na pista do Estádio das Antas, pelo sistema de contra-relógio por equipas com classificação individual e colectiva. Para finais de etapa foram escolhidas Coimbra, Aveiro, Guimarães, Pousada de Saramagos e Porto para a jornada da apoteose.

Malogrados os intuitos dos organizadores para apresentar estradistas estrangeiros, a competição, como, aliás, já noticiámos, será apenas disputada por corredores e conjuntos nacionais: Benfica, Sporting, F. C. Porto, Sangalhos, Ginásio de Tavira, Ambar e Coelima, num total de oitenta e quatro participantes.

★

Falemos contudo da corrida. E temos de reconhecer «a priori» que a mesma se reveste de apreciáveis dificuldades.

Com efeito embora a prova decorra, nos terrenos planos do litoral, longe portanto das zonas montanhosas, as longas quilometragens que diáriamente os estradistas terão de percorrer (no segundo e quarto dias superior a duzentos quilómetros, e no terceiro, além dos cento e cinquenta) em princípio de temporada irão contribuir certamente para uma selecção de valores que até se admite fique logo feita no primeiro dia da corrida, na estrada, em que os corredores irão do Porto até Coimbra e daqui para Aveiro, vencidos, portanto, os primeiros duzentos e quarenta e três quilómetros de estrada (em duas etapas) da prova.

Parece, portanto, haver o propósito, aliás, louvável, de habituar os ciclistas ao esforços, intenção perfeitamente aceitável uma vez que deste Grande Prémio Riopele sairão os estradistas para constituir a equipa portuguesa participante na «Vuelta a Espanha». E já é tempo de abandonarmos as aventuras da improvisação.

Poder-se-á no entanto salientar o equilíbrio do traçado, uma vez que os rotadores terão uma oportunidade de se destacar, desfrutando também os ciclistas de maior poder físico da possibilidade de vincar uma posição.

As etapas são sobejamente longas para isso. Contudo não teria sido despropositado, dadas as características de selecção que envolvem a corrida, ter incluído nesta, um troço mais acidentado de molde a poder «tomar-se o pulso aos trepadores. Em Espanha haverá muito que subir!... É evidente que numa corrida, relativamente curta aumentam as possibilidades de oposição dos mais modestos aos mais destacados. E necessàriamente mais problemático é estabelecer prognósticos, considerar favoritos. É inegável, porém, e supomos que ninguém o contestará, que a equipa do Sporting colectivamente, e alguns dos seus estradistas constituem o núcleo capaz de determinar o vencedor da corrida. Mas os benfiquistas e portuenses, especialmente estes últimos incitados pela sua gente podem contrariar a hegemonia que préviamente se abribui aos «leões». A equipa de Manuel Graça vai com certeza ser o alvo de todos os concorrentes. O «duelo» entre o Sporting e os outros supomos, será o grande aliciante deste 1.º Grande Prémio Riopele

Os corredores do Sporting são os grandes favoritos do prémio «Riopele». E entre os melhores sportinguistas estão estes quatro: Agostinho, Miranda, Emiliano e Tenazinha

Voleibol

O BENFICA VENCEU O LISBOA GINÁSIO

No ginásio do I. S. Técnico, principiou ontem a 3.ª e última volta do campeonato de Lisboa de voleibol em seniores, que se disputa desta vez em campo neutro.

Assim, o Benfica venceu o L. Ginásio por 3-0 (15/12, 15/12, 15/12) tendo dirigido o encontro Fernando Alves e Alberto Sousa e as equipas apresentado:

L. GINÁSIO — Armando Jerónimo, Rodrigo Carvalho, José Sales, Fernando Simões, Marques Pereira, António Ribeiro, José Borges e Casal-Ribeiro.

BENFICA — José Magalhães, Carlos Magalhães, António Ricardo, João Nogueira, João Carlos, Orlando Cannova e João Arouca.

O F. C. Porto rescindiu o contrato com Pedroto

- **MORAIS passa a orientar as equipas do clube**
- **OTAKAR (treinador checo de atletismo) passa a dirigir a preparação física**

Os últimos acontecimentos, mais pròpriamente, declarações proferidas por Pedroto quando a semana passada se encontrava em Lourenço Marques com a equipa de futebol do Porto, precipitaram a saída do treinador, embora a direcção do clube tivesse o propósito de conservar a sua colaboração até final da época.

Já na madrugada de hoje foi conhecida a notícia de que o F. C. do Porto havia rescindido o contrato com o treinador. O facto foi conhecido após uma reunião, em que estiveram presentes todos os órgãos consultivos do clube e os presidentes da Assembleia Geral, Direcção, e Conselho Fiscal

Os dirigentes do grande clube do Norte decidiram afastar, pura e simplesmente o treinador Pedroto que foi imediatamente substituído pelo técnico-adjunto, António Morais, o qual foi já, às primeiras horas de hoje, chamado à sede para tomar conhecimento do acontecido. Também o chefe do departamento de futebol, Flávio Amorim pediu a demissão do cargo continuando, no entanto, como dirigente do clube. Para aquelas funções foi nomeado o dr. Miguel Pereira, antigo e prestigioso dirigente da colectividade. Foi ainda

Pinto e Américo, dois «internacionais» que têm estado afastados da equipa do F. C. Porto por divergências com o treinador Pedroto. Agora, com o afastamento do técnico, prevê-se o regresso destes jogadores

decidido confiar no treinador checo de atletismo Otakar a preparação física dos jogadores.

Em face da substituição do treinador tudo leva a crer que venham a ser utilizados nos próximos jogos oficiais os jogadores Américo, Pinto e Gomes. Tudo dependerá agora do parecer do novo responsável.

O treinador Pedroto só hoje, de manhã, tomou conhecimento da decisão dos dirigentes do clube ainda que, naturalmente, já soubesse da decisão por via particular.

OS CONCORRENTES

BENFICA

1 — Fernando Mendes
2 — Pedro Moreira
3 — Manuel da Costa
4 — Américo Silva
5 — Manuel Luís
6 — Augusto Cardoso
7 — Daniel Vitorino
8 — Joaquim Amorim
9 — Valdemiro Cardoso
10 — Augusto Fortes
11 — Pedro Rodrigues
12 — José Eduardo Santos
13 — João Pinhal
14 — Fernando Vieira

SANGALHOS

16 — Herculano Oliveira
17 — Celestino Oliveira
18 — Norberto Duarte
19 — Lino Santos
20 — Joaquim Andrade
21 — João Fonseca
22 — Albino Maria
23 — Abel Matos
24 — Linca Matos
25 — Manuel Leite

F. C. PORTO

31 — Cosme Oliveira
32 — Joaquim Leão
33 — Manuel Sousa
34 — Manuel Ribeiro
35 — Joaquim Leite
36 — José Pacheco
37 — José Azevedo
38 — Custódio Gomes
40 — Hubert Niel
44 — Mário Silva

AMBAR

46 — Manuel Castro
47 — Albino Alves
48 — Joaquim Coelho
49 — Joaquim Freitas
50 — Sousa Vieira
51 — Wilson Sá
52 — Emanuel Cortinhola
53 — Custódio Cristina
54 — Henrique Silva

SPORTING

61 — João Roque
62 — Leonel Miranda
63 — Manuel Correia
64 — Paulino Domingues
65 — Norberto Timóteo
66 — José Vieira
67 — Vítor Rocha
68 — Firmino Bernardino
69 — Joaquim Agostinho
70 — Emiliano Dionísio
71 — Sérgio Pásco
72 — Vítor Tenazinha

TAVIRA

76 — António Graça
77 — Regério Domingos
78 — José Carranqueira
80 — José Maria Nunes
81 — Marcelino Santos
82 — Francisco Martins
85 — Júlio Nascimento
86 — José Diogo
87 — José Viegas

COELIMA

90 — António Rodrigues
91 — António Pereira
92 — Mário Miranda
93 — Manuel Barros
94 — Serafim Dias
95 — António Salazar
96 — Arminde Mendes
97 — António Domingos
98 — Joaquim Moreira
99 — Francisco Machado
100 — José Pereira

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

CONTINUOU A PREPARAÇÃO DAS SELECÇÕES NACIONAIS

Principiou na terça-feira nova concentração dos jogadores seleccionados para os encontros do dia 16, em Lisboa, com a Suíça e em Coventry, com a Inglaterra. Só faltam, naturalmente, os jogadores do Benfica, regressados do Brasil ao princípio da tarde de hoje.

Ontem, a selecção A fez um treino de conjunto contra as «esperanças» e venceu por 2-1, golos de Peres, Nelson e Calado.

O restante programa ficou assim elaborado: hoje, às 16 horas, treino individual no Estádio; amanhã, às 16 e 30, já com a colaboração dos benfiquistas, sessão de conjunto; sábado, banhos e massagens de manhã e treino com bola à tarde e, no domingo, às 10 horas, sessão de conjunto. Estes dois treinos efectuam-se no Estádio Nacional.

●

Em 4 de Maio, e numa iniciativa do Banco Português do Atlântico, que já fez o mesmo em relação ao Sporting de Braga, a equipa do Vitória de Guimarães jogará em Clermont-Ferrand. Na altura os vimaranenses defrontarão o Olympique Lyonnais, partida que está a despertar enorme interesse dado o elevado número de portugueses residentes naquela região.

●

Em Lourenço Marques a selecção da cidade empatou com o Duisburgo a dois golos. Encontro disputado ontem e com uma arbitragem infeliz e caseira. Com este resultado o F. C. Porto saiu vencedor do Torneio Internacional da Páscoa disputado na capital de Moçambique.

●

Ontem, o Vitória de Guimarães realizou o seu segundo jogo na Madeira. Os vimaranenses voltaram a ser derrotados pelo Marítimo, desta vez por 2-0, com golos de Noémio e Vasco. A assinalar as expulsões dos vimaranenses Danilo e Zéquinha.

●

Jacinto já explicou todas as razões da sua «fuga» aos dirigentes do Benfica. Esperava-se sòmente por Otto Glória e o engº Helder Viegas que hoje regressaram do Brasil, a fim de ser concluído o respectivo inquérito.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

DESPACHO DO DIRECTOR GERAL DOS DESPORTOS

ELEIÇÕES URGENTES NA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL

Acerca da situação que se verifica na Federação Portuguesa de Futebol (cuja direcção se encontra reduzida a cinco membros) o director-geral dos Desportos, dr Armando Rocha, exarou o seguinte despacho.

Dos membros que compunham a direcção da Federação Portuguesa de Futebol apenas cinco se encontram em exercício quando é certo ser necessária a presença de seis para que a mesma possa deliberar (Estatuto, art. 30.º).

Implica esta situação se adoptem imediatas medidas para integrar aquele órgão ao menos do número mínimo de membros por que deve ser constituído.

Pela natural obediência aos preceitos por que se rege a modalidade, e que esta Direcção-Geral sempre porfia em ver respeitados, há que proceder-se de harmonia com as disposições estatutárias que deferem ao presidente da mesa do Congresso o preenchimento das vagas abertas de harmonia com os princípios estabelecidos no art. 13.º e § único do Estatuto.

Por outro lado, a situação referida vem tornar ainda mais imperiosa a necessidade de se proceder urgentemente às eleições dos membros dos órgãos federativos que terminaram os seus mandatos.

Nestes termos, solicite-se ao Ex.mo presidente da mesa do Congresso ou, na sua falta ou impedimento, ao Ex.mo vice-presidente, se digne:

a) Promover o imediato preenchimento das vagas abertas na direcção da Federação em ordem a assegurar-se com a urgência requerida o número mínimo de seis membros, indispensável para que aquele órgão delibere;

b) promover se proceda com urgência às eleições dos membros dos órgãos federativos que terminaram os seus mandatos.

REGRESSO DO BENFICA — MAS OTTO FICOU NO BRASIL

Ao princípio da tarde chegou ao Aeroporto da Portela a equipa de futebol do Benfica que, no Brasil, disputou dois jogos, perdendo ambos por 2-1.

Aguardavam os jogadores os dirigentes Fortunato Rocha e Espírito Santo, o treinador Fernando Cabrita e o seleccionador nacional dr. José Maria Antunes.

Primeira novidade: Otto Glória, devidamente autorizado pela direcção do clube, ficou mais uns dias no Brasil a fim de tratar de assuntos particulares.

Segundo informação fornecida ao «Diário de Lisboa» pelo dr José Maria Antunes, os «internacionais» benfiquistas entrarão esta noite em estágio, às 22 horas. Quanto aos jogadores não seleccionados, Cabrita declarou que recomeçará os treinos no sábado.

Falando da digressão, o eng.º Hélder Viegas disse:

— Dois jogos distintos. No primeiro o Benfica esteve longe do seu valor, o que se explica dado os problemas surgidos com a viagem. Já no outro encontro exibimo-nos em magnífico plano, só não vencendo devido à péssima arbitragem e à violência empregada pelos adversários.

Como apontamento final:

— O Benfica nesta digressão, «descobriu» uma autêntica revelação: Nené, que, na verdade, se revelou um jogador de larguíssimo futuro. Quanto ao outro jovem que se destacou, Vítor Martins, também demonstrou ser elemento com que se pode contar.

O 58.º ANIVERSÁRIO DO BARREIRENSE

Com um vasto programa que inclui manifestações desportivas e culturais, o F. C. Barreirense inicia no dia 11 as comemorações do seu 58.º aniversário e simultâneamente do 13.º da inauguração do ginásio-sede.

HOMENAGEM DO SPORTING AO PRESIDENTE DO CONSELHO

Ao fim da tarde de hoje, o Sporting entregará ao Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, a medalha de «Mérito e Dedicação» e o «Leão de Ouro com Palmas».

A distinção, decidida em assembleia geral, serve para vincar o facto de ter sido no Governo do prof. Marcello Caetano que ficou resolvido o problema dos terrenos do grande clube.

HOJE À NOITE

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Seniores: Série A — Económicos-Lusitano, Palmeiras - Vitória e Ac. Beatense B-Combatentes, Série C — Ateneu Madre Deus-Económicos B, Est. Alvalade-B.º Tacha e Leais Amigos-Academia 1/6/1893 — nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa (Seniores), apuramento do 5.º ao 8.º: Sintrense-C. D. U. L. (na F. Ciências) às 22 horas; F. Ciências-Moscavide (no E. Universitário), às 21 e 30.

No Porto

BILHAR — Campeonato Regional (partida livre): às 21 e 30, jogos no Leixões-Bilharista, em Matosinhos.

— Torneio do F. C. Porto (três tabelas): jogos a partir das 21 e 30, no salão do Café Ceuta.

CICLISMO — I Grande Prémio Riopele: 1.ª etapa (circuito das Antas), às 21 e 30, prova de 9 quilómetros contra-relógio, por equipas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional Individual de Juniores: jogos às 21 e 15, na sala do F. C. Porto.

VOLEIBOL — Campeonato Regional Feminino: Fluvial-Desportivo da Póvoa, às 22 horas, no ginásio da Escola Gomes Teixeira.

TOTOBOLA — O NOSSO PALPITE

Penafiel-Boavista	2
Salgueiros-T. Novas	1
A. Viseu-Valecamb.	1
Covilhã-Tirsense	2
Espinho-Leça	1
Lusitano-Oriental	1
Almada-Torriense	2
Alhandra-Luso	1
Portimon.-Sintren.	1
Belenha-Cagliari	2
Milan-Juventus	1
Nápoles-Fiorentina	X
Varese-Inter	2

Pugilismo

LACUEVA DE CARVALHO (AMADORA) JÁ CAMPEÃO NO «TORNEIO DE ABERTURA»

A terceira sessão do «Torneio de Abertura», outem realizada, decorreu com animação e ritmo, tendo-se efectuado dez dos doze combates anunciados.

Os resultados dos combates foram os seguintes:

SÉRIE A — «Pluma» — Manuel Palma (Rio de Janeiro) venceu aos pontos Artur Carapinha (Estrela da Amadora); «Galo» — Manuel Dores (Estrela da Amadora) ganhou a José Velez (Ginásio do Sul) por A. S. C. (árbitro suspende o combate) por inferioridade técnica no 2.º assalto.

«Pluma» — António Rebelo (Rio de Janeiro) derrotou Fernando Baceira (Estefânia) aos pontos.

«Ligeiro» — Lima Gonçalves (Sporting) ganhou a Santiago Cabral (Ginásio do Sul) por o árbitro ter suspendido o combate no 2.º assalto, por inferioridade técnica.

Fernando António (Alvalade) bateu aos pontos Farinha Galveia (Sporting). Este pugilista, todavia, ganhou o combate, pois o adversário tinha mais peso que o máximo da categoria.

«Meio-médio ligeiro» — Vítor Pires (Rio de Janeiro) derrotou aos pontos Armando Seco (Sporting). António Ferreira (Estrela de Alvalade) foi declarado vencedor de Firmino Santos (Sporting) por este não ter efectuado o necessário peso. Carlos Santos (Sporting) venceu por «K.O.» no 2.º assalto a Armando Dias (Ginásio do Sul).

«Meio-médio» — Lança Pires (Estrela da Amadora) bateu por desclassificação Mário Coelho (Ginásio do Sul). César Barbosa (Alvalade) ganhou aos pontos a José da Costa (Estrela da Amadora).

SÉRIE B — Francisco Realinho (Rio de Janeiro), da categoria de «Pluma», foi declarado vencedor de António Casteleiro, do mesmo clube, por este não ter feito o peso.

«Meio-médio ligeiro» — Lacueva de Carvalho (Estrela da Amadora) triunfou aos pontos sobre Vítor Marques (Rio de Janeiro).

Actuaram como árbitros e juízes os alunos do Curso de Arbitros da F. P. B.: Bernardino Ladeira, José Mendes, Vasco Bilreiro, Quintas Ferreira e Alfredo d'Oliveira, e os árbitros já formados: Mariano Pedro, que regressou à actividade, e Raul Reis.

De criticar o pouco fundo atlético dos valentes e habilidosos pugilistas do Ginásio do Sul, que não têm resistência para os seis minutos de combate.

De elogiar a atitude do pugilista do Sporting Farinha Galveia, que acedeu a combater com um adversário mais pesado para não prejudicar o espectáculo.

P. A.

São 22 os concorrentes do «Rallye» a Viseu

Fecharam já as inscrições para o «Rallye» a Viseu, que o Aero Clube de Viseu leva a efeito nos próximos dias 12 e 13 do corrente e cujos resultados contam para o Campeonato Nacional de Rallyes.

A lista fechou com os seguintes, 22 inscritos: Américo Nunes, Mabílio de Albuquerque, Francisco Romãozinho, Policarpo de Brito, Fausto Martins, Ruy Souto, Baptista dos Santos, Luís Netto, Cesar Torres, Carpinteiro Albino, eng.º Heitor Morais, Adolfo Sampaio, António Silva, Eduardo Sid, Sarmento Rebelo, Martins Teixeira, Manuel Rey, Francisco Santos, Egas Miranda, Artur Santos, Eduardo Rebelo e Hermínio Vasconcelos.

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 56182
Às 15.15 18.15 e 21.30
Uma verdadeira pandega cinematográfica
À FESTA
com Peter Sellers e Claudine Longet

MUNDIAL
Às 18.30 e 21.45 (Adultos)
Edward G. Robinson e Janet Leigh na empolgante história de um roubo audacioso
O ÚLTIMO TRUNFO
Cinemascope — Technicolor
Um filme que é um êxito!

Metro: Estação Picoas

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.15
O FILME DOS 10 OSCARES!
E TUDO O VENTO LEVOU
70 mm — Metrocolor
c/ Clark Gable, Viven Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

Atenção: o filme projecta-se 10 minutos após o início da sessão

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 328282
HOJE: 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA SENSACIONAL DE GARGALHADA
com Sylvia Koscina e Robert Hursch
A VIÚVA SOLTEIRA
(Scope-Col.)
O documentário de grande oportunidade: «Eisenhower — Cidadão do Mundo»

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Invencível! Invulnerável!
ARGOMAN SUPERDIABÓLICO
Technicolor — Techniscope
com Roger Brown e Dominique Boschero

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30 horas
ELES COM ELAS
com «Los Bravos», Manolo Gomez Bur e Guadalupe Sampedro

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Uma comédia maliciosa e picante!
David Niven e Lola Albright em
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
Scope-Color

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779090
Às 15.30 e 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O filme que deu significado à palavra «suspense»
AS DIABÓLICAS
A obra-prima de H. G. Clouzot
com Simone Signoret, Paul Meurisse, Vera Clouzot e Charles Vanel

EUROPA
(M. 6 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
EASTMANCOLOR
FLINTSTONE, O AGENTE 777 1/2
Um filme de desenhos animados, coloridos, de grande metragem, com os heróis da televisão.

CONDES
Telefs. 323523 - 328710
Às 15.15 e 21.15 (Adultos)
2.ª SEMANA
70 mm — Metrocolor
E TUDO O VENTO LEVOU
c/ Clark Gable, Viven Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser exibido 10 minutos depois do início das sessões

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 937583
Às 21 e 30
EM PONTO DE REBUÇADO
com Debbie Reynolds e James Garner

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45033
Às 21 horas
MARISOL E O TOUREIRO
A DEUSA DE OURO

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.00 e 21.30
3.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada
com Barbra Streisand e Omar Sharif
QUINZENA CINEMA MODERNO
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
ACIDENTE, de Joseph Losey, com Dirk Bogard, Stanley Baker, Jacqueline Sassard, etc.
Próxima Quinzena:
O AMOR NO CINEMA

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50505
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Em 3.ª SEMANA
CHITTY, CHITTY, BANG BANG
com Dick Van Dyke e Sally Ann Howes

POLITEAMA
HOJE: Às 15.15 (P. r.) e 21.30
EM 3.ª SEMANA:
UM ÊXITO SENSACIONAL, com
UM HOMEM SEM MEDO
— TECNICOLOR —
HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA
(M. 17 anos)

SÃO LUIZ
(M. 17 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme empolgante
UM HOMEM EM LEILÃO
com
Robert Wagner e Jill St John

ALVALADE
(M. 17 anos) Tel. 763060
Às 15.45 e 21.45
Um filme empolgante
UM HOMEM EM LEILÃO
com
Robert Wagner e Jill St John
Às 18.30 — WALT DISNEY
(Crianças)

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
A maior produção cinematográfica do mundo!
2.ª SEMANA
AUSTERLITZ
1.º episódio de «GUERRA E PAZ»
70 mm — Moscolor
Realiz. de Sergei Bondarchuk segundo a obra de Leo Tolstoy
Horário das sessões:

Sessão	Filme
15.00	15.13
21.30	21.43

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
O LADRÃO DE QUEM SE FALA
UM ESTRANGEIRO EM SACRAMENTO

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 48560
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Technicolor — Tehniscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O GRANDE MESTRE DO CRIME
UMA AVENTURA EM JUNHO

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
UMA MULHER NO CIMENTO
com Frank Sinatra e Raquel Welch

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «Cartas na Mesa» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 21 e 45: «Maria Stuart» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «À espera de Godot» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «A Preguiça» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 às 23: «Elas é que sabem» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «24 horas de vida de uma mulher» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O dia mais longo de Kansas City» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Ataque à muralha do Atlântico» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «A Mulher felina» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «O grande amor de uma gueixa» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 19: «O roubo das jóias» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Da Terra à Lua» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «O Presidiário» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21: «O pequeno banhista» (12 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «A pele do espião» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «O Vale das bonecas» (17 anos)
B. ENCARNAÇÃO — Às 21: «Al Capone» (17 anos).
B. V. LOURES — Às 21: «Flint, agente secreto» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Espectáculo de Variedades» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os dez mandamentos» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Comissário X, acção em Ceilão» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30, «Uma mulher no cimento» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «James Bond 007 — Casino Royal» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15, «Amor, louco amor» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «A máscara do Zorro» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O doce corpo de Deborah» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Estrada do vício» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Frankenstein criou a mulher» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15. «Mal por mal antes com elas» e «A Caveira» (17 anos).
MEM-MARTINS — CINE CHABY — Às 21 e 30. «Dunya a noiva eterna» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Fantomas passa ao ataque» (12 anos)

Um ciclo dedicado a Ingmar Bergman

Aproveitando a recente realização da Semana do Cinema Sueco, promovida pelos cineclubes ABC, Imagem, e pelas Publicações D. Quixote, entendeu o ABC dedicar um ciclo ao realizador Ingmar Bergman, integrando obras pouco conhecidas e que datam da sua primeira fase criadora. Serão assim exibidos, no corrente mês e para os seus associados, os seguintes filmes: *«Rumo à felicidade»* (1949), *«Mónica e o desejo»* (1952) e *«No limiar da vida»* (1957). A primeira sessão será já amanhã (18 e 40), no Cinema Lys, admitindo-se novos sócios à entrada.

Depois de amanhã, na sede — à Rua Conde Redondo, 20, 3.º, dir.º —, haverá um colóquio para discussão do filme *«Quem tem medo de Virginia Woolf?»*

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 17 (633288) ● Boa Hora, R. dos Quartéis 25-27 (637777)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 8-A (72070) ● Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700465) ● Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ● Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água (71013)
ALCÂNTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84112) ● São José, R. dos Anjos, 4 (50730)
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale 53 (842 52)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-E (72494) ● Onilde, Av. João XXI, 3-A (726848)
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 56-B-C (40592) ● Sequeira, Av. Luís Bívar, 69-71 (47213) ● Cordeiro, Av. Duque de Ávila, 32-C (43495)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, Rua B, 6 Rua Marquês de Olhão 7 (383800)
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 88 (32121) ● Unita, R. do Vitório, 2' (323795)
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256)
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica 678-E (720532) ● Soma, Est. Benfica 429-431 (780027).
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 38 (774682)
CAMPO DE OURIQUE — Perfírio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) ● Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 7 (6803..)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa 33-35, (780181).
CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. de Redondo, 9-A (44158).
ESTRELA e LAPA — Paivas & Penante R. de St. António à Estrela 96-98 (665196) ● S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (661010)
GRAÇA — Arnell, R. das Escolas Gerais 88-A (863940)
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 20-B (790942) ● S. Tomé, Est.ª do Desvio, lote 2-C (790904).
MARVILA — Tavares, R. Direita de Marvila, 25 (381612).
MOURARIA — Tavares, R. da Palma 94 (863350)
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade V. a Cabral (ex-Rua 8, 4 Lote 43 zona poente ● São Paulo — Rua 2 Lote 828 (à Estrada de Moscavide) (Tel 310711)
PENHA DE FRANÇA — Zienol, R. Morais Soares, 56-C (847708)
PICHELEIRA — Merlus, Calç. de Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua do Beneficência, 9 (773728)
RESTELO — Tenera — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo—próximo dos Moinhos) Telefone: 61814
S. BENTO — Silva Santos, R. da Esc. Politécnica, 82-A (660280) ● São Bento, R. dos Poiais de S. Bento, 3 (679673)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) ● Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães 33 (849448)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (2518520).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifa — Av. Comb. G. Guerra, 64 (T. 21070).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (2432034)
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Brandão, Av. da República 77-C (247054)
MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar, 3 (Tel 260008)
ESTORIL — S. João, Est. Marginal 8 (261180).
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 9, 41 (280141) — Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) — Campos, R. Elias Garcia 85, (930072) — Clebel — R. António Sardinha, 23-D (938551)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (Tel 97 0 23).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 5 (950905) ● Zeller, Av. da República, 83 (950045)
CACÉM — Central R. Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Quinta, Est. Mem Martins, 285, (29 00 21)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456)
SINTRA — Marrazes (Vasco), Lg. Rainha D. Amélia, 20 (980 35)
COLARES — Colares, Almoça (Tel. 299088)).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 5 —
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 40 (2240...)
ALMADA — Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira 39 (270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Alamega, Est. Nacional 4 (224400) Leitão, 85-B (2760565)
BARREIRO — Pimenta — R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 22730 2
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pombo (274365).
MOITA — Silva Rocha — da República, 6 (239029
MONTIJO — Higiene R. José Joaquim Marques, 42 (230370)
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis 61 (2290..)
SETÚBAL — Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); Portugal, Rua Camilo Castelo Branco (Tel. 2321)
SEIXAL — Godinho L. da Igreja, 5 (22 1580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gascidla 538821 ● Gascidla dom. e feriados: 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524.
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural). 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 668195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. do Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

FREQUENTE
«O CONVÉS»
Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Telef. 51282 - 51260
RESTAURANTE SNACK e PASTELARIA
E TODAS AS NOITES PARA M/ 17 ANOS VÁ AO
«PORÃO DA NAU»
AMBIENTE FAMILIAR
PRESENTES OS ROGERS com EDUARDO NASCIMENTO
Tels. 50529 - 51505

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 57 78 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz CHAO CHAO

MINABELA
Restaurantes Churrasqueiras Pastelaria
Diàriamente várias especialidades
AMADORA — Tel. 936181/2
QUELUZ — Tel. 951611

RESTAURANTES
«O MANEL»
Todos os dias a famosa LAMPREIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
LARGO DO REGEDOR, 3, ...
TELEF. 34982
Parque Mayer

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef. 798211
Telheiras de Cima, 144
JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO (POSTO SHELL) EM
AZEITÃO
ESTRADA - Lisboa - Setúbal
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ E JANTAR

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

APÓS AS REFEIÇÕES **CHAVE D'OURO** — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de S4
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 22 02 71-2-3 e 22 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Estão a ser evacuados os doentes de um pavilhão do Hospital de S. José que foi construído há nove meses

Nove meses apenas depois de ter sido concluído, inaugurado e posto a funcionar, um pavilhão do Hospital de São José, a que se chamou de grandes traumatizados de crânio e cujo verdadeiro nome, inscrito na fachada, é «Pavilhão de Traumatizados Crânio-Encefálicos», está a ser evacuado para obras, por ameaçar ruína.

Os doentes estão a ser transferidos para o Serviço 12 (Neurocirurgia) do Hospital de Santo António dos Capuchos ficando apenas em S. José, por algum tempo mais, os doentes do serviço de Reanimação cujo estado não permite a mudança. Trata-se, aliás, de uma restituição uma vez que logo após a entrada ao serviço o novo pavilhão do Hospital de S. José recebeu os doentes dos Capuchos, desalojados na altura, igualmente por motivos de obras nas instalações do respectivo serviço. Estas obras estão agora quase concluídas, esperando-se que o estejam completamente no início da próxima semana.

O Pavilhão de Traumatizados Crânio-Encefálicos do Hospital de S. José foi construído pelo Estado e recheado pela Fundação Gulbenkian com equipamento do mais moderno. Construído para a especialidade do tratamento de um tipo de sinistrados cujo número cresce permanentemente, logo de início o novo pavilhão foi desviado da sua finalidade e as suas enfermarias povoadas pelos doentes do serviço 12 do Hospital dos Capuchos onde era necessário fazer obras que se previam para um máximo de dois meses e só agora são dadas por concluídas. Além disso, o novo pavilhão nasceu «doente» e nem sequer o tremor de terra de Fevereiro pode ser apontado como causador das ruínas que o afectam.

Com efeito, desde há muito se diz que as fundações foram mal calculadas ou executadas com restrição, e há já alguns meses se deu conta de fendas que foram alargando e, agora, obrigam a que o local seja expressamente evacuado para se proceder a reparações consideradas urgentes. Manda a verdade que se diga, ainda, que uma explosão verificada em tempos no mesmo pavilhão apressou o processo de ruína em que se encontrava.

As obras começarão dentro em breve, nunca antes de serem evacuados os doentes de Reanimação que ainda aí se encontram, como é lógico.

Entretanto, devem ser apontadas mais algumas das críticas de que o pavilhão tem sido alvo, ao longo da sua curta história: não se compreende que ocupando uma grande extensão de terreno, ocupe apenas um piso, numa altura em que se fala tanto da falta de instalações hospitalares e o problema está a ser encarado pelas autoridades competentes.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal Continental, o céu estava pouco nublado ou limpo, e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Braga, 21°,1; mínima: Penhas do Saúde, 1°,2.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 11°; Faro, 18°; Funchal, 16°; Lisboa, 15°; Penhas Douradas, 10°; Portalegre, 15° e Porto, 13°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento geralmente fraco; condições favoráveis à formação de nevoeiro local.

Amanhã
Nascer do Sol: 7 e 7
Ocaso do Sol: 20 e 9

Dia 16 Dia 24 Dia 2 Dia 9

MARÉS:

PRAIA-MAR. Dia 10 — 10 e 55 (3,1 m) 23 e 25 (3,4 m) Dia 11 — 12 e 20 (3,2 m) Dia 12 — 0 e 40 (3,6 m); 13 e 25 (3,5 m) BAIXA-MAR: Dia 10 — 4 e 07 (1,7 m); 16 e 45 (1,9 m) Dia 11 — 5 e 46 (1,6 m); 18 e 13 (1,7 m) Dia 12 — 6 e 57 (1,4 m); 19 e 14 (1,5 m)

Agentes de turismo vêm a Portugal abrir o apetite...

Chegou hoje ao aeroporto de Faro um grupo de agentes de viagens inglesas que, a convite da TAP vêm efectuar uma visita de estudo aos centros turísticos do nosso País, nomeadamente do Algarve e de Lisboa e arredores. A finalidade da visita consiste, como bem se compreende, em estudar a possibilidade de encaminhar o fluxo turístico britânico para esta bela atlântica cheia de sol e de areia macia...

ABRE AMANHÃ O «NAUTICAMPO III»

As mais recentes novidades em equipamentos de recreio náutico, aeronáutico e de campismo estarão patentes ao público, a partir de amanhã, na exposição Nauticampo III, a qual será inaugurada, às 16 horas, pelo Chefe do Estado, na F. I. L.

Estão representadas no Salão Nauticampo 225 expositores, distribuídos por 21 países (17 países e 193 expositores em 1968). Este ano estão representadas 25 entidades e associações desportivas (22 no ano passado). Entre elas figuram entidades oficiais, tais como a Secretaria de Estado da Aeronáutica, Direcção-Geral da Aeronáutica Civil e o Instituto de Socorros a Náufragos do Ministério da Marinha.

Além de 70 expositores portugueses regista-se a presença de 9 firmas alemãs, 15 norte-americanas, 1 australiana, 1 austríaca, 1 belga, 1 chinesa, 3 canadianas, 1 checoslovaca, 3 dinamarquesas, 5 espanholas, 26 francesas, 1 holandesa, 12 italianas, 54 inglesas, 1 irlandesa, 6 japonesas, 1 jugoslava, 4 norueguesas, 7 suecas e 3 suíças.

REUNIÃO NO GOVERNO CIVIL

O dr. Afonso Marchueta reune-se amanhã, pelas 11 horas, no salão nobre do Governo Civil, com os presidentes das Câmaras Municipais do distrito. A sessão de trabalho será dedicada à apreciação de assuntos de natureza administrativa que interessam aos vários concelhos.

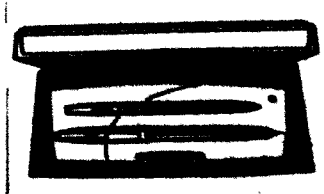
Fundação Salazar

Em sua reunião extraordinária de ontem, o conselho geral da União dos Grémios da Indústria Hoteleira e Similares do Sul, aprovou a atribuição, proposta pela direcção, de cem contos à Fundação Salazar.

Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermèticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 30-1.º — LISBOA
REPRESENTANTE NO PORTO: ELIO ANDRADE

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

LIVROS ESPANHÓIS
• 7.000 Livros Técnicos e Científicos em Editores representados
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO QUENTAL, 14-A

VIDA POLÍTICA

● Ministro das Obras Públicas

O ministro das Obras Públicas recebeu o eng.º Sá Vargas Morgado, governador civil de Bragança, com quem tratou de problemas do distrito, o director-geral dos Serviços Eléctricos, eng.º Elisiário Monteiro, e o bastonário da Ordem dos Engenheiros, eng.º Mercier Marques.

● Subsecretário de Estado do Planeamento Económico

O sr. dr. João Salgueiro, subsecretário de Estado do Planeamento Económico, nomeou para seu secretário o sr. dr. Luís Nandim de Carvalho que recentemente terminou a licenciatura em Direito.

Secretariado Técnico

O sr. dr. Octávio de Carvalho Cruz foi nomeado director dos Serviços de Integração Económica Nacional do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho.

AMANHÃ, ÀS 17,30 HORAS: ELEIÇÃO DA «MAJA DE PORTUGAL»

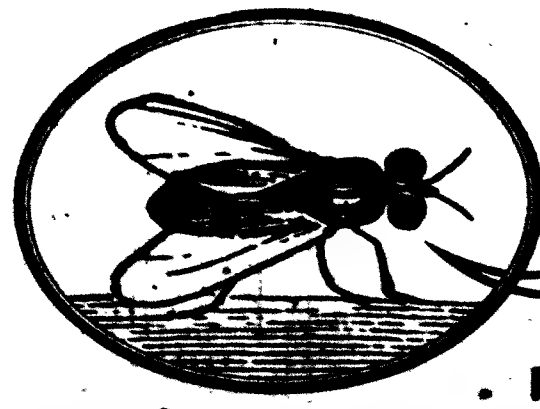
É amanhã, pelas 17 e 30, nos salões do Hotel Fénix (em Lisboa) que será escolhida a «Maja de Portugal-1969», no decorrer de uma reunião social para a qual o «Diário de Lisboa» e a Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha) convidaram personalidades de relevo, que constituirão o júri.

Quinze fotogénicas e esbeltas raparigas estão apuradas para esta final, cabendo à preferida pelo júri uma magnífica viagem por terras de Espanha, no período entre 10 e 19 de Maio e, ainda, a honra de desfilar no certame para «Maja Internacional» (onde pode obter valiosos prémios) em representação do nosso País. As quinze finalistas são:

Ana Maria Cerqueira (Porto), Ana Maria Freites Doria (Covilhã), Ana Maria Lourenço Marques (Lisboa), Ana Maria Ramires Ferreira (Lisboa), Ermelinda Maria Ferreira (Porto), Gisela Larrière Cardoso (Lisboa), Leonor C. de Castro (Lisboa), Margarida Maria de Castro d'Athouguia (Lisboa), Maria Cristina de Sousa Rocha (Amadora), Maria Emília Rodrigues Pinto (Cascais), Maria Fernanda Rodrigues Pereira (Lisboa), Maria Helena Martins (Setúbal), Maria Luísa Madeira da Silva Martins (Lisboa), Maria de Lurdes Oliveira Barata (Lisboa) e Maria São José Melro (Lisboa).

Digamos desde já que no júri estarão representantes da Imprensa, da Rádio, do Teatro, do Cinema, da Literatura, da Televisão, do Desporto, da Tauromaquia, da Publicidade e da vida social dos países ibéricos. Confiemos no veredicto desse júri.

A MOSCA



PICA NO SÁBADO!
NO Diário de Lisboa
GRÁTIS = 16 PÁGINAS DE MAGAZINE

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 558/18 DE ABRIL DE 1969

SOLJENITSYNE: UM HOMEM AMORDAÇADO

(páginas centrais)

A propósito do livro de António José Saraiva «Inquisição e Cristãos Novos»

Uma tese da maior importância

por Óscar Lopes

POUCOS ASSUNTOS da história portuguesa têm sido tão apaixonadamente discutidos como o Santo Ofício da Inquisição, estabelecido no nosso país por diligência zelosa de D. João III e extinto pelo Marquês de Pombal. Como é natural, a crítica desta instituição principia a ser feita por representantes das suas principais vítimas, os Cristãos-Novos; integra-se no complicado e instável jogo de forças sociais relacionado com a Restauração de 1640; avoluma-se com a intervenção dos «estrangeirados» progressistas do século XVIII, abrange toda a historiografia liberal, com destaque para a «História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal» de Herculano, cujo prólogo extrai do seu conteúdo uma lição ainda hoje plenamente actual; deu origem a estudos capitais de Lúcio de Azevedo e António Baião; provocou mesmo tentativas de reabilitação total ou parcial do Santo Ofício, que se não extinguiram; e, apesar do silêncio pudibundo de muitos, volta hoje à ordem do dia, com as investigações e teses de Révah J. C. Baroja e outros. Mas até agora a polémica e a investigação giravam quase só em torno dos malefícios culturais, sociais, económicos (ou, segundo alguns, dos benefícios, ou de certos benefícios...) do famigerado tribunal, ou em torno do farisaísmo dos seus instituidores e ainda dos seus métodos ou «estilos». Ora, por muito impressionantes que sejam estes aspectos (e o livro presente esclarece todos os seus processos, alguns ainda pouco indagados ou ponderados, mostrando até onde, sob a linguagem mais seráfica, se pode ir em negação da humanidade mais elementar) — a verdade é que qualquer instituição, qualquer fenómeno histórico, mesmo uma grande inumanidade, carece, pelo menos em princípio, de explicação, e só depois de socialmente explicada se supera eficazmente. Os juízos condenatórios as reacções da mais justa repulsa pouco valem se estiverem cegos para a dinâmica objectiva dos factos. E, assim, é certo que o veredicto herculiano contra D. João III nos faz ainda vibrar de indignação. Mas muito mais importante do que indignarmo-nos é descobrir como foi possível toda essa ferocidade a frio, praticada em nome de uma religião de caridade, por homens, talvez na maior parte dos casos, potencialmente, tão bons ou tão maus como nós. Todo esse pavor que já conhecemos (ou devemos conhecer) através das alegações levadas até junto da Santa Sé, dos testemunhos do padre António Vieira, de tudo quanto foi irrefutàvelmente apurado por Herculano, António Baião, etc., e que o presente volume luminosamente resume, arruma, completa, interpreta. Sobre esta questão fundamental, e ainda hoje em aberto, do porquê, traz António José Saraiva uma tese da maior importância. Não a sumariemos, para não a deformar na sua clara e todavia complexa estrutura. A interpretação proposta representa uma mutação decisiva na problemática da história do Santo Ofício. Dobra-se a última página deste livro tão emocionante — e o nosso respeito pelas melhores potencialidades do Homem fica, todavia, de pé. Os homens (ou certos, muitos homens) foram, de facto, assim, são-no com certeza, ainda hoje, em muitas partes do mundo. Mas, se ainda nem todo o mal se explica e remove, é pelo menos evidente que a Inquisição se pode explicar de um modo plausível: era uma arma de defesa, não da religião, mas de um grupo social ameaçado, arma que, a certa altura, já se movia segundo vias próprias e incontroláveis. Os factores de toda a inumanidade historicamente consumada podem racionalmente objectivar-se. Podem, desde já combater-se. Poderão, cada vez mais, neutralizar-se. E o que importa é isso, e não constituirmo-nos em júri de um julgamento final sobre o que se fez, não agora, mas há séculos. O Juízo Final não é da nossa competência. Da nossa competência é o que se faz hoje, e o que virá a fazer-se amanhã. Este livro objectivamente sereno é, também em tal sentido, uma grande lição.

(Texto de apresentação do livro «Inquisição e Cristãos-Novos», de António José Saraiva, recentemente publicado pela Editorial Inova).

Entrevista com Ricard Salvat

por Carlos Porto

EM DECLARAÇÕES feitas há tempos a este jornal, o actor Fernando Gusmão dizia — tratava-se de uma revelação para o nosso público — que **RICARD SALVAT** era um dos dois homens de teatro mais importantes que têm estado em Portugal nestes últimos anos. Por sua vez, o encenador argentino Adolfo Gutkin — actualmente dirigindo o Grupo Cénico da Faculdade de Direito — dizia há dias que **RICARD SALVAT** é com Arrabal a mais importante figura do actual teatro espanhol. O «Primer Acto» considerou o seu espectáculo com «Ronda de Mort a Sinera» o mais importante espectáculo catalão do pós-guerra civil. As suas encenações de Brecht foram decisivas para o conhecimento do autor alemão em Espanha. Não será preciso dizer mais nada para apresentar **RICARD SALVAT**, autor, encenador, director, mestre de teatro, **ANIMADOR DE TEATRO**, um dos homens que estão na base do actual renovo de teatro catalão e espanhol. Daqui o saudamos, conscientes do que representa a sua presença à frente do C. I. T. A. C., e gratos pela entrevista que nos concedeu.

— Começamos por pedir a Salvat para traçar uma síntese da situação do teatro espanhol actual, não esquecendo o teatro universitário.

— Penso que a situação do teatro em Espanha é bastante caótica. O teatro burguês — a única manifestação teatral plenamente integrada nas nossas estruturas sociais — está em crise desde há alguns anos, dando sinais de esgotamento e de cansaço. Trata-se, no entanto, do único teatro que as estruturas do nosso País aceitam plenamente, plenamente apoiam e fomentam. O teatro anti-burguês surge esporàdicamente sendo quase sempre afogado pelo teatro ao serviço da burguesia, dona absoluta da situação teatral. O outro público, aquela classe que podia apoiar esse teatro anti-burguês, não possui capacidade aquisitiva, e, além disso, teme — nos casos em que pode pagar o respectivo bilhete — esse teatro, talvez em virtude do rito social que comporta, rito social que o coloca á margem e pode mesmo chegar a incomodá-lo. Consequentemente, como as raras manifestações de teatro anti-burguês que se produzem no nosso País só podem realizar-se em edifícios teatrais propriedade da burguesia (os únicos que existem), surge uma radical contradição nessas manifestações teatrais anti-burguesas.

Posso falar-lhe da minha própria experiência. Montei com a Companhia de Adrià Gual, que dirijo, «A Boa Alma de Sé Chuão» de Brecht e «As moscas» de Sartre num teatro burguês e para um público que podia pagar um mínimo de 50 escudos por lugares da plateia. Montei as obras integralmente, com tudo o que têm de implacável em relação á classe que essas obras criticam. Resultado: essa classe sentiu-se atacada e, de uma maneira ou de outra, tenta acabar com esse tipo de teatro. O público que podia apoiar esses nossos espectáculos não podia pagar o preço que a engrenagem teatral burguesa impunha. Daí a radical contradição á que me referia. Contradição que inclusive, se manifesta mais fortemente e se torna mais evidente quando, como na peça de Brecht, obtivemos um grande êxito. A burguesia não perdoa estes êxitos.

Que acontece, então? Há alguns homens de teatro que se dão conta não ser possível continuar a dar autores da literatura tradicional burguesa: Benavente, Achard, Paso, etc.... e concluem que é necessário fazer os grandes autores: Brecht, Brenda Behan, Sartre, Weiss, Genet, Mrozeck, Arrabal, Osborn, mas, nesse caso, estabelece-se um acordo tácito com a burguesia. Representam-se estes autores porque fica bem representar os mesmos autores que se apresentam nas grandes cidades teatrais: Londres, Milão, Nova Iorque, Paris, Roma, Varsóvia, Praga, etc.... São, no entanto, convenientemente cortados e adaptados, fazendo sobressair os aspectos anedóticos, em especial os sexuais, e ignorando o aspecto de crítica da burguesia... Por todas estas razões é que lhe dizia que a situação do nosso teatro é bastante caótica, confusa e frequentemente até bastante desonesta.

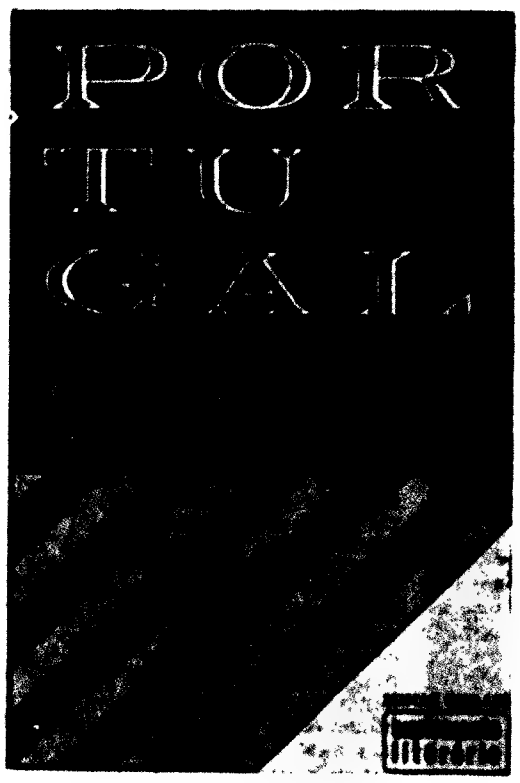
Não posso referir-me com propriedade ao teatro universitário porque há muitos anos que estou afastado dele. Houve um momento, na

(Continua na 6.ª página)

«Ronda de Mort a Sinera» (Salvador Espriu-Ricard Salvat)

Fragmentos & equívocos?

O SUPLEMENTO Literário do Minas Gerais (Belo Horizonte), talvez o mais importante de quantos se publicam no Brasil, dedicou dois dos seus números (131 e 132, respectivamente de 1 e 8 de Março do ano corrente) à «Literatura Nova» de Portugal com eles constituindo um caderno especial (dimensões aproximadas: 31,5 x 46,7 cm) de vistosa apresentação gráfica graças à capa «chamativa» de Eduardo de Paula e às



ilustrações — regra geral de boa qualidade — dos artistas mineiros Eliana Rangel, Maria do Carmo Vivacqua Martins, José Márcio Brandão, Anamélia Lopes de Moura Rangel, Márcio Sampaio, Carlos Wolney, Liliane Dardot, José Alberto Nemer, Pompéia Britto Rocha e Irene Abreu.

Os números foram organizados com a colaboração dos escritores Arnaldo Saraiva e E. M. de Melo e Castro.

Para que o leitor português possa ficar sabendo como a «Literatura Nova» de Portugal foi divulgada no Brasil, passamos a registar, página a página, o conteúdo dos dois Suplementos antológicos (de 12 páginas cada) que os brasileiros nos dedicaram pela mão dos organizadores e seus colaboradores lusitanos.

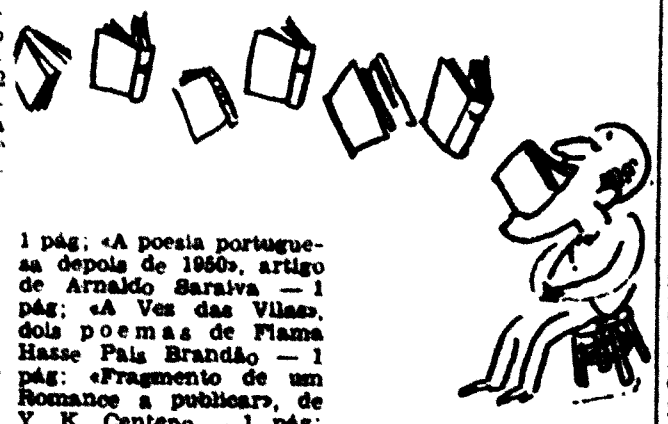
1.º SUPLEMENTO: «Prosa Prosa (ou primeiras notas para uma revisão crítica da prosa criadora portuguesa)», artigo de E. M. de Melo e Castro — 3 páginas; «Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly, de Luís Correia de Araújo»—1 pág.; «A Zona Surrealista da Verdade», artigo de Fernando Mendonça sobre *O Mestre*, de Ana Hatherly — 1 pág.; «No Restaurante», conto de Ana Hatherly — 1 pág.; «Lou e Lee», fragmento da novela *Natureza Morta Iluminada*, de José Viale Moutinho, e «O Tempo entre Parêntesis», texto de Alvaro Guerra — 1 pág; «O Gato e o Marinheiro», conto de João Bonifácio-Serra e outros — 1 pág; fragmento da novela *O Passo da Serpente*, de Baptista-Bastos — 1 pág; fragmento do romance *A Torre de Barbela*, de Ruben A., e «De 29 Tisanas», dois poemas de Ana Hatherly — 1 pág; «Vivaviagem», de Almeida Faria, e «Xanão (fragmento)», de Artur Portela Filho — 1 pág; «Magia (I)», apontamento inicial do romance (narrativa) *A Sala Hipóstila*, de José Alberto Marques — 1 pág.

2.º SUPLEMENTO: «São os lábios, as suas letras...», poema de António Ramos Rosa, e «Notícia sobre a poesia experimental portuguesa em 1968», artigo de E. M. de Melo e Castro — 1 pág; «A poesia portuguesa depois de 1950», artigo de Arnaldo Saraiva — 1 pág; «A Vez das Vilas», dois poemas de Fiama Hasse Pais Brandão — 1 pág; «Fragmento de um Romance a publicar», de Y. K. Centeno — 1 pág; «A poesia de Ana Hatherly», poemas e desenhos — 1 pág; poemas de Natália Correia («O Cão»), Arnaldo Saraiva («História Breve do Século XX»), Alvaro Neto («Verbos Incompletos»), Maria Alberta Menéres («Poemas») e António Barahona da Fonseca («A poucos minutos do fim») — 1 pág; poemas de Liberto Cruz («Verificação» e «As Sílabas dos Versos») e de Alberto Marques — 1 pág; poemas de Luísa Neto Jorge (fragmento de *O Evidente Dinamitado*) e de E. M. de Melo e Castro («I Texto e 6 Postextos», de *Versus-In-Versus*) — 1 pág; «Joelhos, Salsa, Lábios, Mapa», poema de Herberto Helder — 1 pág; fragmentos de um texto de Jorge Peixinho, «Música e Notação», e «Um Poema», de Salette Tavares — 1 pág; «Três Sonetos de Zona Rasada», de Gastão Cruz — 1 pág; e «O Corte Transversal», texto de Ana Hatherly — 1 pág.

No cômputo geral, verifica-se que das 24 páginas do caderno antológico do Minas Gerais, 5 páginas e um terço são preenchidos com textos de Ana Hatherly ou a ela referentes; segue-se, em ordem de relevo conferido, E. M. de Melo e Castro, com cerca de 4 páginas.

Ana Hatherly surge em duas fotografias; Melo e Castro e Arnaldo Saraiva (os dois colaboradores lusitanos) têm, cada um, sua efígie reproduzida; Y. K. Centeno vê-se retratada num desenho de Tossan.

A iniciativa do Suplemento Literário do Minas Gerais, no seu objectivo de divulgação da nova literatura portuguesa por terras e gentes do Brasil, só pode merecer-nos aplausos. Estes dois números em referência, no seu manifesto desequilíbrio antológico e, sobretudo, nas ausências de certos autores igualmente, senão mais, representativos da *nova* prosa e da *nova* poesia portuguesas (não surgem antologiados, por exemplo, Almada, Rodrigues Miguéis, Vergílio Ferreira, Augustina, Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, Raul de Carvalho, António Aragão — para só referirmos aqueles, os vivos, a que precisamente se refere Melo e Castro no artigo introdutório do 1.º Suplemento) serão apenas, esperemos, os primeiros de uma série indubitàvelmente importante no plano do tão desejado convívio cultural entre os dois países de língua mais ou menos comum.



Caso contrário, estamos perante um facto lamentável, devido (não o custa a crer) à usura intelectual dos responsáveis pela organização dos Suplementos que hoje divulgam pelo Brasil alguns fragmentos (e também alguns equívocos) do que passa por ser a nova literatura portuguesa.

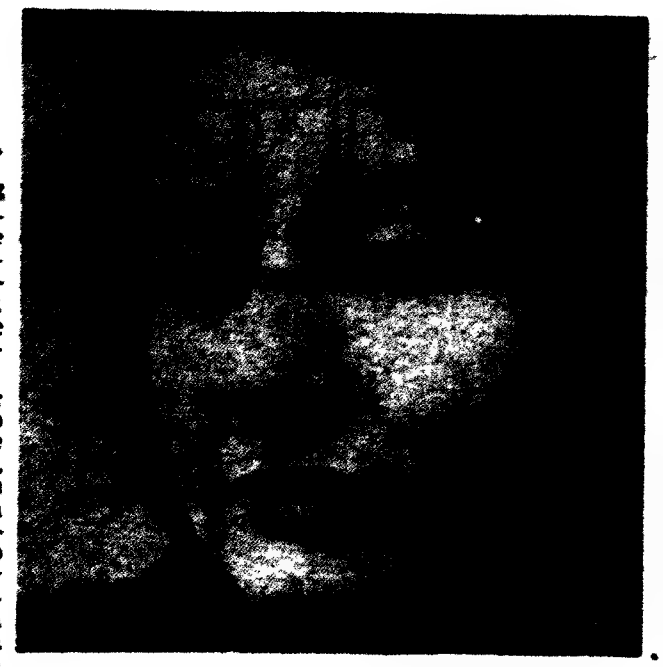
V. S. T.

DESENHADOR

Precisa-se especialista des de letras para criação de marca industrial. Indicar referências. Resp. ao jornal ao n.º 343

Este mundo velho

DE NOITE AS ÁRVORES SÃO NEGRAS
de Maria Isabel Barreno
Pub. Europa-América
Lisboa, 1968



FUNDAMENTALMENTE cinco personagens articulam este livro, Henrique e Luísa (casal pequeno-burguês); Amélia (adolescente filha de ambos); Helena (irmã de Luísa); e Octávio (marido de Helena).

Henrique é um director de empresa empenhado numa luta de conquista de poder, mesquinha e vulgar, para quem a mulher é um objecto de adorno, uma peça útil para a sua necessária estabilidade: *quando ela se curva para apanhar a roupa suja que deixo pelo chão*. Luísa aceitou essa condição de adorno. Para ela a vida é o amor a Deus e à família, o respeito pelo marido, as reuniões mundanas cheias de pessoas importantes que ela não entende mas para quem é necessário ser amável: *gosto de os ouvir dizer «esta torta está muito boa», e é inesperado que aquele senhor que sabe o que se passa no governo francês saiba também apreciar a minha torta*. Amélia é sem dúvida a personagem central, representativa de uma geração que já recusou todo o universo mesquinho dos pais mas ganizar toda a revolta ganizar todas a revolta que lhe coube: *nós rimos, no colégio, no caminho para casa, à tarde, «quando formos crescidas», imaginamos, e rimos, porque nunca seremos como eles, e é engraçado pensar que um dia tomaremos os seus lugares, iguais ao que somos agora, e encheremos o mundo de surpresas*. Amélia é um fruto que cresceu para além da árvore, que é impossível enquadrar no mundo organizado dos pais. Toda a sua revolta nasce como se ela quase não desse por isso, ultrapassa-a, confunde-a: *há fraquezas, receios, lutas, ataques e defesas, linguagens distintas que ainda não aprendi*. Na morte do pai, no final do livro, ela não terá lágrimas nem faces pálidas porque, de tudo o que se lhe apresenta, ela apenas julga *assistir ao enterro de um mundo podre*.

Helena é a irmã mais nova de Luísa. Ela é a confidente de Amélia, a tia cujas atitudes, pelo seu distanciamento, já conseguem escandalizar os pais. Mas Helena não tem ainda a força de Amélia e por isso acabará cilindrada pelo meio que julgava recusar: *de mim sobra sempre a maior parte*. O seu casamento com Octávio será, como ela própria diz, uma fabricação amável dos sentimentos com que dia a dia eles próprios se presentearão.

Octávio é um espectador. Marido de Helena e funcionário da empresa que Henrique dirige, ele sentirá sempre a garra enorme daquela família que o recusa mas simultâneamente se esforça por aceitá-lo por razões de conveniência.

Além deles aparece-nos ainda uma Madalena, amante e secretária de Henrique, e um outro seu funcionário que inicia o livro e o encerra também com esta síntese: *Ele morreu, um homem importante; (...) Era por exibicionismo que se aproximava dos seus inferiores (...) A família é esquisita, também. O cunhado não veio, a cunhada deve ser meio desaparafusada, como já me tinham dito, a filha entretém-se a olhar em volta como se estivesse no circo: a viúva, essa muito chorosa, tem um casaco de peles.*

Mas para além dos personagens existe o livro, esse texto fluido, compacto até à exaustão, de uma beleza informe, todo ele articulado em longos monólogos ou sincopados e breves diálogos. Todos os personagens se exprimem na primeira pessoa mas de forma não identificada. Será o leitor que terá de reconhecê-los através de tudo o que no-los identifica, as ideias, as relações de parentesco, a própria forma de expressão e desenvolvimento do seu pensamento. Luísa, por exemplo exprime-se dificilmente, em frase curta, sincopada. Ela é sem dúvida a mais pobre e a mais mesquinha de todos. Amélia, contrastando com a mãe, pensa e fala com desenvoltura, secamente, as suas ideias são uma fonte contínua, lúcida até ao terror e ao abismo.

Se verificarmos o número de monólogos que cabem a cada um dos personagens, poderemos aliás curiosamente verificar que eles decrescem pela ordem de valor e importância de cada um deles. Assim, Luísa intervirá 27 vezes, Henrique 22, Helena 19, em contraste com Amélia e Octávio que intervirão respectivamente por 16 e 13 vezes. Evidentemente que esta classificação poderá ser arbitrária. Não o sendo, porém, ela mostrar-nos-á que foi intenção da autora uma mais perfeita caracterização dos personagens fàcilmente tipificáveis. Na verdade, Luísa e Henrique fazem ainda parte do nosso universo quotidiano, deste mundo que morre perante o olhar indiferente mas interiormente tão viva quanto ela. Encontramo-los diàriamente envoltos na sombra de um passado que eles próprios não sabem já como realmente fixar. Amélia é ainda a pequena raiz que emerge desse passado legendário mas com o qual ela não sente o mínimo gesto de ligação. Amélia é o tempo novo, a transição. Por ela *as árvores brilharão na noite*.

Vale a pena ler este livro. Maria Isabel Barreno nele retém vinte e nove anos de uma experiência funda e criadora. *Um livro é um fruto de muitos homens que se gera num só; a criação é obra colectiva e demorada* — ela no-lo disse em entrevista a este suplemento concedida. Se bem que a sua expressão seja mais expontânea e improvisada do que propriamente construída, ela é sem dúvida fortemente reveladora de uma personalidade que ficaremos a respeitar. E a literatura que teve a força suficiente para criar e fazer nascer tal personalidade é certamente tão viva quanto ela própria.

NELSON DE MATOS

Um livro escaldante sobre a informação secreta

OFÍCIO DE ESPIÃO

por Allen Dulles

Ao fecharmos este livro compreendemos que, quando em política se dá um passo em determinado sentido, é raro o terreno não ter já sido sondado, cilindrado, consolidado — para evitar qualquer possibilidade de queda. E isto independentemente do bom ou mau êxito do espião.

COLECÇÃO DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS

Volume de 380 páginas: 60$00

LIVRARIA BERTRAND

Exposição Magritte

vista em Londres por Rocha de Sousa

ENCERROU no dia 20 de Março, na Tate Gallery, uma grande exposição da obra de René Magritte. «The Arts Council of Great Britain» tinha proposto ao próprio Magritte a realização de uma exposição deste tipo já em 1966. Os trabalhos respeitantes a essa iniciativa, que tiveram o assentimento do autor, tiveram também, durante algum tempo, a sua colaboração. As obras, na sua maioria as mais significativas, foram seleccionadas por David Sylvester, com larga contribuição, em diferentes domínios, de muitas entidades responsáveis em diversos países e a generosa atenção de alguns museus. A Tate Gallery, nomeadamente, por intermédio do seu director, Norman Reid, providenciou no sentido de fornecer as melhores condições técnicas para a exposição e de garantir o seu adequado funcionamento.

Para além da exemplaridade da exposição, desde os aspectos da montagem ao critério do catálogo, é indispensável assinalar a oportunidade com que se projecta a obra de Magritte, aqui objectivada na sua extraordinária coerência e no apelo da sua problemática para uma actualidade que se interroga. O que, nesse domínio e em René Magritte, é pura investigação plástica, através de meios técnicos bem determinados, nunca deixa de corresponder a um conjunto de questões que vivem na memória dos homens e que emergem hoje para uma luz peculiar. Aí se constrói uma linguagem que não se desvia da existência das coisas, fazendo-se para uma arte que decisivamente perturba, imposta á consciência através de um método de argumentação rigoroso e lógico. As coisas aparecem abordadas no contexto da sua absurdidade e não transformadas para a dimensão do fantástico. O conhecimento do Universo, que é da responsabilidade de quem o tacteia segundo métodos específicos, incluindo as formas de arte, faz-se muitas vezes pelos caminhos da ansiedade, da sufocação, mas isso não exclui a consciência dos factos insuperáveis e a necessidade do rigor (de todos os rigores) no processo da análise. A secreta afinidade entre certas imagens, a ambiguidade exposta do espaço real e do espaço aparente, o funcionamento dos símbolos, a correspondência dos elementos da memória com a longa experimentação das coisas assumida pelo homem, tudo isso importa á montagem de um processo que se justaponha á vida, que não segregue da vida apenas o vago exercício das consolações. Magritte lega-nos a exigência do que perturba para nos esclarecer, os argumentos inquietantes de um universo irracionalizado na dimensão das nossas suficiências e dos nossos sentidos. Não se trata de uma explicação, nem de uma história, mas de um facto novo assumido a partir de factos pretensamente conhecidos: um quadro pode coincidir com a realidade, mas é sempre uma nova realidade que se move, que se desvenda, é sempre a desmistificação da própria realidade em nossos olhos. E esta desmistificação só se realiza pela rigorosa moralidade dos meios, nunca pela arbitrária utilização do fabuloso. O que é exacto num quadro não decorre apenas da realidade exterior, mentida na miopia dos nossos sentidos, mas decorre sobretudo de uma lógica diferente: o espelho real que reflecte imagens invertidas não é o espelho pintado que reflecte apenas a imagem assumida pelo pintor. Esta liberdade contém a sua moral: aí o que se reflecte tem de ser decisivo. A falsa paisagem do quadro passa então a ser mais importante para o homem do que a paisagem real onde foi decalcada.

Magritte, o artista e a obra: nunca uma arbitrária utilização do fabuloso

Fugitivo anúncio

CLARISSE, AMARGURA, DEZEMBRO
por
Júlio Conrado
Colecção Édipo n.º 4
Lisboa, 1969

POUCO HÁ QUE DIZER sobre um livro como este. Pelo que ele próprio expressa e até pelas dimensões físicas que ocupa: pouco mais de quarenta páginas impressas, das quais cinco pertencem ao prefácio de Urbano Tavares Rodrigues.

Júlio Conrado estreara-se em 1963 com um conjunto de narrativas às quais estas só se adiantam numa mais leve segurança da escrita. Eis pois um livro e um autor de que a crítica apenas poderá ser um fugitivo anúncio.

O que ele nos traz como proposta e reflexão é um conjunto de temas que o prefaciador — decerto sem elogio — considera como «*impressionante aderência da realidade ficcionada a um exigente programa neo-realista*». Escolhamos duas pequenas frases extraídas de textos diferentes: 1 — (pág. 22), *Elaborei um plano fabuloso para fazer correr a chaga dos bairros da lata da fisionomia de Lisboa;* 2 — (pág. 62), *essas ideias tolas a respeito de mudanças de mentalidade que só podem germinar na cabeça de intelectuais dispostos a demitirem-se da única vida que têm realmente para viver.*

Creio que elas serão suficientes, se bem que decerto seja injusto resumir por elas todo o livro, e as inocentes intenções do autor. É no entanto evidente que a expressão desta forma de uma tal problemática só desvaloriza aquilo que indubitàvelmente Júlio Conrado pretende valorizar. E é isto sobretudo o que a nós nos custa deixar aqui de tal forma referido.

NELSON DE MATOS

«Península»

ESTÁ PUBLICADO o n.º 2 (referente a Março de 69) dos cadernos culturais «Península», publicação coordenada por José de Azevedo e J. Santos Chambino e que intenta uma aproximação cultural entre os dois povos ibéricos.

Colaboram neste número, a tantos títulos atraente e de variada leitura, Félix Cucurull (que prossegue o seu ensaio «Maragall: Portugal e o Iberismo»), Sérgio Ribeiro («Considerações (e contas) sobre as despesas extraordinárias, o Orçamento Geral do Estado para 1969 e a Economia Portuguesa»), Fernando Segura (com o artigo «Cineclubismo e Cultura», sempre útil no seu objectivo divulgador e historicista), Antunes da Silva (que tece considerações moralizantes sobre «A Falta de Palavra»), Dictinio de Castillo-Elejabeytia (com o poema «Carnet de Identidad»), José Carlos de Vasconcelos («Quem como vós se veste de ódio», poema) e Jaime Rodrigues, que escreve sobre «Kurosawa e a trajectória do Cinema Japonês».

«Península» não esquece, ainda, a morte de António Sérgio; assim, faz publicar o texto «Ao jovem leitor», extraído do tomo II dos Ensaios.

Publicação modesta (não-periódica) mas de oportuno interesse cultural, «Península» deve merecer o apoio de quantos, entre nós, pretendam um convívio vertical e autêntico com os intelectuais verdadeiramente representativos do país vizinho.

Uma dimensão poética de tom expressionista

GRAVURA DE GRAÇA ANTUNES, jovem pintora recentemente diplomada pela E. S. B. A. L., que tem participado em algumas exposições colectivas e cuja sensibilidade se reconhece na dimensão poética das suas metamorfoses de tom, por vezes, expressionista. Graça Antunes, até aqui particularmente marcada pela experiência pictórica, está a concluir uma especialização em gravura

EI
já
pode consultar na sua livraria o 1.º VOLUME da Biblioteca Universitária Inova

a primeira experiência de coedição internacional simultânea que se publica em 8 países, e agora também em língua portuguesa

a colecção que lhe proporcionará UMA VIAGEM À CÔTE D'AZUR para assistir ao 1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DO LIVRO (Nice 1969-31 de Maio-10 de Junho)

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA INOVA

será posta à venda no dia 15 de Abril, sendo então divulgado o regulamento do concurso.

SOLJENITSYNE: um homem amordaçado

Entrevista do jornalista soviético Victor Louis

ALEXANDRE SOLJENITSYNE, autor de «Um dia de Ivan Denissnovitch», «Primeiro Círculo» e «Pavilhão dos Cancerosos», é um dos escritores mais em evidência no panorama actual da literatura russa. Ocupa, no entanto, uma posição ambígua face ao regime soviético: antigo deportado, reabilitado em 1957 e hoje professor de matemática num colégio de Riazan, vê os seus livros circular na U. R. S. S. numa semi clandestinidade, enquanto nos países ocidentais é saudado entusiásticamente.

Avesso a entrevistas, abriu recentemente uma excepção ao receber o jornalista soviético Victor Louis, o homem que trouxe para o Ocidente as cópias das «Vinte cartas a um amigo», de Svetlana Aleluyena, e que parece gozar de uma protecção especial das autoridades do seu país (foi o primeiro jornalista a anunciar a queda de Kruschev, o primeiro a visitar a China Nacionalista, é correspondente do «Evening News» de Londres e sai mais vezes da U. R. S. S. que a grande maioria dos funcionários soviéticos).

Nos começos do ano passado, depois de ter sido impedida a publicação do «Pavilhão dos Cancerosos» no mensário «Novy Mir», os meios de emigrados russos agrupados na Alemanha Ocidental em torno das revistas «Possev» e «Grani» enviaram a Soljenitsyne um telegrama susceptível de levantar controvérsia. Acusaram o Comité de Segurança do Estado Soviético — o K. G. B. — de ter feito chegar clandestinamente ao Ocidente os romances de Soljenitsyne, a fim de o comprometer no seu país. Em consequência, estes grupos de emigrados preparavam-se para publicar o «Pavilhão dos Cancerosos» e o «Primeiro Círculo» o mais cedo possível.

Soljenitsyne protestou contra a publicação das obras sem sua autorização, mas tal protesto só foi tornado público dai a alguns meses.

Victor Louis, que reconhece ter participado no caso Svetlana, desmentiu vigorosamente ter desempenhado qualquer papel neste caso e conseguiu fazer uma visita ao romancista, no mês passado, com o principal propósito — diz ele — de regular a controvérsia havida sobre a sua actuação.

A entrevista que se segue não deve, de modo nenhum, ser considerada uma entrevista autorizada por Soljenitsyne. Contudo, esclarece a actual situação do escritor, assim como a atitude ambivalente dos meios oficiais soviéticos.

A ENTREVISTA

MOSCOVO — Alexandre Soljenitsyne é, provàvelmente, o escritor russo mais discutido que já houve na U. R. S. S. Repetiu que não daria entrevistas nem a jornalistas russos nem a ocidentais, mas eu vali-me do facto de o meu nome ter sido pronunciado a seu respeito e fui falar-lhe. Encontrei-o na casa de campo.

—Sou um provinciano, um aldeão — declara o escritor. — Aqui vivo e respiro um ar real.

Parece estar em muito boa forma e começou a deixar crescer a barba. Comprou uma pequena «datcha» de madeira, a cerca de 80 quilómetros a sudoeste de Moscovo. Aí se abriga no Verão, na companhia da mulher e de alguns amigos escolhidos.

Tem duas divisões no rés-do-chão e o gabinete de trabalho, com uma pequena varanda, fica no primeiro andar. O tecto está recoberto de fibrocimento pintado de cor-de-rosa. Ao lado, uma garagem para o «Moskvitch» verde e uma máquina para serrar madeira.

Perto da casa corre um regato, do qual se tem uma esplêndida vista para a floresta e para os campos. Não muito longe dali, uma igreja abandonada semelhante àquelas que, com tanta simpatia, ele tem descrito nos seus romances.

Os manuscritos de Soljenitsyne são aqui tão tentadores como os frutos proibidos. São copiados e tornados a copiar numa progressão geométrica.

Pessoas que normalmente não estariam dispostas a ler um romance «médico», como o «Pavilhão dos Cancerosos», ficam a lê-lo durante quarenta e oito horas, assim que conseguem um exemplar emprestado, para acabarem a leitura antes de o passarem a outra pessoa. Soljenitsyne sabe isto muito bem.

E sabe ainda muito mais coisas. Como todos os cidadãos soviéticos, que passaram um certo tempo nos campos de trabalhos forçados, é advogado de si próprio. Se escreve alguma carta, sabe que esta acabará por aparecer em jornais ocidentais; por isso a dirige a outros membros da União dos Escritores, a fim de estes a fazerem chegar ao seu destino.

De um ponto de vista legal, ninguém pode acusar Soljenitsyne seja do que for. Se é certo que ele, como Tolstoi, não está de acordo com o regime, a verdade é que o não diz abertamente.

É difícil acusá-lo de enviar os seus romances para o estrangeiro, mas ele não se mostra muito surpreendido com o facto de a sua obra passar clandestinamente a fronteira.

— É muito natural — comenta o escritor. — Enquanto houver na Rússia manuscritos com valor comercial para o Ocidente, as fugas continuarão ininterruptamente.

E acrescenta:

— Conheço casos de fugas surpreendentes. As memórias dos campos de Eugenia Ginsburg, por exemplo. Alguém vendeu o seu manuscrito. Estou absolutamente convencido de que ela nunca o enviou.

Soljenitsyne protestou contra a publicação das suas obras no estrangeiro. Fê-lo com admirável indignação, proclamando que procederia contra os editores.

Não sei se o fez com a convicção sincera de que o seu protesto, uma vez chegado aos editores, obrigaria estes a suspender a publicação. Não sei se o fez ingénuamente ou se o fez por cálculo. Soljenitsyne sabe que Pasternak protestou também em vão contra a publicação dos seus romances no estrangeiro. Por outro lado, há que contar com o desejo natural que todos os escritores têm de publicar a sua obra.

Seja como for, Soljenitsyne não pode ser acusado, como o foram Siniavsky e Daniel, de enviar manuscritos para o estrangeiro. Protestou públicamente, e, ao mesmo tempo, sugeriu com toda a lógica que as «obras dos nossos autores deviam ser publicadas na nossa pátria.»

Quando a casa editora dos emigrantes russos da Alemanha Ocidental, Grani (que já publicou obras escolhidas de Soljenitsyne e reivindicou os direitos sobre algumas), foi posta ao corrente do protesto do escritor nem por isso decidiu suspender a publicação dos seus romances. E mais ainda: enviou um telegrama «provocador», no qual dizia que eu, Victor Louis, tinha enviado para o Ocidente uma outra cópia de *O Pavilhão dos Cancerosos*, e que, por conseguinte, decidiam publicar imediatamente o romance.

O próprio Soljenitsyne classificou este telegrama de provocador, e reconheceu que não fazia sentido que eu tivesse enviado outra cópia. Aliás, mesmo se eu tivesse enviado uma cópia, quem teria enviado as outras?

Quando fui visitar Soljenitsyne, este recusou-se a admitir que me tivesse acusado fosse do que fosse, uma vez que não tinha provas.

— A minha carta à União dos Escritores só punha uma questão quanto ao telegrama da Grani. Pessoalmente nada tenho contra o senhor. Mas porque é que o senhor não interroga a Grani?

Soljenitsyne pode provàvelmente orgulhar-se de ser o escritor soviético que tem maior número de admiradores, amigos e inimigos.

Depois do meu nome ter sido citado na apresentação do seu romance no Ocidente, tenho falado dele a um certo número de pessoas. Há muitas que se mostram surpreendidas por *O Pavilhão dos Cancerosos* não ser publicado. A verdade é que nenhum livro susceptível de ser considerado anti-soviético não podia ser aceite pela

(Continua na 7.ª página)

Soljenitsyne e «os mestres do Presidium»

ESCRITOR RENEGADO pelos directores oficiais da Literatura soviética, ex-deportado nos campos estalinistas, Alexandre Soljenitsyne obteve súbita e espectacular repercussão internacional graças aos efeitos dessa segregação abusiva.

«A sujeição intolerável a que a nossa literatura está sendo submetida há dezenas de anos não pode ser tolerada por mais tempo» escreveu ele na célebre carta de 16 de Maio de 1967 dirigida ao Congresso do Presidium. «Eco dos processos inquisitoriais da Idade Média, a actividade dos depuradores soviéticos reflectir-se-á até ao vigésimo primeiro século e não apenas na literatura dos nossos dias. Circunstancial por natureza, esse organismo arroga-se a faculdade — exclusiva de um julgamento definitivo e imortal — de classificar as obras de dignas e de indignas

Ora, todas as etiquetas habituais destes executores são contingentes. Houve tempo em que até o próprio Dostoievski não podia imprimir-se neste nosso país; os programas escolares excluiam-no e sobre ele eram lançadas calunias de toda a espécie. Por quantos e quantos anos Essénine não foi considerado contra-revolucionário? E Malakovski não sofreu também a acusação de «especulador anarquizante»? Durante quantos anos os versos imortais de Akematova circularam sob o rótulo oficial de «anti-soviéticos»?

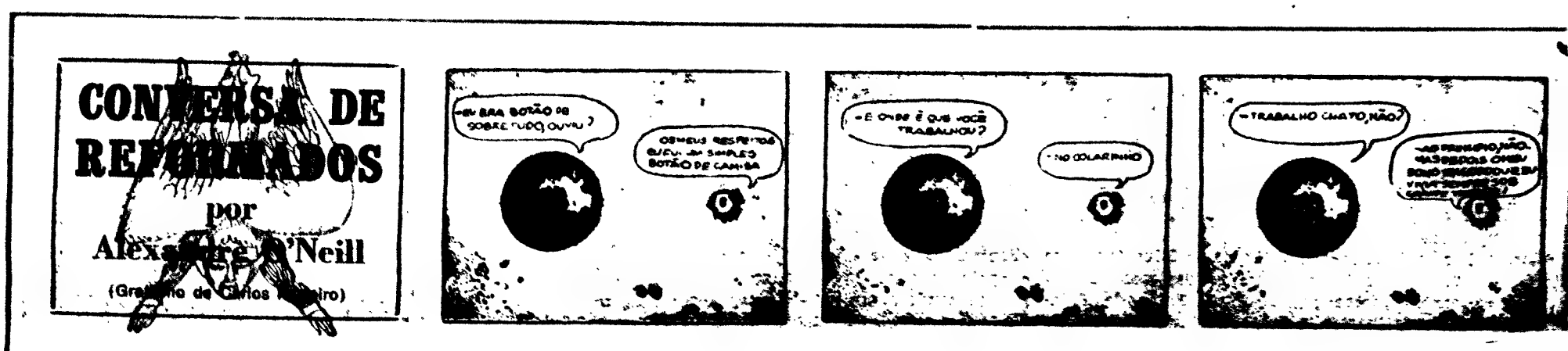
Quantas obras de excelentes jovens autores foram incineradas pelo Index dos expurgadores?

Nisto tudo só a morte pode servir de alguma reparação. A morte do escritor incómodo é um momento decisivo: só então é que se lhe possibilita um lugar de reabilitação. Ainda não há muito tempo que o nome de Pasternak não podia ser citado em voz alta, mas uma vez morto, os livros dele passaram a imprimir-se em grandes tiragens e alguns dos seus versos têm sido mesmo citados em manifestações oficiais.

A nossa literatura perdeu o lugar de vanguarda que ocupava no princípio do século: o dinâmico e revigorante caracter experimental que a distinguia no decorrer dos anos 20 apagou-se. A vida literária do nosso país aparece hoje ao mundo inteiro incomparàvelmente muito mais pobre, mais uniforme e mais mediocre do que na realidade ela é.

Proponho, pois, ao Congresso que seja votada e decidida a abolição dos métodos que, seja qual for o nível a que se exercem, têm empobrecido a produção artística.»

ALEXANDRE SOLJENITSYNE



Desvalorizar Clouzot

por Manuel Machado da Luz

«La Prisonnière»: uma quase predicação de catequese

REVER *As Diabólicas* numa das chamadas salas-estádio de Lisboa. Recordar um filme que, juntamente com *O Salário do Medo*, nos fizera considerar — no momento da adolescência em que começávamos a descobrir o cinema como fenómeno artístico — Henri-Georges Clouzot como um dos grandes realizadores deste mundo. E verificar quão pouco do entusiasmo de então podia subsistir.

As Diabólicas é de 55. Clouzot atingira o auge do seu prestígio já nos fins dos anos 40. Sadoul embandeirava em arco com *O Salário do Medo* e não foram poucos os nossos mais velhos que, a par de nós, deliraram com o novo filme. Cremos que terá sido a última vez que isso foi possível em relação a uma obra de Clouzot.

Na realidade, a segunda metade da década exigiu que se passasse a abordar o cinema de um modo diferente, exigiu o reconhecimento da sua paridade com as outras modalidades artísticas, obrigou a acabar com essa espécie de estado de excepção em que se mantinha a partir do alibi que constituíam os entraves comerciais e ideológicos que lhe eram postos e que o preservava de análises críticas semelhantes às que se praticam em relação á literatura ou ao teatro. A experiência decisiva do cinema italiano do após-guerra, o árduo exercício de valorização do cinema americano, o surgimento de um cinema que reinvindicava a denominação de autor e o manejo da câmara como a caneta do escritor e que, como fenómeno colectivo, explodiu em 58-59, a isso levaram. E foi possível então ver como certos critérios anteriormente empregados eram mais do que falaciosos: a obsessão da *seriedade* contenutística, os grandes temas, o estilo impessoal, correcto e *mesuré* do academismo bem lambido. (*As Grandes Manobras* de René Clair era, precisamente em 55 e em virtude de tais critérios, considerado como o melhor filme do ano, enquanto que o «frívolo» Max Ophüls via o seu *Lola Montès* desprezado, insultado, pateado...)

Clouzot enfileirava, naturalmente, com os cineastas *sérios*. Possuía uma temática recorrente de filme para filme — a discussão do «Mal» — particularmente negra, «nillista» e que, não raro, colidia com os estreitos limites dos mais bem pensantes. Possuía uma maneira que se podia confundir com um estilo e que era a de um consumado técnico que levava a um ponto de apuro inexcedível os modos de narração tradicionais sem se esquecer de os ir refrescando com uma ou outra inovação fácil de aceitar pelo público. E, como tudo isto contrastava positivamente comparado com Hitchcock. Ora os caminhos dos dois realizadores são rigorosamente inversos. Clouzot proclama sempre grandes ambições culturais e artísticas, erege-se em moralista e crítico de uma sociedade decadente exprimindo-se a partir de enredos policiais e de *suspense*. Hitchcock, exprimindo-se também a

Clouzot realizando «As Diabólicas»: ainda não totalmente banal

mente com o artesanato comercialão e absolutamente despudorado em que se haviam transformado os 95% da produção francesa, poucos se lembrariam de dizer que os seus filmes eram apenas os equivalentes fílmicos dos livros de Simenon ou de Boileau-Narcejac (ou pouco mais do que isso), escritores que ele, de resto adaptava.

As Diabólicas, inspirado justamente por esta dupla, vem demonstrar com clareza, visto hoje, que o impacto e o escândalo clouzotianos são circunstanciais, que a negrura que lhe é congenial transforma-se em retórica ao não surgir alicerçada numa contestação em profundidade, que a solidez narrativa deixa de ser critério de valor ao revelar-se codificação de regras fixas, utilização de receitas, em detrimento da imaginação. A constatação disto — menos imediata mas sempre possível nos outros filmes de Clouzot — é uma das linhas de força da desvalorização radical que, nos últimos anos, o realizador tem sofrido.

Mas tal desvalorização incide sobre algo de mais grave.

Clouzot tem sido frequentemente e levianamente partir de tais enredos, declara apenas que o seu primeiro objectivo é divertir o público. Sómente acontece que os resultados atingidos por Clouzot ficam aquém das intenções expressas, e os atingidos por Hitchcock — seja qual for a opinião que se tenha dele — transcendem o mero divertimento para começarem a possuir implicações interessantes. É um problema de honestidade. Como produto comercial e divertimento requintado, *As Diabólicas* possui uma certa perenidade. De resto, fazer um habilíssimo *suspense* policial nada tem de vergonhoso. O que irrita é que, mais do que em qualquer outro dos seus filmes, Clouzot cultiva o equívoco para fruir simultaneamente dos prestígios de grande artista e dos de *money-maker* e tem um trabalho razoável a atirar punhados de areia culturalista aos olhos dos espectadores para esconder a natureza e o alcance de um produto em que apenas uma ínfima parcela é tradução das suas obsessões pessoais (vejam-se as referências a Barbey d'Aurevilly que chegam a um título pedido de empréstimo e a uma citação em epígrafe). Cabe, pois, perguntar em que medida o excelente acolhimento dispensado a Clouzot durante vários anos não foi fomentado, para além de umas circunstâncias históricas favoráveis, por um sistemático e bem consciente cultivo do equívoco. A questão está longe de poder ter uma resposta clara para além de *As Diabólicas* e, em grande medida, de *A Verdade*. Mas novo factor de desvalorização é a mistura, ao longo de toda uma filmografia e, embora em doses variáveis de película para película, da sinceridade com o oportunismo.

Resta que a desvalorização de Clouzot prossegue inevitàvelmente ao atentarmos na matéria de tal sinceridade, nas obsessões sinceramente traduzidas que, esbatida (ou negada) a importância do realizador como artista criador, são susceptíveis de uma valoração em termos culturais. E que, neste capítulo, verifica-se uma verdadeira involução de que *As Diabólicas* é um passo decisivo.

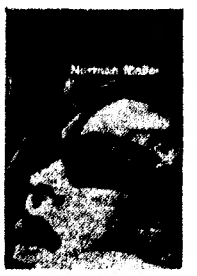
Dissemos que Clouzot se eregia em moralista e crítico de uma sociedade decadente. Se ele só tocou na periferia dos fenómenos, não há dúvida de que alguns dos seus quadros de costumes são interessantes (cf. *O Crime da Avenida Foch*, a própria descrição ambiental de *As Diabólicas*) e de que a pintura de um concreto contexto sócio-económico como o de *O Salário do Medo* é, de algum modo, válida. O problema é que ele veio a conjugar isto com a discussão do «Mal» atrás referida, um «Mal» entendido como categoria resultante de uma abstractização perfeitamente gratuita e omnipresente sob as mais diversas e intercambiáveis roupagens. O «Mal» engloba tudo: os manejos das grandes companhias internacionais explorando a América Latina (*O Salário*), a mesquinhez pequeno-burguesa (*As diabólicas*), a hipocrisia e conservadorismo de um sistema judiciário (*A Verdade*), a guerra fria (*Os Espiões*). E acaba por deixar de poder concretizar-se — como Clouzot aparentemente desejaria — ao nível das conjunturas históricas a que os filmes se referem, acaba por não ser emblemático de coisa nenhuma, por não ser senão uma misteriosa entidade que age no sentido da infelicidade dos homens. Já o título de *As Diabólicas* o anuncia: os jogos de forças humanas serão substituídos... pelo Diabo. E eis que, após *A Verdade*, o ateu Clouzot se converte ao catolicismo. Haverá questões pessoais que tenham contribuído para isso (a morte da esposa Claire, os sucessivos interregnos de doença) mas o facto releva de uma lógica imediata: crer no Diabo implica crer em Deus. E, assim, inicia um filme intitulado... *O Inferno*. Não o chegará a terminar. Terminara, sim, *La Prisonnière*, que talvez vejamos brevemente em Portugal e que, estreado em Paris nos fins do passado ano, é uma quase predicação de catequese. Isto não obstante o escândalo que, em certas camadas ditas evoluídas e particularmente reaccionárias, conseguiu levantar. O «Mal» já deixou de estar ligado a algumas das maiores aberrações políticas, sociais e económicas do nosso mundo. Depois de, a cada passo, esquecer tal associação e enveredar pelos metafísicos caminhos do Diabo, vai encontrar pouso no âmbito do erótico através de um caso de sado-masoquismo complicado de voyeurismo de que Clouzot só extrai noções de pecado e redenção.

Se *As Diabólicas*, pretexto destas notas, nos deixou de entusiasmar, façamos a Clouzot esta elementar justiça: em 1955, ele ainda era capaz de dizer algo não totalmente banal; em 1968, desperta o riso (ou o tédio). E isso é o que de mais diabólico lhe podia acontecer.

Uma obra arrojada, violenta, apaixonante

um sonho Americano de NORMAN MAILER

o livro mais importante do autor depois de OS NUS E OS MORTOS



Reconhecem-se os componentes habituais do romance de sensação: violência, sexualidade, assassínio disfarçado de suicídio, narcótico, alcoolismo, confusão sexual, racismo... E, no entanto, não se trata de um novo Mickey Spillane ou de um banal filme de bairro. Visionário, Mailer transforma em verdadeiros mitos estes elementos que fazem parte da vida (real ou contada) de todos os dias.

PIERRE DOMMERGUES
Le Monde, 12.4.67

A acção lembra a dos filmes de bairro: belas raparigas, carros de polícia, sirenes, matracas, pessoas que se perseguem. Acreditei durante muito tempo que isto fazia parte do horror da vida americana, da sua cultura idiota... N' Um Sonho Americano quis explorar este material bruto: fascinação, horror, magia...

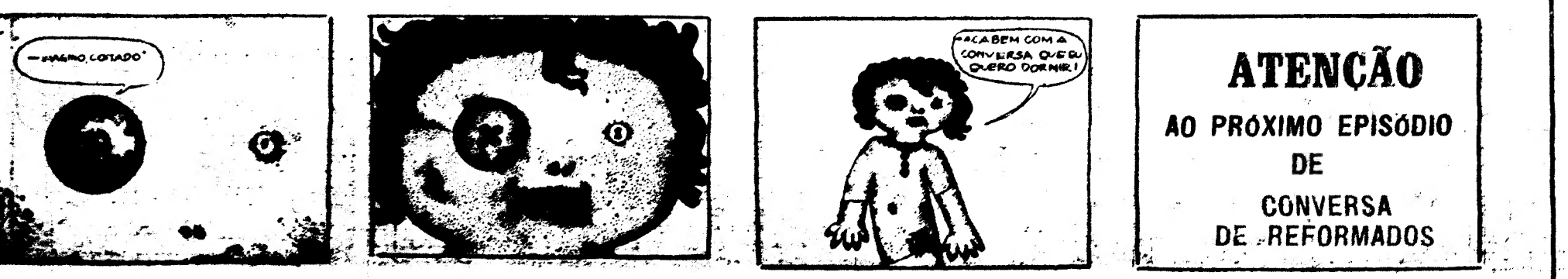
NORMAN MAILER

Colecção Contemporânea vol. de 308 págs. 50$00

Obras de Norman Mailer na Portugália Editora:

PRAIAS DA BARBÁRIA	vol. de 384 págs.	40$00
OS NUS E OS MORTOS	vol. de 712 págs.	80$00
O PARQUE DAS CORÇAS	vol. de 468 págs.	60$00

PORTUGÁLIA EDITORA



«Seara Nova»

DO «SUMARIO» da *Seara (sempre) Nova* de Abril do ano corrente destacamos: «Duas fases da Evolução Capitalista», de Eduardo Guerra; «Inflação — conjuntura delicada?», do nosso colaborador Sérgio Ribeiro; um artigo de Castelo Branco Chaves: «Notícia de um trabalho projectado sobre António Sérgio» achegas para o conhecimento dessa personalidade fundamental da

vida intelectual portuguesa; «Sardinha Essencialista», de António Coimbra Martins; «A Vitória Republicana», de David Ferreira, artigo (IV) dedicado ao centenário da escalada de Monsanto; «Também há Olivença», oportunissimo trabalho histórico e bibliográfico de Pedro da Silveira «a propósito de Gibraltar»; «Ponto de Mira», de Manuel Sertório, considerações sobre o significado (actual) da palavra «revisionismo»; «*O Relatório de Iron Mountain*», de J. Almeida Fernandes; «Espanha 1939», de Mário Soares; um inédito de Raul Brandão; uma página polémica, sempre de leitura assegurada, subordinada ao título «A R. T. P., José Régio, *A Voz* e o Diabo»; e as habituais secções «O País de Mês a Mês», «Livros» (com artigos críticos de Alexandre Pinheiro Torres sobre *Micropaisagem*, de Carlos de Oliveira e de Eduarda Dionísio sobre *De Noite as Árvores são Negras*, de Maria Isabel Barreno), «Teatro» (Urbano Tavares Rodrigues criticando a peça *As Quatro Estações*, de Arnold Wesker), «Cinema» (artigo do nosso colaborador Manuel Machado da Luz sobre o filme *Romeu e Julieta*, de Franco Zeffirelli) e «Factos e Documentos».

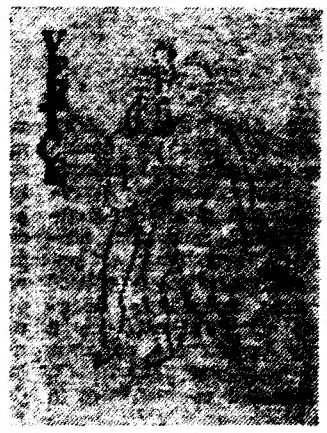
A «Seara», agora dirigida por Augusto Abelaira, continua a ser, periódicamente, um valor firme no panorama cultural português.

«Vértice»

ESTA PUBLICADO o n.º 306, referente a Março p. p., da «Vértice», revista de cultura e arte editada em Coimbra e de firmada irradiação intelectual.

Colaboram neste número Dulce Rebelo (com o artigo «A Mulher e a sua função biológica»), Orlando de Carvalho («Poemas»), Luís de Carvalho e Oliveira (com a terceira parte do estudo «As relações sócio-económicas na obra de Aquilino»), A. J. Moura Marques («A Linguagem Cinematográfica — V», estudo baseado numa obra de Marcel Martin) e Jofre Amaral Nogueira, que analisa os «Rumos e problemas do Estruturalismo».

A secção «Panorama» é preenchida com o artigo «Os direitos culturais en-



quanto direitos do Homem», retirado da «Chronique», da Unesco. Na rubrica «Cinema», Eduardo Geada critica o filme «Ofício de Viver», e é apresentada a conclusão da série de artigos condensados da revista *Positif*, que relatam o que foi o Festival de Veneza de 1968. Um artigo de Nino Frank — «Tommaso Campanella e a utopia de *La Cité du Soleil*» — inscreve-se na rubrica «História e Sociologia». Alcides de Campos escreve uma curiosa «Ronda Parisiense», que preenche a secção literária da revista. O compositor e teórico Alan Busch colabora com o artigo «O que exprime a música» e, finalmente, na secção de «Teatro», José Tavares Pinto analisa a peça «As Quatro Estações», de Arnold Wesker, integrada no XI Ciclo de Teatro do C. I. T. A. C.

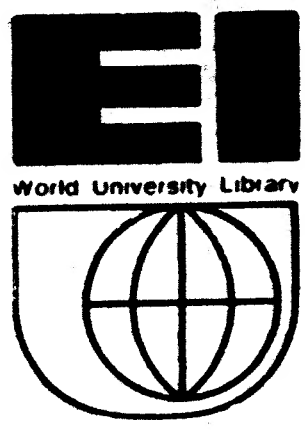
A «Vértice» faz ainda publicar, no texto e na capa, um belo desenho de Mário Eloy.

Biblioteca Inova

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA INOVA constitui a edição portuguesa da internacionalmente conhecida World University Library, colecção de obras escritas por cientistas e professores consagrados que, numa época de especialização crescente, compreendem a necessidade, senão urgência, de apresentar um panorama actualizado do seu domínio de investigação.

Planeada com 100 volumes, de formato prático e profundamente ilustrada a preto e a cores, a Biblioteca Universitária Inova, abrange as seguintes secções: Economia e Sociologia, História, Filosofia e Religião, Linguística e Literatura, Artes, Psicologia e Biologia Humana, Zoologia e Botânica, Física e Matemática, Geografia, Geologia e Astronomia e Ciências Aplicadas.

Representando um esforço de três anos de preparação e um investimento internacional na ordem dos 60 a 70 mil contos, a Biblioteca Universitária Inova, que se começa agora a publicar pela primeira vez em Língua Portuguesa, é editada já simultâneamente em Inglaterra, França, Alemanha, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Itália e Suécia.



Entrevista com Ricard Salvat

(Continuação da 1.ª página)

década 45-55, em que jogou um importante papel como introdutor de um novo repertório e como oficina de actores culturalmente mais bem preparados do que de uma maneira geral estão os nossos actores profissionais. Desde há uns três ou quatro anos que os nossos estudantes, chamados a outras missões mais importantes, abandonaram um tanto o teatro. Por outro lado, os teatros universitários espanhóis não têm as possibilidades económicas com que contam os vossos. Estas razões podem, talvez, explicar a precariedade dos grupos universitários espanhóis.

— Tem a dramaturgia espanhola acompanhado a evolução que o espectáculo teatral tem sofrido em Espanha, ùltimamente, tanto quanto nos é possível julgar do lado de cá?

Tenho a impressão que o espectáculo teatral espanhol tem evoluído mais rapidamente, pelo menos a um nível estético, do que evoluíram os autores espanhóis. Têm-se feito e continuam a fazer-se espectáculos de marcado tom pos-brechtiano antes de se terem escrito obras post brechtianas, ou de terem escrito timidamente. Há a intenção de aplicar a estética pos-artaudiana... sobretudo depois da passagem do «Living Theater», e não há obras que sigam essa orientação. Começa-se a experimentar as teorias de Grotowski mas não conheço autores que trabalhem nesse sentido. É claro que há nos encenadores uma maior tendência para seguir as modas, enquanto os autores são mais estáticos e talvez mais coerentes. Corre-se o perigo de seguir demasiado a moda ou, melhor dizendo, põe-se um problema: estaremos apenas a seguir uma moda ou saberemos assumir, assimilar, dar uma resposta a essas estéticas no interior das coordenadas do espectáculo espanhol?

— Quais são os vossos dramaturgos contemporaneos mais importantes?

— Se entendemos contemporaneos no seu sentido mais amplo, são sem dúvida alguma Valle Inclan e Garcia Lorca, sem esquecer Rafael Alberti e Max Aub, e em língua catalã, Salvador Espriu. Entre os mais próximos de nós, Buero Vallejo, o reinicador de um teatro crítico, virado para a nossa realidade, preocupado em denunciar a sua estreiteza de visão, as suas contradições.

Sastre que soube levar com inteligência essa preocupação de Buero Vallejo à sua máxima poetização possível. Especialmente dotados para o teatro, com uma prodigiosa intuição teatral e corajosos nas suas denuncias lembro: José Martin Recuerda e José Maria Rodriguez Mendez, este último autor da obra mais importante que, em meu entender se escreveu em castelhano desde 1939, «Bodas que fueran famosas del Pingajo y lan Fandanga o el año 1898» — obra que aguarda a sua estreia —. Há ainda que acrescentar Lauro Olmo, António Gala, Carlo Muñiz, Gomez Arcos, Rodriguez Buded, etc.

— Há alguma revelação entre os jovens?

— Sim, sem dúvida. No entanto, ainda por estrear. Faço parte do júri do Prémio Carlos Arniches a que concorrem muitos autores jovens e com um nível bastante elevado. Premiámos, nos últimos anos, Perez Dann e Sanchis Sinisterra, cujas obras que têm grande interesse ainda não foram montadas. No melhor dos casos, não passarão das páginas impressas. Não se pode deixar de pensar que o que se passa neste Prémio, repete-se com outros, nas salas de espera dos gabinetes das direcções teatrais onde certamente autores jovens importantes aguardam. Posso dizer-lhe, como exemplo, que acabo de ter conhecimento de que José Ruibal, jovem autor, foi premiado pela revista norte-americana «Modern International Drama». Esta obra está para ser estreada e editada.

— No que se refere à (possível) evolução da encenação, quais as teorias actualmente seguidas? E quais são as que o Salvat pessoalmente perfilha?

— Após uma encenação ilustrativa e rotineira para as quais o encenador se apoiava em inovações plásticas, surgiu muito de passagem a experiência do realismo épico. Agora, fala-se muito de Artaud e de Grotowski. O teatro profissional, na generalidade, está numa situação de modorra. As inovações produzem-se no campo do teatro independente.

Pessoalmente, procuro, a partir das coordenadas estético-sociais de Piscator e de Brecht, em que me formei, evoluir para um teatro mais amplo revendo as normas do teatro tradicional burguês no qual, como já disse, as nossas circunstancias estão imersas. Procuro atingir uma lin-

guagem teatral na qual não seja necessária a história contada, o argumento, um teatro em que seja eliminada a subordinação argumental, no qual se conteste ou se ponha em questão a necessidade do argumento. Uma revisão talvez do teatro documental. A essa procura de uma linguagem teatral própria respondem os meus espectáculos «Ronda de Mort a Sinera» sobre textos de Espriu; «Vinte y cinco años de poesia española», antologia de J. M. Castellet, e o meu espectáculo com Adria Gual «La nosa época».

— Em que medida — e como — tem o Estado e/ou as autoridades locais auxiliado o vosso teatro?

— Até há muito poucos anos o Estado e as autoridades espanholas não alimentavam quaisquer preocupações para com o teatro. No ano passado as coisas melhoraram para alguns homens de teatro, ao ponto de haver empresas que, parece, recebem mais do que um subsídio. Todavia, sobre este ponto nada posso dizer porque nos meus 17 anos de teatro independente e profissional apenas recebi um subsídio: o do Prémio Nacional, em 1966, um subsídio mínimo.

— Qual é a sua concepção dum Teatro Popular? Julga-o possível em Espanha?

— Creio que teatro popular é aquele que ajuda à consciencialização do público dos problemas criados pelas circunstancias em que vive e na progressiva historização desse público. Não creio que seja possível em Espanha.

— Como situa o teatro na problemática da sociedade contemporânea, ou melhor, na perspectiva de uma civilização que tende a transformar-se?

— Como prolongamento do que acabo de dizer a propósito do Teatro Popular creio que no futuro só deve haver teatro para uma classe e que o teatro deve ser uma tribuna, um «podium» do qual se faça uma prospecção da história.

Neste momento de crise aguda e apaixonante que o mundo atravessa, o teatro pode ajudar a provocar essa crise, agudizá-la e deve em seguida, mais tarde, propor caminhos de ordenação e de orientação. Creio por isso que as experiências de Peter Weiss, Rolph Hechhut, Peter Hacks, Heiner Kipphardt me parecem as melhores, as mais necessárias.

— Na sua opinião, quais devem ser as funções de um grupo universitário de teatro?

— O grupo universitário deve ser a autêntica vanguarda das ideias que expus acima. Creio que os grupos universitários devem lutar, nos nossos países, por conseguir que sejam criadas Faculdades de Ciências Teatrais à maneira das Universidades centro-europeias e norte-americanas. Isto em primeiro lugar. Depois os grupos que dependessem dessas faculdades deveriam ser os primeiros a tentar realizar esse teatro historizador, esse teatro de consciência.

— Como encara a elaboração do repertório dum grupo universitário?

— É esta a primeira vez que trabalho com um grupo universitário. Por isso não posso responder-lhe com exactidão em virtude de neste momento estar a pôr-me esse problema.

— O que tenciona fazer no C. I. T. A. C.?

— Durante quatro meses fiz um curso sobre «A evolução histórico-social-estética do teatro desde 1830 aos nossos dias». Dei durante dois meses aulas práticas sobre «formação do actor». Para ilustrar estes cursos, montámos um espectáculo intitulado «Brecht + Brecht». Na primeira parte, apresentada no Teatro da Faculdade de Letras de Coimbra, procurei, a partir dos pressupostos brechtianos, ir mais além, até um dos possíveis caminhos de investigação teatral. Neste espectáculo procuro superar alguns aspectos do teatro de Brecht, sensibilizando-o através das lições do «Living Theater», e das lições de humildade do «Bread and Puppet», de «La Mamma», etc. Seguindo, claro, a linha pessoal de um teatro-documento. Brecht, além disso, neste espectáculo marca-se com a sua experiência e circunstancia, servindo-me para isso de outros textos, de John dos Passos, Carl Sandburg, Maurice Dobb. A segunda parte inclui a obra de Brecht «A excepção e a regra».

— Quais as peças que vai apresentar:

— Neste momento trabalhamos com «A Mulher Judia», como exercício de interpretação e estamos a preparar um espectáculo de teatro documental «Castelao e a sua época». Com ele pretendo estender uma ponte de diálogo — esse diálogo que por vezes se estabelece para logo se romper — entre as culturas portuguesa e espanhola através da figura de um galego ilustre e universal. Estou a escrever esse espectáculo com a colaboração de todo o C. I. T. A. C. com a intenção de fazer teatro total e um autêntico trabalho colectivo.

— Para terminar, gostaria que nos falasse do teatro catalão tanto no que se refere a textos como a espectáculos.

— O teatro catalão existe desde o Romantismo. A sua vida tem sido difícil e dura; tem sofrido todo o tipo de perseguições e de dificuldades. Tem tido épocas em que foi proibido por completo. Presentemente, renasce e está a passar por um momento brilhantíssimo. Alguns críticos fazem partir a renovação do teatro catalão do espectáculo que fiz com textos de Espriu, «Ronda de Mort a Sinera», considerado pela crítica de Barcelona o melhor espectáculo do ano.

Entre os autores, sobressai a grande figura de Salvador Espriu com um texto fundamental «A Primeira História de Esther». A Espanha foi representada com esta obra no Festival de Nancy do ano passado.

Outros textos fundamentais que devemos assinalar são: «La Fam» (A Fome) de Jean Oliver, «Hombres y No», de Manuel de Pedrolo, uma obra capital dentro do teatro de absurdo. Poderia ainda acrescentar os nomes de Maria Aurélia Campmany, Xavier Benguerel, Alexandre Bellester, Josep M.ª Benet.

Gostaria de chamar a atenção para a importancia do teatro galego com figuras tão importantes como Castelao, Ramón Cabanillas, Isaac Diaz Pardo, Rafael Dieste, Arcadio Lopez Casanova, Vicente Risco e Álvaro Cunqueiro.

No teatro vasco gostaria de assinalar Grabiel Aresti e Salvador Garmendi.

CARLOS PORTO

Alexandre Soljenitsyne: um homem amordaçado

(Continuação da 4.ª página)

«Novy Mir» e preparado para publicação.

Sugerem alguns que Soljenitsyne se tornou extremamente popular após a publicação do seu primeiro romance *Um dia de Ivan Denissovitch*. O principal motivo de atracção deste romance era o facto de falar de coisas que não são impressas frequentemente.

Não há nenhuma família na União Soviética que não tenha perdido um amigo ou um parente próximo durante a guerra, ou, então, que não tenha tido um amigo ou um parente aprisionado por Estaline. O livro de Soljenitsyne provocou uma avalanche de centenas de outros manuscritos da autoria de pessoas que sofreram nessa época e querem escrever a sua história.

Esses manuscritos, na sua maioria, não são obras-primas mas apenas narrativas dramáticas de factos já conhecidos por transmissão oral. Os horrores dos campos de concentração de Beria não honram evidentemente o Estado, e as pessoas, de um modo geral preferem esquecer o inesquecível.

«Afinal de contas, ninguém, na Alemanha Ocidental, encoraja a publicação de romances sobre os horrores dos campos de concentração nazis. Também ninguém encoraja nos Estados Unidos a publicação de romances sobre o assassínio dos dirigentes do país» — diz-me um escritor.

Trata-se de uma vergonha nacional, e as pessoas gostariam de passar um risco sobre essas páginas sombrias da História.

Sendo assim por que razão haveria este género de literatura ser estimulado publicado, distribuído na U. R. S. S., onde a actividade editorial está nas mãos do Estado? Porque haviam as revistas de deitar sal sobre feridas ainda não cicatrizadas?

Contudo, Soljenitsyne ficou tão «chocado» com os anos passados nos campos e no exílio que se sente particularmente obsecado por este tema.

É essa provávelmente uma das razões pelas quais os seus romances não são por agora publicados nas revistas russas.

Outras pessoas teceram comentários diferentes. Afirmam uns que, sendo ele um escritor de talento, escreverá um dia uma obra literária de valor definitivo, isenta de um duplo sentido político. Um outro escritor afirma ter a impressão que Solienitsyne tenta e pretende dizer que os camponeses russos não foram felizes senão duas vezes desde a Revolução: primeiro, durante a nova política económica de Lénine depois sob a ocupação alemã. Trata-se, sem dúvida de uma opinião extremista.

A casa editorial *Imgres*, de Francfort faz um grande negócio com a revenda dos manuscritos a editores ocidentais. Mas coloca os escritores numa situação particularmente embaraçosa.

No caso de Soljenitsyne, chamaram as atenções sobre a sua obra usando de frases como «A construção da sociedade comunista não preocupa Soljenitsyne. Fala da vida dos soviéticos comuns, e as suas histórias, mesmo as publicadas no magazine soviético «Novy Mir», são tão diferentes dos *clichés* da propaganda soviética como o *Doutor Jivago*, de Pasternak».

Este género de publicidade colocou o escritor, que é membro da União dos Escritores, numa situação difícil. Mas ele nunca protestou pessoalmente. Quando lhe mostram este género de coisas, recusa-se simplesmente a vê-las, como para evitar uma reacção pessoal.

Não está de acordo com a União dos Escritores, quanto a muitas questões, mas não quer desistir da sua qualidade de membro. A União dos Escritores não quer expulsá-lo, porque ele é um autor popular.

Soljenitsyne indigna-se com o ataque da «Literaturnaya Gazeta» do Verão passado.

—Porque não publicaram, de 21 de Abril a 26 de Junho, o meu protesto e a minha proibição de publicar no Ocidente o *Pavilhão dos Cancerosos?* Levaram três meses — acrescenta ele — a ridicularizar a minha carta sobre a interdição. Por isso, anunciei que não prestarei mais declarações públicas, que não escreverei mais nada. Escrever públicamente acabou para mim. Eis tudo. Aprendi a lição.

Soljenitsyne está persuadido de que se a «Literaturnaya Gazeta» tivesse publicado imediatamente a sua carta, o Ocidente não teria transgredido a proibição da publicação da sua obra. No entanto, a existência desta carta era conhecida pelos editores interessados, que pura e simplesmente a ignoraram.

— Sou um homem amorreitos — lamenta-se o escritor — Um homem sem direitos impossibilitado de responder àqueles que o caluniam.

E acrescenta:

— Sou um homem amordaçado. Estou atado de pés e mãos, e sofro de há três anos para cá.

Os russos amam os mártires — e Solienitsyne não recusa o papel.

— Sou um homem tão infeliz que já escrevi á União dos Escritores dizendo que estou pronto a aceitar a morte. Hoje ou amanhã, não interessa: a todo o momento. Estou enterrado até ao pescoço. E alguns gostariam de me ver na prisão...

Embora sabendo da impossibilidade da publicação de *O Pavilhão dos Cancerosos* e de *O Primeiro Circulo*, Solienitsyne passa grande parte do tempo a escrever.

— Satisfaço a minha ambição de escritor. A vida privada não me interessa.

Exclusivo
«WASINGTON POST»
«DIARIO DE LISBOA»

Uma poesia da afirmação

(Continuação da 1.ª página)

ca ligeira me parece um falso problema. Uma canção tem uma letra e uma música. A música é como for; e a letra, se depende dos poetas que seja boa, porque não hão-de ser os poetas a escrevê-la? É certo que vai ser esquecida, esmagada pela evidência da melodia. É certo que vai ser queimada. Mas que é a poesia no seu movimento mais profundo senão o ritual e sacrifício da palavra? A contestação e a revolução das formas estabelecidas da cultura devem processar-se nos níveis mais diversos, ora assumindo o rigor da análise teórica e da precisão erudita, ora escolhendo a violência do escândalo e da provocação.

Por conseguinte, os poetas que têm a ousadia de serem cantados em música ligeira (e penso em Pedro Homem de Mello, em David Mourão-Ferreira, em Alexandre O'Neill, em Ary dos Santos, em Manuel Alegre em Carlos de Oliveira, entre outros só merecem de nós um impulso de simpatia. É certo que há um risco a correr. Circular demasiado nas vozes desencontradas da opinião pública *identifica* excessivamente as pessoas. Seria perigoso que Ary dos Santos se transformasse em «o autor da Desfolhada», e que isso acontecesse em prejuízo da leitura efectiva da sua obra poética. A divulgação banaliza, aproxima do lugar-comum. O riso (por vezes idiota) cerca de perto tais empreendimentos. Mas — contra a solenidade oca a seriedade paquidérmica e a engravatada rigidez de certos princípios — vale a pena impôr o inadiável preceito de Bataille: «que toda a verdade que não nos fez estourar de riso ao menos uma vez seja considerada por nós como falsa».

RESTA agora falar do livro: *Insofrimento in sofrimento* de Ary dos Santos. (*) No último número da revista *Nova Antena* (espero bem que apreciem esta riqueza bibliográfica...) David Mourão-Ferreira faz notar que em relação ao poema de *Desfolhada*, ainda se não acentuou suficientemente a descontinuidade lógica do discurso poético, a sua articulação estrutural. Ary dos Santos, numa entrevista, dizia-nos que tinha sido sua intenção traçar uma espécie de «paisagem anímica» da terra portuguesa. Tudo isto está certo, e diz o essencial: que Ary dos Santos sabe reunir os signos pertinentes de um certo espaço humano ou de uma determinada situação social. O livro que publicou agora mais não é do que uma imagem corrosiva e comovida do espaço onde vivemos. Simultâneamente, Ary dos Santos diz o que não sabe (como nota Deleuze, só se pode escrever sobre o que não se sabe) em relação às palavras de que se serve: a sua escassez a sua inadequação, o silêncio que as rodeia). «Atirar a pedra/ nos homens e na hora», é a legenda destes versos. Desequilibrar a conjuntura dos nomes, subverter a estabilidade dos vocabulários — é esse o objectivo do trabalho poético.

Por isso o punho ponho
em vez do sonho
no rascunho
Por isso a soco saco
o que é de facto:
Uma mulher com ancas de cidade
uma prensa um ruído uma cilada.
O que for outro
o que se possa
dizer escrevendo nada.

Vale a pena acentuar em Ary dos Santos a revelação do corpo da fala, da sua materialidade física: «Nós amamos a carne das palavras/ sua humana e pastosa consistência» Esta é uma das facetas mais curiosas desta poesia, o modo como nela as palavras se engendram umas das outras a partir de relações que se realizam no plano do significante, e não no plano dos significados. Os jogos de palavras, as aliterações, as combinações de rimas tudo isso contribui para uma produção do discurso poético que parece resultar duma exploração persistente da polpa das palavras, do seu envólucro sonoro: labirintos ocultos, apagadas zonas de sentido estratificado.

Séries como «bela-seca-oca-eco», «punho-ponho-sonho», «uva-leve-luva», «pérola-parola-gôndola-parada», «a ocidente o ócio por acidente o ócio por acidente o ódio», «dado-dedo-dardo», exemplificam o processo: uma tão grande confiança nas palavras que é no plano dos significantes, do seu mecanismo combinatório, que o poeta provoca a descoberta das metáforas, atribuindo-se assim aos efeitos do som uma função indutora.

NÃO devemos terminar esta simples nota sem uma advertência: parece evidente a quase todos a vocação poética de Ary dos Santos, a fluência dos seus versos, a espontaneidade calculada do seu trabalho literário. Contudo, essas vantagens transformam-se muito depressa em armadilhas, e Ary dos Santos nem sempre evita convenientemente as propostas da facilidade. O brilho e a desenvoltura do seu livro ocultam por vezes deficiências de construção: versos formados pela repetição duma palavra para deste modo se «agarrar» a rima adequada rimas repetidas com uma insistência suspeita («medo-segredo», por exemplo) — são estes alguns dos perigos que rondam uma poesia corajosa e oportuna, que não hesita em correr as ruas para dizer com uma maior clareza a alegria da sua afirmação.

(*) J. C. Ary dos Santos, *Insofrimento in sofrimento*, Lisboa, 1969.

EDUARDO PRADO COELHO

crítica

Uma poesia da afirmação

por Eduardo Prado Coelho

COMECEMOS pela filosofia, se não se importam. Por um livro importante: *Différénce, et répétition* de Gilles Deleuze. Li apenas 126 das 400 páginas que o compõem, mas meia-dúzia seria já o bastante para descobrir a espantosa qualidade do texto. Creio bem que, no quadro da filosofia francesa actual, *Différence et répétition* é tão decisivo e fundamental como *L'être et le néant* de Sartre, *La phénoménologie de la perception* de Merleau-Ponty, os *Ecrits* de Lacan, *Lire le Capital* de *Althusser* e Balibar, *Les mots et les choses* de Foucault ou *De La Grammatologie* de Derrida. Aliando uma apuradíssima tecnicidade filosófica a uma surpreendente força transgressiva e elegância de pensamento, Deleuze revela-se como um autor de primeiro plano. Interpretando Nietzsche, o seu grande filósofo, Deleuze procura purificar a teoria do eterno retorno das interpretações conservadoras ou mediocremente positivistas que habitualmente lhe dão, e apresentá-la como uma teoria da afirmação soberana, leve aérea, coroada. Afastando-se das formulações hegelianas da dialéctica em que o negativo vem engendrar a afirmação, Deleuze diz-nos que é a afirmação, plena e transbordante, que, na alegria de um gesto matinal, impõe a negação. A afirmação é o sim de Diónisa-Zaratrusta, a criação dos novos valores, a descoberta terrível da diferença. O eterno retorno não é a circulação mecânica do Mesmo, mas a afirmação do único na sua repetição diferenciante. O pensamento não representa os conceitos de diferença ou de repetição, mas é ele próprio o resultado irradiante do itinerário conjunto da diferença e da repetição no exercício dum pensamento intempestivo e vertiginoso, audaz e cruel. A afirmação é a força do soberano. Se o eterno retorno é uma roda, essa roda é centrífuga e exclui tudo aquilo que não suporta a experiência da vida. «Tudo o que é negativo e tudo que nega, todas essas afirmações médias transportam o negativo, todos esses pálidos Sins que de má vontade saem do não, *tudo o que não suporta a prova do eterno retorno*, tudo isso deve ser negado», escreve Deleuze.

SE falei do livro de Deleuze, não é apenas por ele ser revolucionário e inquietante, mas pelo facto de valorizar a afirmação como presença anárquica, palavra nómada, sentido da terra. Ora é isso mesmo, a marca dessa força, que suscita a minha simpatia pela obra de José Carlos Ary dos Santos — seja qual for o nível estético que ela atinge. A mesma energia e afirmação visceral que estão presentes nos textos de Natália Correia — a quem o livro de Ary é dedicado.

Aquela reserva feita quanto á qua-

lidade estética deriva apenas de esta energia afirmativa ser fundamentalmente uma forma de comportamento e não um possível critério do valor literário duma obra. Quer isto dizer que a força de tal afirmação se pode manifestar em múltiplas e variadas coisas — algumas «nobres» e outras «indignas», segundo a perspectiva de certos veneradores da cultura. Na letra da *Desfolhada*, por exemplo, a nossa canção do Festival, etc., etc. Na interpretação de Simone num certo tom das suas entrevistas etc. etc. Inclusivamente, na tranquila insolência com que o poeta baralha o «nobre» e o «não-nobre» confundindo os espíritos, subvertendo as almas que querem todas as coisas nos seus lugares, e sobretudo a cultura. Ou ainda no modo como o poeta está presente participa nos acontecimentos, adere à «impureza» do quotidiano. É essa a razão duma certa simpatia *a priori* — razão moral, portanto. Mas razão maior.

De Nietzsche ao festival, o salto é brusco — mas como dirá o Peter Sellers de *A pantera cor-de-rosa*, foi tudo rigorosamente premeditado.

QUER isto dizer que aquele problema de os poetas deverem ou não deverem colaborar com a músi-

(Continua na 7.ª página)

«OS VISIGODOS» em questão

A PEÇA «Os Visigodos», de Jaime Salazar Sampaio, recentemente posta em cena e metebricamente afastada do convívio do público, esteve na base de duas perguntas formuladas, respectivamente, ao autor e ao encenador.

Regista-se — para a história de um empreendimento teatral de tão fugaz permanência no palco.

UMA PERGUNTA A SALAZAR SAMPAIO:

— Não ignorava certamente que «OS VISIGODOS» não era uma peça de fácil comunicação. Que importância julga ter para a sua obra futura o acolhimento que o público do Nacional lhe reservou?

— Antes de ser um diálogo com o público, uma peça é, para o seu autor, um combate singular entre ele e o nada. Para essa fase inicial da criação não posso tirar qualquer lição da subida á cena dos «VISIGODOS» no Teatro Nacional, já que nunca escrevi deliberadamente uma peça de Teatro, deste ou daquele género, com esta ou aquela «mensagem».

Uma peça é para mim um encadeado *necessário* de palavras, situações, que se basta a si próprio e constitui como que um objecto. Digamos: trata-se de um copo que o público é convidado a encher. O que pode acontecer é que um espectador não tenha nada para deitar lá dentro — e assim, ao cair do pano, se encontre perplexo com um copo vazio na mão.

UMA PERGUNTA A ARTUR RAMOS

— Nas últimas peças que tem encenado conta-se uma forte percentagem de peças de difícil comunicação: «FELIZ ANIVERSÁRIO», «DIAS FELIZES» e agora «OS VISIGODOS». Não falta quem entenda não ser este o tipo de Teatro que interessa propor ao actual público português. Quer explicar-nos qual é a sua posição perante esse problema?

— O público português está actualmente a revelar receptividade a um Teatro «directo» («TANGO», «O TEMPO E A IRA» e até «SABINA FREIRE») em que se façam críticas claras á sociedade em que vivemos. O que é perfeitamente lógico e natural: em todos os tempos e em todos os países a possibilidade (quando existe) de assistir a uma crítica social directa chamou sempre ao teatro um público interessado e participante.

Não está porém na mão dos empresários — e muito menos na dos encenadores — montar as peças que se filiam nessa corrente. O chamado «condicionalismo actual do nosso Teatro» torna essa vasta zona de peças um terreno de caça extremamente incerto: há surpresas, por vezes, mas a maior parte do tempo a «caça» está bem guardada. Ora quando não é possível fazer crítica social clara, restam duas hipóteses a quem quer ir trabalhando: não fazer crítica social nenhuma, ou fazer crítica social obscura. Eis o que me tem levado a oscilar entre peças como «O FUSÍVEL» e como «OS VISIGODOS».

Esta explicação — que pretende apoiar-se em dados objectivos — é no entanto incompleta. E até talvez falsa.

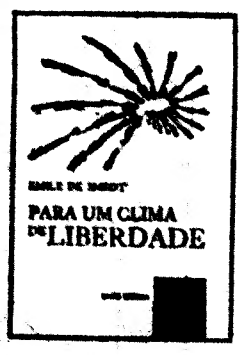
A razão fundamental por que tenho encenado as tais «peças de difícil comunicação» é porque gosto delas. Alguma diferença tem de haver entre fazer Teatro e trabalhar numa repartição pública.

Ah se todos os que fazem Teatro — desde o Autor ao Público — o fizessem com aquele gosto que a canção recomenda!...

• PARA UM CLIMA DE LIBERDADE

Emile de Smedt.....35$00

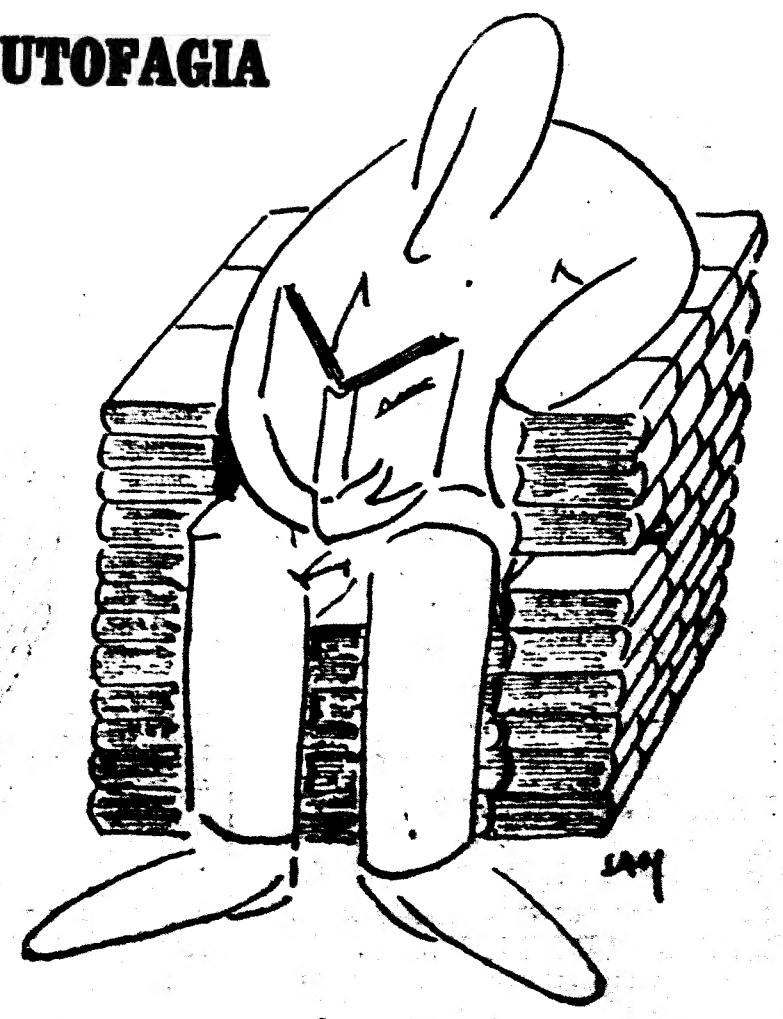
«Encaremos o caso de frente. O grupo familiar e tranquilizador de outrora desfez-se e desarticulou-se. Os fiéis são atirados para um mundo confuso. Numerosos crentes modernos opuseram-se à ingerência da Igreja na sua problemática pessoal. Por conseguinte, não será caso para perguntar se a comunidade eclesial chega a viver e a proclamar a mensagem cristã de um modo suficientemente adaptado à situação actual? Impõe-se com urgência um exame sincero desta questão.»



UNIÃO GRÁFICA — R. Santa Marta, 48 — LISBOA

uma editora em renovação

AUTOFAGIA



Cartoon de SAM